



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

**OCTÁVIO AUGUSTO BUENO FONSECA DA SILVA**

**INCLUSÃO DIGITAL: DA SINERGIA GLOBAL AO  
DISCURSO DE ÓDIO**

**CAMPINAS,  
2019**

**OCTÁVIO AUGUSTO BUENO FONSECA DA SILVA**

**INCLUSÃO DIGITAL: DA SINERGIA GLOBAL AO DISCURSO DE  
ÓDIO**

**Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.**

**Orientador: Prof. Dr. Tristan Guillermo Torriani**

**Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pelo aluno Octávio Augusto Bueno Fonseca da Silva e orientada pelo Prof. Dr. Tristan Guillermo Torriani**

**CAMPINAS,  
2019**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Dionary Crispim de Araújo - CRB 8/7171

Si38i Silva, Octávio Augusto Bueno Fonseca da, 1990-  
Inclusão digital : da sinergia global ao discurso de ódio / Octávio Augusto  
Bueno Fonseca da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Tristan Guillermo Torriani.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de  
Estudos da Linguagem.

1. Internet - Aspectos sociais. 2. Inclusão digital. 3. Classes sociais - Brasil.  
4. Inclusão social. 5. Sociedade da informação. I. Torriani, Tristan Guillermo. II.  
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III.  
Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Digital inclusion : from the promise of global synergy to the rise of  
hate speech in Brazil

**Palavras-chave em inglês:**

Internet - Social aspects

Digital divide

Social classes - Brazil

Social inclusion

Information Society

**Área de concentração:** Divulgação Científica e Cultural

**Titulação:** Mestre em Divulgação Científica e Cultural

**Banca examinadora:**

Tristan Guillermo Torriani [Orientador]

Terezinha de Jesus Machado Maher

Ruleandson do Carmo Cruz

**Data de defesa:** 28-06-2019

**Programa de Pós-Graduação:** Divulgação Científica e Cultural

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-9249-6581>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7361999886454069>



## **BANCA EXAMINADORA**

**Tristan Guillermo Torriani**

**Terezinha de Jesus Machado Maher**

**Ruleandson do Carmo Cruz**

**IEL/UNICAMP  
2019**

**Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.**

## **Agradecimentos**

Ao Prof. Dr. Tristan Guillermo Torriani, meu orientador, pela confiança depositada em meu trabalho e por sempre ter me apoiado, tanto no aspecto acadêmico, quanto no aspecto pessoal. Seu suporte foi decisivo em meu percurso.

Aos membros da banca, por todas as grandes contribuições que deram a essa dissertação.

Aos meus pais e a toda a minha família, que sempre acreditaram em mim e me proporcionaram valores imateriais e afetivos decisivos para a minha caminhada até aqui.

A todos os professores que tive, em toda a minha vida.

A todos os meus amigos, e em especial, aos que estiveram mais próximos de mim durante a realização dessa pesquisa: Jeverson Barbieri, Jean-Frédéric Pluinage, Henrique Perone, Minéya Fantim, Paola Sayuri, Priscila Martins, Rodrigo Granja e Raphaela Velho.

À UNICAMP, por toda a importância que tem em minha vida e na vida de todos os cidadãos, enquanto Universidade Pública gratuita e de qualidade.

## **Resumo**

Esta dissertação realiza uma análise crítica da ideia de inclusão digital como promotora de uma sociedade mais igualitária e pacífica, frente à ascensão de discursos de ódio que se tem visto na internet do Brasil. Para isso, realiza-se um percurso histórico que começa com a criação da internet, onde se estabeleceu o mito de que através dela a humanidade entraria em um estado de sinergia, viabilizado através da inclusão digital. Em países como o Brasil, onde há profunda desigualdade social e grande extensão territorial, a inclusão digital, na perspectiva da massificação do acesso à internet, só se tornou realidade muito recentemente, graças, sobretudo, aos *smartphones* com internet móvel. Nesse sentido, longe de se verificar um ambiente harmonioso, que diminuiria os conflitos e a desigualdade social, como fora prometido, tem sido cada vez mais comum associar a internet ao aumento das alterações entre cidadãos. Para tratar dessa temática, foi realizada uma análise, através da metodologia de pesquisa documental, somada à colaboração de diversas áreas das ciências sociais, de duas páginas colaborativas de grande audiência, no *Facebook*, para revelar como a rede tem sido utilizada para disseminar discursos de preconceito social e linguístico contra pessoas de baixa renda, sendo justamente essa mesma classe social que teve acesso à internet por último, o que evidencia uma relação de má recepção por parte dos internautas que já tinham acesso há mais tempo frente aos recentes “inclusos digitais”. Ao contrário da expectativa gerada inicialmente, a internet tem sido usada para isolar indivíduos, em vez de conectá-los para a promoção do bem estar, e assim, tem sido ferramenta para promoção de preconceito social, em vez de sua redução. Essas descobertas sugerem que há uma urgente necessidade de reformular as atuais ideias acerca da inclusão digital para além da perspectiva do mero acesso e do domínio dos softwares, preparando a sociedade, através de políticas públicas e da educação, para lidar com esses novos meios simbólicos de exclusão social.

## **Palavras-chave:**

Internet – Aspectos sociais; Inclusão digital; Classes sociais – Brasil; Inclusão social; Sociedade da informação

## **Abstract**

This dissertation seeks to provide a critical analysis of the idea of digital inclusion as a promoting agent for social equality and peace in the face of the rise of hate speech observed on Brazilian internet. The historical aspect of the subject is covered beginning from the time when the internet was first recognized as a day to day tool for information discrimination and when the myth was created that internet lead humankind to a state of synergy by means of social inclusion. In large countries such as Brazil with a prevailing and deep-rooted social inequality, inclusion from the point of view of internet access expansion became a reality only in recent times with the development of smartphones and the mobile internet concept. In this respect, far from ushering into a socially harmonious environment with a decrease of social conflicts and inequality as predicted, what has been observed is the use of the internet to promote hate among its users.

An analysis was carried out using scientific documentation methodology together with the theoretical contribution of several areas of the social sciences and highly accessed collaborative Facebook pages, to demonstrate how the internet have been used to disseminate ideas of social and linguistic prejudice against low-income people which were the last ones to get internet access, showing a negative reception from the netizens already using the technology. Contrary to the initial expectations, the internet has been used to isolate individuals rather than connecting them for the common good, as well as to an increase in the practice of social prejudice. These findings suggest that there is an urgent need to reformulate current ideas concerning the digital divide that go away beyond mere increase of access and software, and require public policy measures such as more education to better deal with these new symbolic ways of social exclusion.

## **Keywords:**

Internet – Social aspects; Digital inclusion; Social classes – Brazil; Social inclusion; Information Society

## Sumário

Introdução .....	10
Capítulo 01 – Internet no Brasil e no Mundo.....	12
1.1 – Um olhar prevenido sobre o surgimento da internet .....	13
1.1.1 – Futuros Imaginários, Aldeia Global e a utopia do acesso à internet.....	15
1.2 – Inclusão digital.....	21
1.3 – Políticas de inclusão digital no Brasil.....	23
1.4 – A expansão do acesso à internet trazida pela internet móvel .....	29
1.5 – 2008-2012: “Maldita Inclusão digital!”, “Orkutização” e outros fenômenos .....	34
Capítulo 02 – Aspectos teórico-metodológicos.....	40
2.1 – Pesquisa Documental .....	41
2.2 – Estudos Culturais na era da WEB 2.0.....	44
2.2.1 – Cultura e Identidade.....	45
2.2.2 – Identidade, comunidades de ódio e (des/re)territorialização .....	49
2.3 – Preconceito social: a ralé brasileira .....	53
2.4 – Categorias de análise.....	59
2.4.1 – Preconceito de gostos e estilos de vida.....	59
2.4.2 – O preconceito linguístico.....	64
2.4.2.1 – O que é preconceito linguístico?.....	65
2.4.2.2 – As especificidades do preconceito linguístico na internet.....	68
Capítulo 03 – Análise dos dados.....	72
3.1 – Aprendendo Dollynez .....	74
3.1.1 – Dollynho, Grupo Dicas dollynho e o Dollynez .....	74
3.1.2 – O pobre retratado como um animal e sem higiene.....	78
3.1.3 – O pobre como grosseiro e vulgar.....	80
3.1.4 – Pobre como dramático e violento.....	85
3.1.5 – Meritocracia: o pobre retratado como preguiçoso .....	87
3.1.6 – Inclusão Digital .....	90
3.1.7 – Comentários dos usuários.....	94
3.2 – Português da Depressão.....	96
3.2.1 – Grupo Português da Depressão .....	97
3.2.2 – O sórdido preconceito linguístico.....	98
3.2.4 – Chacota em grupos de compra e venda .....	101
3.2.5 – Exposição de chats privados.....	103
3.2.6 – Preconceito linguístico “in natura” .....	104



<b>3.2.7 – Comentários dos usuários.....</b>	<b>105</b>
<b>3.3 – A presença do contraditório.....</b>	<b>106</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>109</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>112</b>
<b>ANEXO I – Lista de figuras do Corpus “Aprendendo Dollynez” .....</b>	<b>122</b>
<b>ANEXO II – Lista de figuras do Corpus “Português da Depressão” .....</b>	<b>128</b>

## Introdução

A internet surgiu, para os usuários domésticos, em meados dos anos 90. Nessa época, acreditava-se que a humanidade estaria finalmente vivenciando o início de uma revolução já preconizada há muito tempo, desde a ideia de Aldeia Global, prevista na teoria de McLuhan (1969, p.112). Em tal revolução, todo o globo estaria interligado graças à tecnologia, e então todos entrariam em um estado de sinergia, dado que os dispositivos tecnológicos trariam uma vida harmoniosa e menos laboriosa (BARBROOK, 2009; ALL..., 2011; DORNELLES, 2015, p.19).

Havia, entretanto, uma barreira para a concretização desse sonho: se a interligação do globo traria diversos benefícios, seria preciso que as pessoas estivessem também interligadas, e isso se daria através da conexão à internet. Como o acesso era muito caro, surgiram diversos programas de inclusão digital, que, sob um discurso de que os cidadãos não poderiam ser privados das maravilhas trazidas por essa invenção, promoveu e ainda promove a expansão do acesso de diversas maneiras.

Em países como o Brasil, por conta da desigualdade social aliada a um território geográfico bastante extenso, ainda que diversas políticas públicas possam ter ajudado na expansão do acesso, a internet móvel, surgida no ano de 2008, ganhou destaque na popularização da conexão à internet, alcançando regiões aonde a internet banda larga não havia chegado, além de ter um custo menor.

Nesse cenário, entre os anos de 2008 e 2012, houve um choque entre alguns grupos de “habitantes” do espaço cibernético, que já o ocupavam há algum tempo, e os novos usuários, de classes mais humildes, que só tardiamente conseguiram acesso à internet. Esse choque foi registrado por diversos pesquisadores (CRUZ, 2012; RECUERO, 2010; SABBATINI, 2011; DORNELLES, 2015), que perceberam a hostilidade de certos nichos do ambiente virtual à presença dos recém-chegados. Algum tempo já se passou, e hoje o acesso à internet é uma realidade para a maioria dos brasileiros. Dado esse contexto, e o número cada vez maior de usuários da rede, torna-se relevante perguntar se a hostilidade registrada continua a ocorrer; e em caso positivo, onde e de que maneiras.

Com base nesses pressupostos, propomos uma reflexão sobre a expansão do acesso à internet no Brasil até a atualidade, com o objetivo de interpretar situações atuais de preconceito social manifestado através do discurso de ódio. Este é o tipo de discurso que representa algo ou alguém que desagrada subjetivamente a outro indivíduo ou grupo, e que se manifesta pelo desejo de proibir ou coibir a expressão pública do que é odiado. Neste

trabalho, discutimos o discurso de ódio direcionado para os mais pobres, pertencentes, sobretudo, à classe da ralé brasileira (SOUZA, 2018), a última classe a conseguir acesso à internet.

Para cumprirmos este intuito, no primeiro capítulo traçaremos uma linha de raciocínio que começa com a história da internet, priorizando questões políticas e ideológicas envolvidas em sua criação, sendo elas base para o surgimento de discursos como o da Aldeia Global. Esses aspectos também alimentaram o sonho da inclusão digital, que, no mesmo capítulo, foi abordado rumo a uma perspectiva mais regionalizada, direcionada ao Brasil. Nesse sentido, será demonstrado que os *smartphones* com internet móvel desempenharam, neste país, um importante papel para a popularização do acesso à internet, sendo também o veículo dos mais pobres rumo à “maldita inclusão digital”, conforme o discurso de seus detratores.

Nosso modelo teórico metodológico é apresentado no capítulo seguinte. Por meio da pesquisa documental, buscamos subsídios para compreender os conflitos verificados, sobretudo aqueles em que o preconceito social contra os chamados membros da ralé brasileira (SOUZA, 2018) era patente. Para interpretar este fenômeno, consultamos pesquisas em diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais, que nos permitiram construir duas categorias de análise: a distinção por gostos e estilos de vida, baseada, sobretudo, em Bourdieu (1976, 1983, 2017), e o preconceito linguístico, baseado, principalmente, na teoria de Bagno (1999).

No terceiro capítulo, apresentamos nosso corpus e a análise com base no modelo proposto no capítulo anterior. O corpus é composto de 190 postagens (e respectivos metadados – comentários, curtidas e número de compartilhamentos) de duas páginas colaborativas de grande repercussão na rede social *Facebook: Aprendendo Dollynez e Português da Depressão*. Ambas as páginas estão diretamente relacionadas à promoção de discursos de ódio e preconceito contra classes sociais mais baixas, censurando e expondo indivíduos à chacota pública. O escárnio contra este grupo muitas vezes transcende o espaço virtual, com a venda de camisetas e bonecos exibindo mensagens preconceituosas, que simbolizam uma verdadeira nação do ódio. Com a análise, demonstramos que, a despeito de certas expectativas, a internet pode levar à reprodução ou acentuação das diferenças sociais. Nesse sentido, concluímos que, a inclusão digital está deixando de ser uma barreira técnica, para se tornar uma barreira simbólica, onde o meio social define, com base em critérios de preconceito social, aqueles que podem se expressar livremente na internet, e aqueles que não podem.

## Capítulo 01 – Internet no Brasil e no Mundo

A internet é uma tecnologia revolucionária. Ela permite a união de diversos tipos de mídia como textos, vídeos e imagens, além de romper barreiras geográficas em milésimos de segundos. Ela também possibilita a emissão de conteúdos para uma grande audiência a um custo infinitamente menor em relação ao que se tinha anteriormente, que eram as revistas impressas, jornais, rádio, televisão, CD, etc.

Por trazer diversas possibilidades que antes estavam restritas a um capital financeiro elevado e aos grandes meios de comunicação, estendendo a capacidade de produzir e publicar conteúdos para o usuário, além de revolucionar os meios de comunicação, a rede trouxe

um sopro otimista, em que se previa o advento de uma também nova sociedade, na qual os limites, agora dissolutos, permitissem novas trocas permanentes entre comunidades (DORNELLES, 2015, p.19).

Essa visão, segundo a qual a internet seria um instrumento capaz de dar voz a todos, permitindo novas trocas em comunidades, não é apenas de natureza técnica. Ela remonta historicamente a antigos sonhos, registrados nas ideias das comunas *hippies* e do *comunismo cibernético*<sup>1</sup>, que associados à Aldeia global de McLuhan (1969), propunham um novo estado de harmonia e bem estar social em todo o globo. Essas ideias também influenciaram as expectativas e a busca pela inclusão digital.

Ao compreender esses aspectos, poderemos defrontá-los com a atualidade, para refletir se esses prometidos avanços foram ou estão sendo alcançados. E nesse sentido, veremos que, a tese utópica da internet como espaço de harmonia e igualdade se mostra insustentável desde sua disponibilização para uso doméstico, onde sendo uma nova tecnologia “para todos”, mas que apenas alguns tinham acesso, o espaço da web foi “colonizado” primeiramente pelos mais ricos, e só depois, muito recentemente, membros das classes com menor renda passaram a acessá-la. Isso contrariou justamente a ideia *hippie* envolvida no surgimento da internet como processo democrático e colaborativo, pautado pela igualdade de condições e oportunidades, e, como será demonstrado, gerou lastro para tensões entre os primeiros habitantes e os novos, que chegaram tardiamente, através da inclusão digital.

Iremos agora nos aprofundar na contextualização desse cenário, para depois entrar em aspectos mais regionalizados, centrados em nosso país, o Brasil, rumo à análise dos dados, que nos mostrará que, de um ambiente pautado na harmonia, temos visto, com bastante frequência, a circulação do discurso de ódio.

---

<sup>1</sup> ver pág. 18

## 1.1 – Um olhar prevenido sobre o surgimento da internet

Descrever e discutir o surgimento da internet não é tão simples quanto parece. Muitas vezes a história da internet é contada através de aspectos puramente técnicos, que compreendem aspectos de infraestrutura, *hardware* e *software* – como se não houvesse aspectos políticos envolvidos. É também frequente a divisão da história da internet, nesse tipo de texto, em três fases: a primeira, em que se destaca seu uso bélico; a segunda, que foca sua utilidade científica, e a final e atual, em que é narrada sua prioridade comercial<sup>2</sup>.

De acordo com esta narrativa, na primeira fase dessa classificação, o único interesse por trás do surgimento e desenvolvimento da internet teria sido fazer dela uma ferramenta de guerra, para melhorar a comunicação entre tropas durante ataques. Isso se daria por sua característica de comunicação em “nós”, uma tecnologia que permite que a comunicação da internet ocorra de maneira descentralizada, sendo, portanto, resistente a ataques, já que não deixa de funcionar se um de seus nós forem bombardeados. Nesse primeiro momento, parece que a busca pela internet seria uma busca por superioridade militar, destituída de outras razões.

Na segunda fase, a internet é ainda considerada uma boa tecnologia bélica, porém ociosa diante da ausência do uso em guerra. Por estar subutilizada, ela teria sido “apropriada” pelas universidades, que teriam decidido utilizá-la para comunicação entre cientistas. Nessa fase, o foco dessas narrativas da história da internet sob um viés tecnicista é colocado na criação dos primeiros aspectos relativos à *Bitnet* (uma espécie de pré-internet), os primeiros *e-mails* e os primeiros *chats* realizados.

Também na terceira fase, aspectos técnicos são novamente priorizados. Fala-se na internet propriamente dita, no surgimento das tecnologias *TCP/IP*, o *WWW*, os primeiros navegadores de internet, a velocidade das primeiras conexões, os primeiros sites, e assim por diante.

Entender aspectos técnicos da internet é, de fato, muito importante. O problema é que tal narrativa empresta ares de neutralidade à internet. Os próprios envolvidos no desenvolvimento tecnológico, muitas vezes, também não percebem isso. Para Bill Joy, importante cientista da computação, que questiona o futuro das tecnologias, “a falta de percepção das consequências das invenções, quando se está no arrebatamento da descoberta e da inovação, parece ser uma falha comum a cientistas e tecnólogos” (2003, p.227).

---

<sup>2</sup> Um exemplo desse modelo de texto está presente no site “Tecmundo”, uma das principais referências sobre informática no Brasil: <http://www.tecmundo.com.br/internet/8949-20-anos-de-internet-no-brasil-aonde-chegamos-.htm> (acesso em 09. mai. 2019)

A compreensão acrítica da ciência e tecnologia, como se fossem destituídas de uso político, é uma tendência frequente na sociedade. Como o posicionamento de Bill Joy ilustra, muitas vezes os próprios cientistas também incorrem nesse erro. Felizmente, também há espaço, na ciência, para obras que nos advertem desse problema. Obras de Donna Haraway (2000), como *Manifesto Ciborgue*, e *Análise do Discurso Digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*, de Cristiane Dias, são alguns exemplos.

Assim, se desejamos compreender os contextos de produção da ciência e tecnologia – e, portanto, o contexto de criação da internet – de forma crítica, é fundamental a utilização de conhecimentos interdisciplinares. Dentro desse pressuposto, destaca-se a grande contribuição que as ciências humanas podem trazer ao debate. Aportes importantes neste assunto são oferecidos, por exemplo, pelos estudos do *capitalismo de vigilância* (ZUBOFF, 2015). Trabalhos desta área nos revelam como invenções tecnológicas, como os *smartphones*, estão muito longe de serem objetos inertes, ativados por comandos, como parecem. Pelo contrário: eles coletam constantemente dados e estatísticas sobre seus usuários, que serão transformados em elementos de interesse financeiro ou político para quem os produziu e/ou controla.

Este trabalho também pretende se dissociar da ideia de tecnologia como neutra. Propõe-se aqui a contribuição que as Ciências Humanas podem trazer para o problema de pesquisa. Por esse motivo, adotamos a perspectiva de Barbrook, em *Futuros Imaginários*, que questiona a narrativa corrente sobre a história da criação da internet e dos discursos de utopia que a envolvem. Este livro aparece como um contraponto ao *Meios de Comunicação como extensões do Homem*, de McLuhan (1969), influente livro em nossa sociedade, que propõe uma ideia de determinismo tecnológico que até hoje subsidia muitas narrativas a respeito da tecnologia, dentre elas, as questões que envolvem inclusão digital. Contrapondo McLuhan, Barbrook expõe e discute o processo de criação e elaboração de invenções tecnológicas, sustentando a tese de que muitas tecnologias presentes hoje não são produto do acaso; pelo contrário, foram cuidadosamente estudadas e planejadas com interesses outros além dos que aparentam ter. A internet de hoje, por exemplo, já era esperada desde os anos 60, contrariando o suposto discurso de melhoramento bélico:

Em 1966, três anos antes dos cientistas da UCLA, do Instituto de Pesquisa de Stanford, da UCSB e da Universidade de Utah conectarem seus primeiros quatro servidores entre si, a Comissão Bell convenceu-se de que a chegada da utopia da rede era iminente. Com confiança, previram que a maioria dos estadunidenses teria acesso aos bancos de dados on-line, lojas e bibliotecas dentro da década seguinte. Esse avanço tecnológico não somente transformaria radicalmente o

local de trabalho, mas também teria profundos efeitos culturais e sociais. No lugar da mídia de massa homogeneizada, as pessoas seriam informadas e entretidas por “jornais eletrônicos”, que seriam costurados de acordo com suas preferências pessoais. Ao invés da educação ficar confinada dentro de escolas e universidades, os indivíduos aumentariam seus conhecimentos com cursos on-line [...] (BARBROOK, 2009, p.206)

Como vimos na citação anterior, e poderemos ver mais adiante, a internet e os equipamentos que usamos para acessá-la já eram esperados há muito tempo. Não se trata de uma tecnologia surgida através de melhorias desconexas ou imprevistas. Ela é, na verdade, resultado de uma rigorosa agenda, que orquestrou sua criação.

### **1.1.1 – Futuros Imaginários, Aldeia Global e a utopia do acesso à internet**

Para dar direção aos rumos da humanidade, nossa sociedade despende energia em ideias. Essas ideias instalam um germe que nos motiva a buscá-las e se constituem assim, em um instrumento de poder (WOLF, 1999). Uma ferramenta muito importante para a germinação das ideias envolvidas com a tecnologia é a elaboração de “futuros imaginários”, que dá título ao já mencionado livro de Richard Barbrook, Professor de Hipermissão da faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Westminster:

A importância de uma tecnologia não está no que ela pode fazer aqui e agora, mas no que os modelos mais avançados poderiam ser capazes de fazer algum dia. O presente é compreendido como o futuro embrionário e o futuro ilumina o potencial do presente. (BARBROOK, 2009, p.37)

Através de uma estratégia discursiva que faz seu texto parecer sobre o futuro do passado, Barbrook dá exemplos contundentes de como diversos caminhos da humanidade se deram em razão de promessas de futuros imaginários, sendo muitos desses futuros ainda não alcançados, mas, uma vez prometidos e criada sua expectativa, a energia da sociedade é direcionada para eles. Com tais direcionamentos, consegue-se orçamento econômico e convencimento da opinião popular para buscar e concretizar essas ideias, disfarçadas por trás de equipamentos tecnológicos aparentemente neutros.

Dentro dessa perspectiva de desmitificar antigas promessas, Barbrook nos mostra os bastidores por trás da criação da internet. Seu livro nos permite entender a construção histórica do momento em que vivemos e dos antigos discursos que até hoje ecoam. Um desses discursos, que está presente também na questão da inclusão digital, é a união global que nos

foi vendida através da ideia de Aldeia Global, surgida, sobretudo em 1964, com McLuhan (1969).

Para melhor entender, voltemos à época de design e criação da internet que temos hoje. Ela se dá no início dos anos 60, como uma ferramenta de disputa política entre os Estados Unidos e a União Soviética. Os Estados Unidos, traumatizados pelo fracasso na disputa da corrida espacial, por conta do lançamento do *Sputnik*, empenharam todas as suas forças para evitar uma nova derrota. Assim, seu governo estabeleceu o objetivo de inventar a internet primeiro (BARBROOK, 2009, p.228).

As questões ideológicas já estão dadas desde o começo, mas é preciso reforçar, pois é comum, nesse tipo de situação, por conta da aparente neutralidade da tecnologia, imaginar que essa disputa possuía apenas um caráter tecnológico. A imagem criada, caso se tenha uma postura ingênua, é a de que cada país juntou seus cientistas e trabalhou arduamente para inventar a internet primeiro, como uma competição entre grupos em uma feira de ciências.

Na verdade o domínio da tecnologia era só um dos requisitos para se criar a internet primeiro. Além da tecnologia, era preciso convencimento da população mundial, e isso se fez através do domínio político. Não é à toa que John F. Ford, especialista da CIA, disse na conferência da sociedade cibernética estadunidense, em 1964, que a corrida para inventar a internet era uma competição tanto tecnológica, quanto ideológica (BARBROOK, 2009, p.235).

Nos bastidores da disputa de hegemonia ideológica, os Estados Unidos, inicialmente, não eram bem vistos pela comunidade mundial para se tornarem os inventores da internet. Isso afetava também a própria cooperação de alguns cientistas envolvidos, como por exemplo, Wiener, que era contrário às políticas militares americanas e nunca foi considerado bom aliado para construir a internet, ainda que tecnicamente recomendado. Mesmo sendo americano, era aclamado na Rússia, e não em seu próprio país (BARBROOK, 2009, p.211).

Em uma intensa disputa político-ideológica entre capitalismo e comunismo, fielmente retratada na obra de Barbrook, ficou claro para os Estados Unidos: era necessário convencer a população de que eles eram os indicados para construir o futuro. Para isso, os Estados Unidos precisaram exercer domínio político e também acadêmico. Para realizá-lo, eles cederam parcialmente em suas posições ideológicas de até então, criando uma espécie de *capitalismo light*, uma opção à sedução do caminho comunista de desenvolvimento (SOUZA, 2018, p.84).

Assim, nos anos 60, os Estados Unidos permitiram e até desejaram, de maneira regulada, a entrada de discursos de esquerda em seu próprio país, através da importação de acadêmicos “ex-marxistas” e financiamento de pesquisas de esquerda através do exército.



Esse grupo de uma esquerda “light” ficou conhecido como a *Esquerda da Guerra Fria* e seu objetivo era ser uma opção menos radical à União Soviética. Cabe citar aqui que com essa abertura focada na internet, houve permissão para os primeiros discursos antirracismo circularem no país:

Ao longo do início dos anos 1960, a Esquerda da Guerra Fria agiu para acabar com o problema mais intragável dos Estados Unidos: o racismo legalizado. Apesar da autoimagem de bastião da democracia, os Estados Unidos ainda não eram uma democracia plena no momento em que Kennedy foi eleito presidente. No sul do país, milhões de negros cidadãos estadunidenses não tinham o direito de votar. Para a Esquerda da Guerra Fria, a incompetência da administração republicana anterior em lidar decisivamente com esse absurdo não era só moralmente repreensível, mas também estrategicamente perigosa. [...] O que começou como um constrangimento internacional terminou como uma vitória da propaganda da Guerra Fria. Na contramão das previsões de seus críticos, os Estados Unidos demonstraram sua capacidade de se auto reformar. Os excluídos foram incluídos. Na batalha para ganhar a opinião pública global, a garantia de voto para todos os estadunidenses foi fortemente contrastada com a ausência de qualquer forma significativa de democracia eleitoral na Rússia. Sob a liderança da Esquerda da Guerra Fria, os Estados Unidos remediavam seus últimos problemas econômicos e políticos. O sistema estadunidense provou ser um modelo social para toda a humanidade. Em nenhum outro lugar pessoas comuns desfrutavam de tanta liberdade e prosperidade. Nenhuma outra nação conseguia tanto sucesso em transformar novas tecnologias esotéricas em eletrodomésticos cotidianos. Não poderia haver dúvidas sobre qual superpotência representava o progresso e a modernidade. (BARBROOK, 2009, p.186)

Dentro de todo esse cenário, os Estados Unidos desejavam, então, vender a ideia de internet de um ponto de vista de mercado, mas ao mesmo tempo, de inclusão social. É aí que entra a obra de McLuhan, com seu *Os meios de comunicação como extensão do homem*, de 1964. O livro propunha uma sociedade igualitária, graças à tecnologia. Isso era o que o governo precisava para vender a ideia de um futuro imaginário americano.

Televisores, telefones e computadores agora conectavam as pessoas do mundo. A rede eletrônica global criaria um sistema político global. A internet estava prestes a unir em uma só a humanidade dividida [...] Essa visão utópica da unidade mundial inspirou a frase de efeito mais famosa de McLuhan: a aldeia global. A convergência tecnológica iria – ao mesmo tempo – criar um sistema social único para toda a humanidade e restaurar a intimidade de se viver em comunidade. [...] leitores se deliciavam em ouvir que o ritmo veloz de inovação

tecnológica traria a paz e prosperidade para todos (BARBROOK, 2009, p.115)

Sendo um sucesso de vendas, a obra por si só, mesmo sem apropriação pelo governo, já trazia esse sentimento de que o futuro conectado era americano e vendia uma utopia em que haveria igualdade, união, paz, tanto pela conexão entre as pessoas na aldeia global, quanto pelo cálculo que os computadores iriam prover, num sentido de haver harmonia na distribuição do dinheiro. A utopia vendia a clássica imagem dos humanos em confortáveis redes, sendo servidos por robôs. As máquinas trabalhariam para nós.

O mcluhanismo foi identificado, sobretudo, com essa previsão de que a internet criaria o novo – e muito melhor – sistema social da aldeia global. Sob seu novo arranjo sensorial, os males da guerra, egoísmo e exploração desapareceriam. A chegada iminente da internet significava que as pessoas em breve viveriam, pensariam e trabalhariam numa civilização pacífica, igualitária e participativa (BARBROOK, 2009, p.116)

Dessa maneira, o que fez McLuhan tão mais atrativo do que Marx para a Esquerda da Guerra Fria foi a mensagem conciliatória do determinismo tecnológico. Descartando o papel do ser humano ser o centro da evolução social, ele elevava a máquina a sujeito da história (BARBROOK, 2009, p. 204). O livro vendia uma utopia e o governo americano a chancelava, mostrando que o sonho era possível.

Com uma sociedade pacífica e equilibrada, sendo mediada pelos computadores, não haveria, então, sentido na antiga e obsoleta disputa entre capitalismo e comunismo. O discurso McLuhanista anestesiava essa discussão. Estava sendo criada uma espécie de *comunismo cibernético*:

A nova vanguarda de comunistas computadorizados lideraria a construção de uma forma de comunismo cibernético mcluhanista. [...] Em 1961, em seu 22º Congresso, o Partido Comunista formalmente adotou o objetivo de espalhar os benefícios da informatização sobre toda a economia. Dentro de duas décadas, como prometeu Khrushchev, o povo russo viveria o paraíso pós-industrial do comunismo cibernético [...] Em 1967, a nova liderança do Partido Comunista da Tchecoslováquia estabeleceu um grupo multidisciplinar de especialistas para prover um esquema teórico para quebrar com seu passado stalinista. Com o apropriado título de Economia socialista e revolução tecnológica, Radovan Richta e sua equipe produziram o manifesto marxista mcluhanista campeão de vendas da primavera de Praga de 1968 (BARBROOK, 2009, p.219)

Não nos ateremos aos mínimos detalhes do McLuhanismo e da questão ideológica por trás da disputa entre os Estados Unidos e a União Soviética. Para isso, é mister indicar a leitura completa do livro de Barbrook. O que interessa mostrar, até aqui, é que a construção da internet foi tão ideológica quanto tecnológica e que, durante sua construção, houve a criação de uma utopia de sociedade igualitária.

Retornando à discussão proposta pelo livro e por esse capítulo, sabemos que os Estados Unidos ganharam a disputa contra a União Soviética. O modelo de internet que temos é americano. A vitória ficou cristalizada, sobretudo, quando a União Soviética foi desfeita, mas já havia ocorrido antes disso.

A vitória dos Estados Unidos trouxe diversos investimentos para as empresas do Vale do Silício. Essas empresas, por sua vez, abastecidas com enorme dinheiro vindo do governo americano, sem competidores em nenhum outro espaço do globo, começaram então a construir e popularizar sua própria versão de McLuhanismo adaptado a seus interesses, o que ficou conhecido como *Ideologia Californiana*:

Esta nova fé emergiu de uma bizarra fusão da boemia cultural de São Francisco com as indústrias de alta tecnologia do Vale do Silício. Promovida em revistas, livros, programas de televisão, páginas da rede, grupos de notícias e conferências via internet, a Ideologia Californiana promiscuamente combina o espírito desgarrado dos hippies e o zelo empreendedor dos yuppies. Este amálgama de opostos foi atingida através de uma profunda fé no potencial emancipador das novas tecnologias da informação. Na utopia digital, todos vão ser ligados e também ricos. Não surpreendentemente, esta visão otimista do futuro foi entusiasticamente abraçada por nerds de computador, estudantes desertores, capitalistas inovadores, ativistas sociais, acadêmicos ligados às últimas tendências, burocratas futuristas e políticos oportunistas por todos os EUA. (BARBROOK; CAMERON, 2018).

A Ideologia Californiana trouxe de volta a questão do mercado para o debate. Agora, sem um inimigo comunista para enfrentar, discursos do capital poderiam novamente circular sem preocupações. Para os ideólogos californianos, as profecias da esquerda da guerra fria estavam equivocadas. Longe de transcender o mercado, a internet era sua apoteose (BARBROOK, 2009, p.353).

Para entender em detalhes e de maneira sintética o que foi a Ideologia Californiana e os impactos globais de seus equívocos para o mundo, indicamos o documentário *All Watched Over by Machines of Loving Grace*, da BBC. Dividido em três capítulos, ele demonstra as influências das ideias de Ayn Rand na constituição das empresas do Vale do Silício, dos

hippies na questão da Aldeia Global e os impactos (negativos) dos computadores na administração de Bill Clinton e no mundo todo, com acentuação da desigualdade social e promoção de guerras civis.

No final dos anos 2000, a internet era onipresente, porém ainda era um negócio comum. A aldeia global não curara as divisões de nação, classe e cultura que infestaram a era industrial. Contrário ao credo McLuhanista, o advento da internet não marcou o nascimento de uma nova civilização humanista e igualitária [...] os McLuhanistas deveriam explicar por que essa revolução tecnológica não causou uma revolução social. Por algum motivo, a utopia foi adiada (BARBROOK, 2009, p.376-377)

Apesar do fracasso da utopia da Aldeia Global ter sido demonstrado diversas vezes, o discurso ainda não desapareceu, porque se pensa que a utopia foi adiada, como mostrado na citação acima. Muitos dizem que ainda estamos caminhando em direção à Aldeia Global, e, para alcançá-la, precisaremos primeiro que todos estejam incluídos digitalmente. A “culpa” seria, portanto, da exclusão digital, e não do fato de, mesmo com acesso, ela não promover tantas coisas boas quanto se prometera.

Outros dizem que ainda não alcançamos a Aldeia Global porque, para alcançá-la, precisamos de uma inteligência artificial bastante desenvolvida. É bom lembrar que o discurso da Inteligência Artificial (I.A) também foi pano de fundo da criação da internet e é bastante usado para justificar a inclusão digital, pois, para desenvolver a I.A, precisamos de mais e mais usuários. Por exemplo, para uma I.A aprender a dar informações sobre o trânsito, precisa de dados de vários usuários. Quanto mais gente usando a internet, melhor.

Como o discurso da utopia permanece circulando, sua crítica também precisa, necessariamente, circular. Para fazê-la, são diversos os caminhos possíveis. A questão da inteligência artificial, por exemplo, já vem sendo desmitificada por estudiosos que mostram que as máquinas baseadas nessa tecnologia consolidam os vieses sexistas, racistas e classistas que prometiam resolver (SALAS, 2017).

Tentando trabalhar de maneira mais regionalizada, isso é, com nosso país, o Brasil, iremos mostrar aqui exemplos de conflitos que acontecem dentro da internet, atingindo, sobretudo os mais pobres, promovendo o discurso de ódio ante a harmonia global. Com a expansão do acesso à internet, essas tensões parecem aumentar, em vez de diminuir, e por isso agora trataremos da inclusão digital, para depois problematizar os percursos que ela teve no Brasil.

## 1.2 – Inclusão digital

Acabamos de ver os sonhos e “futuros imaginários” que dão direção à sociedade. Sabemos que a inclusão digital é um deles. Ela nos é vendida de maneira romantizada. Argumenta-se que ela, por si só, pode melhorar a vida das pessoas, embora se esconda o fato de que é também de interesse do governo e das empresas que haja inclusão digital para que eles possam oferecer seus serviços de governo eletrônico ou de assinatura de serviços. Assim, desenha-se um “mito” em torno da inclusão digital, um futuro imaginário baseado, mais uma vez, na ideia de Aldeia Global:

O termo inclusão digital tem sido frequentemente utilizado, em especial pelas organizações internacionais e pelo setor público, para compor um jargão apelativo nas abordagens políticas de caráter geral e populista. Uma espécie de nova e mirabolante solução para quase todos os entraves da sociedade contemporânea: pobreza, desigualdade social, carências educacionais, injustiça social, violência, criminalidade, entre outros. (BONILLA; OLIVEIRA, 2011, p.34)

Embora teoria e prática estejam bastante dissociadas, o que se tem efetivamente realizado em termos de inclusão digital hoje em dia? Antes de responder, à luz tanto de dados empíricos, quanto dos autores consultados para a realização desse trabalho (BONILLA; PRETTO, 2011; DORNELLES 2015; MARQUES, 2016), precisamos primeiro estabelecer que quando falamos em inclusão digital, estamos na verdade falando de internet. É preciso deixar isso claro porque não é só a internet que faz parte do que chamamos de “digital”. Nesse sentido, muitos trabalhos acadêmicos a respeito desse problema sugerem que ao usar a definição “inclusão digital”, estamos automaticamente reconhecendo a definição “exclusão digital”, e, ambas seriam muito dicotômicas.

Para exemplificar: um indivíduo pode não acessar a internet, mas, saber usar um caixa eletrônico. Ele não é totalmente excluído digitalmente nesse ponto de vista. Portanto, para contemplar a ideia de um acesso precário, incompleto, ao mundo digital, muitos têm preferido tratar a questão como “marginalização digital” ou “desigualdade digital” (DORNELLES, 2015, p.78).

Embora o desejo seja alargar as definições, o signo que aqui será usado permanecerá inclusão/exclusão digital, pois assim como BONILLA e OLIVEIRA (2011, p.44), acreditamos que o termo, apesar de insuficiente, ainda remete melhor à ideia que desejamos tratar, e ainda é o preferido para a divulgação de trabalhos sobre o assunto em buscadores e plataformas de pesquisas acadêmicas. Portanto, quando falamos em inclusão digital, estamos, na verdade, falando sobre questões relativas à internet.

Uma vez esclarecido esse ponto, é ainda necessário dizer que a ideia de inclusão digital está frequentemente associada, mesmo quando se fala em internet, a apenas o acesso, ou seja, é incluído digitalmente quem tem acesso à internet. Essa ideia aparece tanto no senso comum, como em algumas políticas públicas.

No campo científico, entretanto, já se admite, há algum tempo, que a inclusão digital também mereça atenção quanto a um segundo ponto: proficiência no uso dos softwares e ferramentas. Não basta ter acesso aos equipamentos e à internet; é preciso saber usá-los, em um sentido pleno. Esse alargamento na visão de inclusão digital só foi admitido no campo teórico graças ao trabalho e insistência de inúmeros pesquisadores. É preciso pontuar, entretanto, que se admite a questão, mas ainda pouco se faz para mudá-la.

Ainda insistindo nesse segundo nível de inclusão digital, é importante frisar que a falta de domínio dos softwares é por si só motivo de grande preocupação para a construção, manutenção ou ampliação das segregações sociais, em uma sociedade que se projeta em torno da tecnologia, com, inclusive, sistema de governo eletrônico. Esse fenômeno, parecido com o analfabetismo funcional, é conhecido como *analfabetismo digital* (GATTI, 2005, p.12-25).

Carlos Alberto Oliveira e Suami Paula de Azevedo (2008), em um trabalho sobre a relação entre o analfabetismo digital, o analfabetismo funcional e a inclusão social, trataram, através da semiótica, da questão de como a sociedade tem se constituído entre dominador e excluído, onde estabeleceram quatro variáveis: a) possui plenas capacidades com a língua; b) não possui plenas capacidades com a língua; c) possui plenas capacidades com a informática d) não possui plenas capacidades com a informática.

Através de octógonos semióticos comparativos, os autores demonstraram que caminhamos para uma sociedade onde os dominantes serão proficientes tanto na linguagem tradicional quanto no conhecimento de informática (AC); depois, teremos aqueles que só dominam um dos dois (AD ou BC), e por fim, os totalmente excluídos, que não dominam nenhum (BD).

Do choque da cibernetização com o analfabetismo funcional, teremos o surgimento de um novo ser, com domínio da linguagem cibernética, mas destituído do domínio das letras. Esse, quase que compulsoriamente, vai ser um alienado na acepção marxista do termo [...] por fim, opondo-se ao dominante, como resultado do choque entre analfabetismo digital e funcional, teremos o surgimento do excluído social [...] (AZEVEDO; OLIVEIRA; 2008, p.107)

Dessa maneira,

perpetuam-se as mesmas relações de dominação que geram excluídos. Repetem-se os mesmos erros, ensaia-se o mesmo discurso “desenvolvimentista”, agora para uso das NTIC na educação, e permanece a mesma inação no que se refere a plena, real e necessária inclusão do indivíduo na sociedade em que ele vive”. (AZEVEDO; OLIVEIRA, 2008, p.112).

Apresentados esses dois níveis de inclusão digital, propõe-se aqui um terceiro nível: não basta ter acesso à internet, e também não basta dominar perfeitamente o software, se você não for autorizado a participar do ambiente pelos outros integrantes da web. E essa autorização acontece mediante o cumprimento de certa “performance” (GOFFMAN, 2018) esperada pelos outros internautas, que estabelecem certa “ordem do discurso” (FOUCAULT, 1971) no funcionamento das comunidades e redes sociais. Se o navegante não cumpre esses pré-requisitos implícitos, é então alvo de chacota e censura, conforme veremos mais adiante.

### **1.3 – Políticas de inclusão digital no Brasil**

A conexão à internet no Brasil, assim como em muitos lugares do mundo, também começou através das instituições de ensino e pesquisa. A primeira conexão em território nacional foi estabelecida em 1987, pela FAPESP, em uma rede ponto a ponto com o Fermilab, laboratório de Física em Chicago, nos Estados Unidos, utilizando a tecnologia Bitnet, descontinuada, mas de propósito semelhante ao da internet. A FAPESP continuou atuando fortemente na questão, sobretudo pelas necessidades acadêmicas da USP, UNICAMP, UNESP e do IPT e também foi responsável pelos primeiros pacotes a serem transmitidos pela, agora sim, internet, em 1991 (OLIVEIRA, 2014).

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo promoveu com tanta intensidade os primeiros passos da internet no Brasil que, durante bom tempo, proveu aporte técnico, inclusive, para outros provedores funcionarem. Um de seus engenheiros, Demi Getschko, foi também o primeiro Brasileiro homenageado pela *Internet Society* (Isoc) por ajudar a promover a internet no Brasil. Ele esteve a frente de diversos trabalhos relativos à internet, desde a RNP (Rede nacional de ensino e pesquisa) até o NIC.br (núcleo de informação e Coordenação do ponto BR):

A FAPESP teve uma grande participação no início da internet também como o único ponto de troca de tráfego (PTT) até 1998, quando vários provedores trocavam o tráfego no terceiro andar do prédio da FAPESP, no bairro do Alto da Lapa, em São Paulo. O PTT significa um local onde estão os roteadores que fazem a comutação entre os sistemas autônomos da internet. Por exemplo, é um local onde um e-

mail emitido pelo provedor Terra endereçado ao provedor Gmail encontra a rota de destinatário [...] Com a ampliação da rede, PTTs privados foram instalados, além de a FAPESP deixar totalmente as atribuições relativas à internet para o CGI. Com a separação total, a Ansp voltou a ser uma rede acadêmica como muitas existentes no mundo (OLIVEIRA, 2011, p.22)

Outra organização importante a ser lembrada é o CGI.br (comitê gestor da internet), que, criado em maio de 1995, através da Portaria Interministerial n.147, teve como objetivo, na época, coordenar, integrar e disseminar iniciativas de serviços internet no país.

No Brasil, em 1995, o Ministério de Ciência e Tecnologia e o Ministério das Comunicações criam o Comitê Gestor da Internet (CGI), formado por representantes da academia, das empresas envolvidas nas conexões, provedores e usuários. Uma das tarefas do CGI era cuidar do registro de nomes de domínio.br, mas essa tarefa foi atribuída pelo comitê à FAPESP, que já registrava os nomes dos usuários e fazia a distribuição dos números IP, que identificam cada computador. Ele é uma associação de nome com um número que pode ser acessado pela rede. “Em 1989 nós já tínhamos o ‘.br’ registrado para o Brasil antes da internet”, diz Getschko. (OLIVEIRA, 2011, p.22)

O CGI.br é um órgão muito elogiado no exterior. Um de seus marcos em termos de gestão é seu modelo de governança da internet (CGI.br, 2019), que estabelece algumas diretrizes para nortear o provimento da internet no Brasil, dentre os quais destaco a Universalidade, que propõe o acesso à internet para todos sem discriminação, a Diversidade, que propõe o respeito à diversidade Cultural na web, e a Neutralidade da Rede, que propõe que a infraestrutura técnica não permite que qualquer conteúdo seja acessado mais rápido ou de maneira mais fácil do que outro. Em tese, o sistema de computação dos provedores deve sempre tratar o acesso a todos sites igualmente.

O NIC.br<sup>3</sup>, braço do CGI.br, abarca diversos serviços, desde o registro de domínios .br (registro.br), tratativa de incidentes de segurança (Cert.br), até o desenvolvimento de estudos e pesquisas (ceptro.br e ceweb.br). Também há produção de indicadores e estatísticas sobre o uso da internet no Brasil, produzidos pelo Cetic.br (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação) em parceria com a UNESCO. Esses dados produzidos são também usados como base para esse trabalho.

Assim, a internet no Brasil teve inicialmente, investimento do setor público, e, uma vez que começou a se consolidar e se mostrar interessante comercialmente falando, o setor

---

<sup>3</sup> <https://www.nic.br/perfil>



privado assumiu a dianteira e passou a ser o maior investidor no setor; em uma espécie de *déjà vu* da mesma situação ocorrida nos Estados Unidos:

Em suma, todos os desenvolvimentos tecnológicos decisivos que levaram à internet tiveram lugar em torno de instituições governamentais e importantes universidades e centros de pesquisa. A internet não teve origem no mundo dos negócios. Era uma tecnologia ousada demais, um projeto caro demais, e uma iniciativa arriscada demais, para ser assumida por organizações voltadas para o lucro (CASTELLS, 2003, p.23)

O setor privado, no Brasil, focou a distribuição do acesso à internet para a população que traz maior interesse econômico: grandes capitais, seguidos pelo interior de Estados mais ricos, como São Paulo. E ainda sim, mesmo nas capitais, o interesse do setor privado ficava bastante evidente: bairros “nobres” dispunham de internet banda larga e bairros periféricos, não. Mais uma vez tínhamos uma situação parecida com a dos Estados Unidos:

Tendo isto em vista, a Benton Foundation (2004) procura definir a natureza do gap tecnológico que estrutura a exclusão digital nas cidades dos EUA, entre os pobres e ricos. O relatório da Benton Foundation nota que com a crescente privatização e desregulamentação na área de telecomunicações, os investimentos em infraestrutura acabam indo para as áreas economicamente mais interessantes, deixando de lado as vizinhanças mais pobres (COSTA, 2011, p.114)

Dessa maneira, para haver expansão do acesso e cumprir a sua universalidade, o Estado Brasileiro precisou intervir com programas de popularização do acesso à internet e também no barateamento do custo dos computadores. Durante vários anos e até os dias de hoje, surgiram e desapareceram inúmeros programas de promoção ao acesso à banda larga. Um dos mais famosos foi o Brasil Conectado ou PNBL (Programa Nacional de Banda Larga), que trazia grandes promessas na conexão de cidades sem internet e no oferecimento de banda larga barata, mas acabou por fracassar.

Diante de tantos fracassos, há que se perguntar o que aconteceu. Uma possível explicação está no próprio Comitê Gestor do Programa de Inclusão Digital (CGPID), órgão composto por representante de nove ministérios, de duas secretarias e do Gabinete Pessoal do Presidente da República. Compete ao CGPID a gestão e o acompanhamento do PNBL no âmbito do Poder Executivo, cabendo-lhe fixar as ações, metas e prioridades do programa, acompanhar e avaliar suas ações de implementação e publicar anualmente relatório de acompanhamento, demonstrando os resultados obtidos. Acontece que o CGPID não se reúne desde 2010 – ano de criação do PNBL! Não houve, portanto, até

agora, relatório algum de acompanhamento do plano. (CARDOSO, 2015)

Programas como o PNBL trazem preocupação porque partem da premissa de que basta dar acesso e tudo se resolve, como se o uso dela se desse de maneira fácil, natural e plena. Parece que quem elabora esse tipo de política se esquece de que para quem não nasceu com a cultura dos aparelhos eletrônicos, ter o acesso por si só não mudará muita coisa, pois não adianta conseguir acesso a aspectos materiais, sem ter também acesso a aspectos imateriais (SOUZA, 2018), como será demonstrado mais adiante.

Dessa maneira, diante dos dados consultados em diversos autores já apresentados, que foram base dessa pesquisa, observamos que os programas brasileiros de inclusão digital, em sua maioria, focam apenas na questão do acesso à internet, como se estivessem levando energia elétrica até um lugar que antes não tinha. Não há preocupação em fazer um uso da internet como instrumento de empoderamento social:

A inclusão digital é hoje uma das mais fortes armas na luta contra a exclusão social nas comunidades; entretanto, as matrizes de análise construídas e aplicadas mostraram uma tendência dos programas de inclusão digital a privilegiar questões técnicas e econômicas, obliterando os valores cognitivos – sociais, culturais e intelectuais. Compreende-se que esta tendência empobrece também a prática da inclusão social e tira dela seu maior poder, que é transformar as pessoas (DORNELLES, 2015, p.117)

No sentido da crítica apresentada, um programa que fugia a esse modelo tecnicista e compreendia o descrito como segundo e terceiro nível de inclusão digital que propusemos, era o programa telecentros.br. Tratou-se<sup>4</sup> de um projeto do governo federal de construção de centros de acesso à internet que tinham por objetivo oferecer, além do acesso à conexão e a computadores, aulas e instrutores, que ensinariam os usuários a usar os programas de maneira a usar a internet como instrumento de cidadania. Há também diversos projetos idênticos sob diversos nomes a nível Estadual e Municipal, por todo o Brasil.

Infelizmente os telecentros, apesar de muito prometerem, tiveram, em grande parte, uma execução desastrosa. A maioria deles se tornou um espaço de apenas acesso à internet, como uma *lan house* gratuita. Em outros, até havia instrutores e oficinas, mas mesmo assim, eles tinham uma função meramente tecnicista e de mercado, sem preocupação com o exercício da cidadania:

---

<sup>4</sup> O “*telecentros.br*” foi descontinuado, mas, sua ideia ainda existe no governo federal sob outros nomes, como Ponto de Inclusão Digital, e também GESAC (Governo Eletrônico - Serviço de Atendimento ao Cidadão).

O que se percebe, nesses casos, é que o foco não está na formação dos sujeitos para exercício da cidadania, e sim no manuseio de máquinas e softwares, numa perspectiva tecnicista, visando um possível acesso ao mercado de trabalho (BONILLA; SOUZA; 2011, p.92)

Há muitos trabalhos acadêmicos que relatam a ineficiência dos telecentros e sua desconexão entre proposta e execução, mas, há também aqueles que relatam o sucesso de alguns poucos telecentros. É o caso do trabalho de Lia Ribeiro Dias (2011), que acompanhou alguns jovens que tiveram suas vidas transformadas por um telecentro, que não os trouxe apenas emprego, mas também cidadania e abrigo contra sua vulnerabilidade social:

Cleber, Darla, Fábio, Marcelo, Meg e Teddy não fazem parte de uma amostra. Suas experiências são únicas. Mas são, sem dúvida, exemplos vivos de que programas que adotam uma visão abrangente de inclusão digital podem contribuir decisivamente para acelerar a inclusão social de seus participantes, tornando-os atores e autores da Sociedade do Conhecimento (DIAS, 2011, p.86)

Os poucos telecentros bem sucedidos não parecem se capitalizar em inspiração para outros novos, sendo a sua grande maioria, portanto, destinada apenas ao capital técnico (DORNELLES, 2015, p.112). Nesse sentido, o próprio conceito de telecentro entra, cada vez mais, em desuso, uma vez que, como a maioria apenas disponibiliza acesso à internet, e esse acesso tem se expandido dia após dia, a tendência de o usuário sair de sua casa (que já possui internet), para usá-la num telecentro, diminui.

Outro problema evidente na execução das políticas públicas é que, mesmo quando elas “acertam”, há um descompasso proveniente entre a lentidão burocrática da máquina pública e a rapidez das mudanças que ocorrem na tecnologia. É comum um plano de promoção ao acesso à internet ser desenhado e, no momento de sua implantação, já estar obsoleto. O Programa Nacional de Banda Larga, por exemplo, concebido em 2010, previa uma velocidade de conexão à internet de 512kbps para os usuários. Se o plano tivesse sido concluído tal como sua meta, todos seus beneficiados teriam essa velocidade de acesso ao final do ano de 2014. Naquele ano, essa velocidade de acesso já era insuficiente, incapaz de carregar transmissões de vídeo.

Assim, com tantos problemas de concepção e implantação, a desmotivação na execução dos programas parece ser tão grande que vários sites relativos a eles simplesmente desapareceram e/ou foram abandonados, como vemos na tabela a seguir, que compreende alguns programas federais:

Objeto:	Link:	Status (06/05/2019)
Página do governo sobre inclusão digital	<a href="https://www.governodigital.gov.br/acoes-e-projetos/inclusao-digital">https://www.governodigital.gov.br/acoes-e-projetos/inclusao-digital</a>	Página inexistente
Página do comitê sobre inclusão digital	<a href="https://www.governodigital.gov.br/sobre-o-programa/estrutura-governo-eletronico/comites-tecnicos/inclusao-digital">https://www.governodigital.gov.br/sobre-o-programa/estrutura-governo-eletronico/comites-tecnicos/inclusao-digital</a>	O relatório mais recente disponível é do ano de 2008 (!)
Página do Programa de Inclusão Social e Digital	<a href="https://www.governodigital.gov.br/eixos-de-atuacao/cidadao/inclusao-digital/programa-de-inclusao-social-e-digital">https://www.governodigital.gov.br/eixos-de-atuacao/cidadao/inclusao-digital/programa-de-inclusao-social-e-digital</a>	Página em branco
Observatório Nacional de Inclusão digital	<a href="http://www.onid.org.br/">http://www.onid.org.br/</a>	O site inteiro não existe mais.
Telecentros	<a href="http://www.telecentros.br">http://www.telecentros.br</a>	O site inteiro não existe mais.
Governo Digital – Programa de Inclusão digital	<a href="https://www.governodigital.gov.br/eixos-de-atuacao/cidadao/inclusao-digital/programa-de-inclusao-social-e-digital">https://www.governodigital.gov.br/eixos-de-atuacao/cidadao/inclusao-digital/programa-de-inclusao-social-e-digital</a>	Página em branco
Telecentros	<a href="http://www.comunicacoes.gov.br/telecentros">http://www.comunicacoes.gov.br/telecentros</a>	O site inteiro não existe mais
Banda Larga nas escolas	<a href="http://ww.governodigital.gov.br/transformacao/cidadania/inclusao-digital/banda-larga-nas-escolas">http://ww.governodigital.gov.br/transformacao/cidadania/inclusao-digital/banda-larga-nas-escolas</a>	Página em Branco

Outra característica bastante clara nos diversos programas de inclusão digital é a perspectiva imediatista e mercadológica adotada, ao não incluir a escola como opção para a inclusão digital. Existem muitas escolas públicas que já possuem computadores e acesso à internet, mas, tais equipamentos ficam ociosos, ou ainda, quando há uso das salas com presença de monitores, novamente se opera sob uma perspectiva tecnicista, de apenas ensinar os usuários a clicar em opções nos softwares. Sendo assim, um dos maiores desafios da capacitação não é tecnológico e sim o de dar instrumentos para que os monitores e professores sejam efetivamente agentes de inclusão digital (BONILLA; SOUZA, 2011, p.96-98).

A desmotivação em torno da inclusão digital não parece ser fruto só dos problemas da máquina pública: propomos que, além disso, a possibilidade de acesso à internet através das redes móveis “3G” ou “4G” tem diminuído o interesse em inclusão digital – pois como a visão de inclusão digital que tem regido nossas práticas é a de mero acesso à internet, os dispositivos móveis têm, dia após dia, resolvido essa questão, ainda que sejam inferiores a dispositivos dotados de conexão “cabeadas”.

#### 1.4 – A expansão do acesso à internet trazida pela internet móvel

O modelo de internet móvel como conhecemos hoje começou a se estabelecer e se popularizar no Brasil em meados de 2008. Isso não significa que não existia internet móvel antes disso. Havia. Entretanto, era extremamente limitada, cara e lenta, e não atendia aos requisitos mínimos para ser usada como uma conexão normal. O uso era restrito para o acesso a antigos sites feitos na tecnologia “WAP” (*Wireless Application Protocol*).

No final de 2007, em um leilão ocorrido pela Agência Nacional de Comunicações (PRADO, 2008), houve a liberação de diversas frequências para as operadoras de telefonia trabalharem com a tecnologia 3G, que proporciona internet móvel do modo como a conhecemos hoje. Após a liberação, as operadoras rapidamente implantaram, no ano seguinte, o acesso nas grandes cidades e depois, com o passar do tempo, nas menores. Para usar a internet 3G provida por elas, era preciso um modem que era conectado à porta *USB* do computador e/ou um *smartphone* topo de linha.

Com esse advento, muitos bairros que não tinham infraestrutura para receber internet banda larga, passaram a ter acesso. Esse benefício, inclusive, perdura até hoje, pois a internet fixa ainda enfrenta dificuldades (ou desinteresse) de expansão por conta do tamanho de nosso país e de problemas com a infraestrutura de regiões periféricas.

Dessa maneira, uma tecnologia global, que tinha por objetivo proporcionar mobilidade, acaba em países com o Brasil, suprimindo a necessidade de internet “fixa”. Ou seja, se para países mais desenvolvidos a internet 3G era a possibilidade de se ter internet ao sair de casa, aqui a 3G se tornou a possibilidade de se ter acesso pela primeira vez, como observou também o CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação):

O avanço da internet via celular ajudou a fazer com que metade da população brasileira tivesse acesso pela primeira vez desde que o Cetic.br começou a realizar o estudo em 2005. Entre os maiores de 10 anos, 85,9 milhões (51% da população) haviam se conectado pelo menos uma vez nos três meses anteriores da pesquisa. (G1, 2014)

Ainda sim, no começo da internet 3G no Brasil, no ano de 2008, havia outra barreira a ser superada: agora havia a possibilidade de conexão à internet, mas, o computador para ligar o modem ainda era muito caro, e o *smartphone* ainda mais: existia apenas o *iPhone*, da *Apple*, como *smartphone* próximo ao que conhecemos hoje. O *iPhone*, em seu primeiro modelo, sequer internet 3G oferecia, e no segundo modelo, ainda que já oferecesse internet 3G, tinha preços proibitivos para as pessoas de menor classe socioeconômica.

É nesse cenário que pouco tempo depois, em 2009, surge o sistema operacional *Android*, do *Google*. Este sistema operacional tinha e tem os mesmos recursos do *iOS*, do *iPhone*, porém é gratuito e pode ser utilizado por qualquer empresa. Em pouco tempo, o *Android* passa a ser incorporado a diversos *smartphones* de concorrentes, como *Samsung*, *Motorola*, *LG*, *HTC*, dentre outras, e o mercado aquece. Surgem então modelos que podiam custar até dez vezes menos do que um *iPhone*. Agora uma pessoa poderia navegar na internet, com seu *smartphone Android* de baixo custo, gastando R\$199,00 em vez de R\$1.999,00.

Graças ao *Android*, portanto, houve uma intensa e rápida popularização dos *smartphones* e da internet móvel, inclusive no Brasil. Em pouco tempo, o sistema operacional do *Google* saltou em número de usuários e superou o *iOS*. De acordo com diversas empresas de estatísticas e *marketshare*, o *Android* superou o número de usuários do *iOS* já no final de 2010 e desde então, é líder até os dias de hoje, sendo utilizado por 85% dos usuários do mundo (IDC, 2017).

Desta maneira, entre 2008 e 2012, temos a introdução da internet 3G e em sequência, a introdução de *smartphones* de baixo custo, como alternativa aos caros computadores e notebooks, e também ao caro *iPhone*. É aí que, para os que buscavam a inclusão digital em seu sentido mais técnico, ou seja, em simplesmente a pessoa ter acesso ao equipamento e a conexão, começa a ser satisfeita.

De acordo com dados da consultoria Morgan Stanley, revelados em 2013 no dia “D” da internet, organizado pela *All Things Digital*, o Brasil era, em 2012, o quarto país com maior número de *smartphones* no mundo. Ainda no mesmo evento, de acordo com dados das Nações Unidas, foi mostrado que o Brasil apresentou o oitavo maior crescimento no número de internautas entre 2008 e 2012. Ao todo, foram 27 milhões de novos usuários no período (GUIMARÃES, 2013). Dados divulgados pela Associação Brasileira de Telecomunicações, em 2014, também evidenciam o poder de acesso à internet que a internet móvel trouxe:

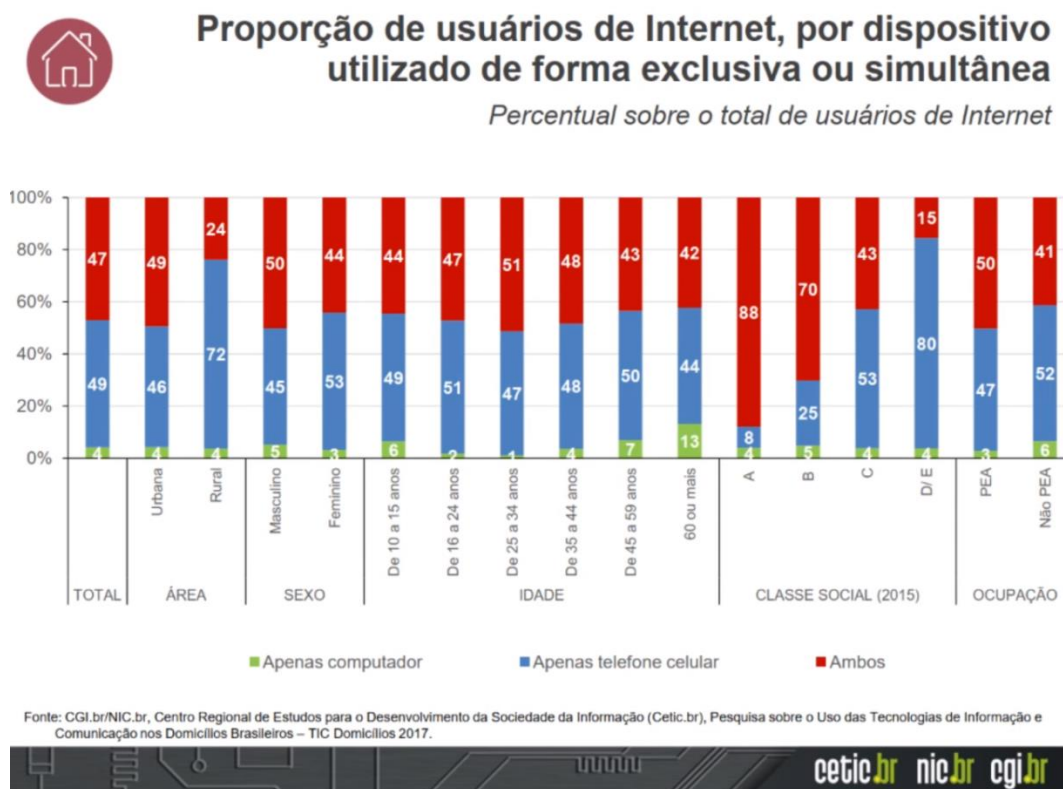
O Brasil terminou o primeiro trimestre de 2014 com 145 milhões de acessos à internet banda larga [...] Desse total, 107,5 milhões são de acessos a partir de celulares e smartphones e os outros 15,6 milhões, a partir de terminais de dados (modems de acesso e chips usados para ligação máquina-a-máquina, como as maquinhas de cartão de crédito). Já a banda larga fixa conta 22,5 milhões de acessos em fevereiro (G1, 2014)

O Cetic.br, citado no capítulo anterior, também possui diversos indicadores que corroboram com a ideia de que o acesso à internet através de dispositivos móveis é importante para os que pertencem às classes *D* e *E*. No relatório de 2016 é apontado que:

O crescimento da banda larga móvel, contudo, ocorre com maior intensidade entre os domicílios das classes sociais menos favorecidas e em regiões que tradicionalmente apresentam conectividade mais restrita, como é o caso da região Norte e das áreas rurais”, enfatiza Alexandre Barbosa, gerente do Cetic.br. (CETIC, 2017)

Em uma nova pesquisa realizada no ano de 2017 e divulgada no dia 24 de julho de 2018, o Cetic.br apurou que 80% dos usuários da internet, de classe social *D* e *E*, dispunham apenas do aparelho celular como único meio de acesso à internet, enquanto na classe *A*, 88% dispunham tanto de computador, quanto de celular, bem como 70% na classe *B* e 43% na classe *C*.

Figura 1 – Gráfico de utilização da internet



Fonte: CETIC, 2018<sup>5</sup>

Durante o lançamento da pesquisa *TIC domicílios 2017*, ocorrido em julho de 2018, tivemos a oportunidade de perguntar a Alexandre Barbosa, gerente do CETIC, e Winston Oyadomari, coordenador da pesquisa, se ainda nos dias de hoje a internet móvel era importante para a inclusão digital dos menos favorecidos ou se o acesso através da banda larga já havia expandido de tal forma que não seria mais tão relevante. Em resposta, Alexandre Barbosa argumentou que:

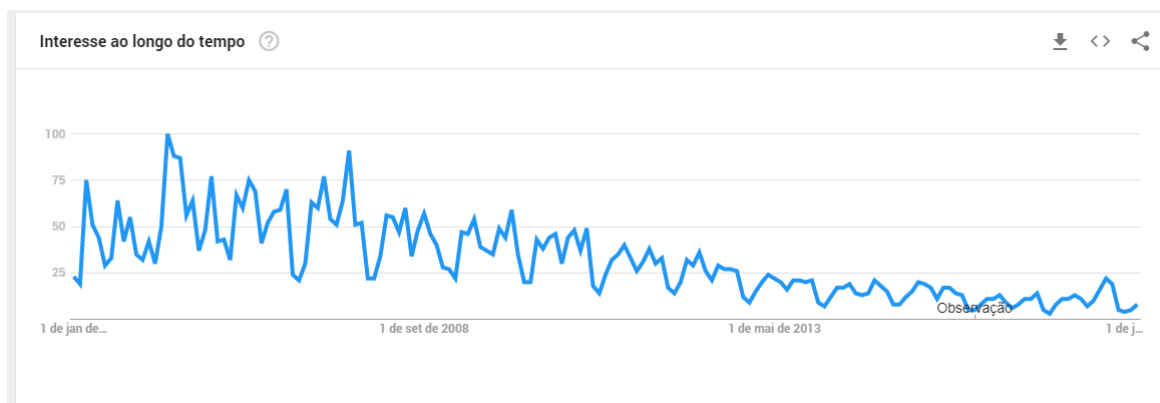
<sup>5</sup> [https://cetic.br/media/analises/tic\\_domicilios\\_2017\\_coletiva\\_de\\_imprensa.pdf](https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2017_coletiva_de_imprensa.pdf) (Acesso em 20 ago. 2018)

Sem dúvida que, locais com baixa conectividade pela rede fixa, e também as classes menos favorecidas, o celular e as conexões 3G, 4G e Wifi no celular são muito preponderantes [...] o celular no Brasil se tornou um instrumento de inclusão digital muito relevante, sobretudo nessas classes sociais e em algumas áreas remotas e rurais. Portanto, sim, é muito relevante para a inclusão digital (NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO PONTO BR, 2018)

Assim, como se pode ver, a internet móvel e os *smartphones* são importantes ferramentas para o acesso à internet em nosso país, embora sejam soluções muito mais simplistas e limitadas do que um *desktop* ou *notebook* com conexão banda larga. Dentro desse cenário, parece existir uma sensação de certa diminuição com a preocupação relativa à inclusão digital – mesmo na perspectiva de acesso –, embora ela devesse permanecer, pois a internet móvel e os *smartphones* ainda não dispõem da mesma qualidade e recursos que a internet banda larga e os computadores de mesa, respectivamente.

No *Google Trends*, ferramenta que permite verificarmos o interesse na busca por qualquer tipo de termo, ao consultarmos o histórico de interesse pela combinação “inclusão digital”, temos um resultado que corrobora com a argumentação que aqui está sendo realizada.

Figura 2 – Estatísticas de interesse por Inclusão Digital de 2004 a 2018



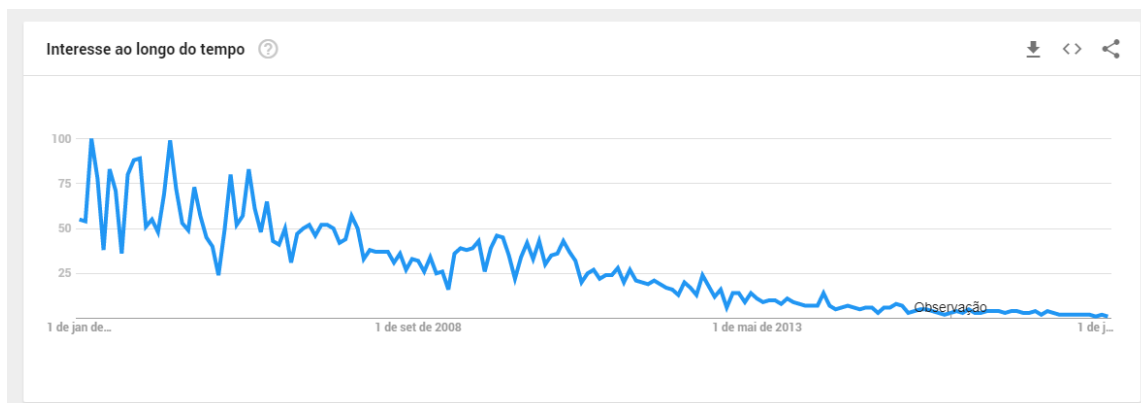
Fonte: Google Trends <sup>6</sup>

O mesmo pode ser observado pela busca de termos como “telecentros”:

<sup>6</sup> <https://trends.Google.com.br/trends/explore?date=all&q=inclus%C3%A3o%20digital> (Acesso em 30 de ago. de 2018)



Figura 3 – Estatísticas de interesse por Telecentros de 2004 a 2018



Fonte: Google Trends<sup>7</sup>

O desinteresse pelo tema se torna evidente, também, pelo já comentado abandono e fracasso de diversos outros programas, conforme vimos anteriormente. Assim, a partir do que aqui foi exposto, parece que o momento atual do acesso à internet e da inclusão digital reserva duas preocupações distintas: a preocupação do acesso à internet em seu sentido técnico, ainda existe, mas agora está mais direcionada para conectar comunidades distantes, que sequer internet móvel tem ou que estão em estado de miséria, onde seus habitantes não podem comprar e manter *smartphones*.

A segunda preocupação que existe no momento atual, é o acompanhamento da inclusão digital dos novos usuários em sentido mais amplo do que o puramente técnico. Trata-se de olhar para a questão através de um viés sociológico, que demonstre que a exclusão digital não se resolve apenas com o oferecimento do acesso à internet, perspectiva da qual esse trabalho também faz parte:

É verdade que o surgimento e a adoção maciça de outras plataformas de comunicação digital vêm contribuindo para aliviar tal problema. O crescente acesso à internet a partir de smartphones, por exemplo, prova que a questão da posse dos equipamentos não tem, atualmente, a mesma importância de antes. Diante disso, o interesse de muitos estudiosos se volta para o reconhecimento e para o combate de aspectos da exclusão digital que se encontram além da posse dos dispositivos destinados ao acesso (MARQUES, 2016)

Um dos aspectos da exclusão digital para além do acesso será demonstrado agora: a má recepção que o espaço da web tem com os recentemente incluídos digitais.

<sup>7</sup> <https://trends.Google.com.br/trends/explore?date=all&q=telecentros> (Acesso em 30 de ago. de 2018)

### 1.5 – 2008-2012: “Maldita Inclusão digital!”, “Orkutização” e outros fenômenos

Acabamos de ver que a expansão do acesso à internet é buscada pela sociedade, incluindo governos e empresas privadas. Ela também é considerada direito básico de cidadania pela ONU (G1, 2011). Vimos também que além desses esforços, um marco importante para o aumento no número de usuários em nosso país foi a introdução da internet móvel. Assim, por diversos motivos, sabemos que a expansão do acesso à internet vem ocorrendo dia-a-dia. Mesmo assim, muitas pessoas que já tinham acesso há mais tempo, reagiram e ainda reagem (mal) à chegada de novos habitantes do ciberespaço, como se estivesse havendo uma “contaminação” do ambiente, que antes era harmônico e agora já não é mais, numa inútil tentativa de “evitar” a inclusão digital ou ao menos protestar contra ela.

O período em que isso mais se acentua é justamente o dos anos entre 2008 e 2012, em que a introdução da internet móvel promoveu uma rápida inclusão de muitos que, se dependessem da internet banda larga, talvez até hoje não fossem usuários da internet. Nesta época, onde começa a ocorrer uma inversão da pirâmide social-econômica do acesso, é possível resgatar alguns eventos interessantes que contribuem para perceber que “essa mudança provoca inúmeros desconfortos entre aqueles primeiros incluídos, que agora amaldiçoam a chegada dos excluídos em seu mundo virtual” (DORNELLES, 2015, p.17).

O primeiro símbolo daqueles tempos é a expressão *maldita inclusão digital*. Essa expressão significa uma espécie de “desabafo”, desses primeiros incluídos, ao perceberem que seu espaço está se tornando acessível. Um dos contextos mais comuns é o de quando um usuário presencia um suposto “erro” de português cometido por outro, e atribui isso à *maldita inclusão digital*. Esse caso revela o preconceito linguístico existente na rede e por sua complexidade, será debatido mais apropriadamente no segundo capítulo.

Outra possibilidade de uso da expressão é no sentido de demonstrar indignação com fotos postadas em que seus fundos (paisagens) exibam bairros de periferia, favelas, ou conteúdo cultural compartilhado que seja mais comum entre classes baixas. Há aqui uma preconceituosa noção que tenta qualificar a inclusão digital como algo que diminui a qualidade do ambiente, como se o nível da frequência do lugar estivesse decaindo.

Um episódio análogo, ocorrido na vida “real”, foi o “churrascão da gente diferenciada”. Em 2011, havia planos para que Higienópolis, bairro nobre da cidade de São Paulo, tivesse uma nova estação de metrô. Muitos moradores estavam resistentes com a proposta e não desejavam a nova estação. Então, em uma entrevista, uma das moradoras, mostrando-se indignada, disse que essa obra traria “gente diferenciada” para o bairro. As

peças que se sentiram ofendidas com essa declaração, então, organizaram um protesto, sob a forma de “churrasco”, que teve grande repercussão na mídia.

Esse trabalho não é o primeiro a perceber a similaridade daquele episódio com o choque que ocorreu quando pessoas de baixa renda passaram a ter acesso à internet. Marcelo Sabbatini (2011) estabeleceu a mesma relação, no mesmo ano do ocorrido:

Mais do que os historiadores, são as pessoas normais e correntes que melhor interpretam o momento histórico no qual elas vivem. Em maio de 2011, uma moradora de Higienópolis, bairro tradicional da capital paulista, realizou este feito, ao cunhar quase ingenuamente a expressão que representa a mudança social do Brasil no século XXI. Ao ser entrevistada sobre o porquê de os moradores terem se manifestado contra a abertura de uma estação de metrô neste bairro de classe alta, a senhora alegou que a novidade traria “gente diferenciada” à região [...] esta “gente diferenciada” é observada nos shopping-centers e no transporte aéreo, outrora templos exclusivos do consumo da classe média-alta. Mas possivelmente mais representativo, até mesmo por não se apresentar territorializado em primeiro momento, é no espaço virtual formado pelas redes informáticas que o choque de culturas e de classes se torna mais patente [...] (SABBATINI, 2011, p.2-4)

Além do suposto incômodo com a presença de novos habitantes “diferenciados” no espaço da web, a expressão *maldita inclusão digital* também foi relacionada, após exaustiva pesquisa, com a situação de um usuário antigo se sentir incomodado com a presença de outro usuário novo, dessa vez porque supostamente esse novo internauta “atrasa” o funcionamento de alguma rede social, fórum ou game *on-line*. Neste caso a expressão tem um sentido que se tenta justificar como técnico: a irritabilidade do usuário se dá porque este recém-incluso desconhece o *modus operandi* do sistema, algo já naturalizado pelos outros usuários mais antigos.

Ainda que pareça um argumento técnico, há ainda uma raiz de desigualdade social, pois “mesmo quando os pobres alcançam certa tecnologia, normalmente os ricos já estão em outro processo mais avançado” (COSTA, 2011, p.114). Mal recebidos no espaço por essa questão, isso abre precedentes para a reprodução desse *status quo*: uma vez que o usuário não aprende a jogar, postar ou efetuar quaisquer atividades pela falta de paciência dos outros em ensiná-lo, esse usuário não terá a mesma perícia no manuseio das ferramentas e perpetuará a relação de dominação daqueles primeiros incluídos, que permanecem experts nos recursos tecnológicos da internet.

Outro fenômeno do período compreendido entre 2008 e 2012 que merece atenção e assemelha-se muito com a primeira noção aqui apresentada de *maldita inclusão digital*, é a *Orkutização*. Essa era uma expressão utilizada na época em que a rede social *Orkut* ainda existia e era bastante utilizada, fazendo frente ao *Facebook* no Brasil.

Há muito tempo o *Facebook* é uma rede social dominante em todo o globo. Entretanto, no passado, no Brasil e em alguns países como a Índia, a rede social favorita era o extinto *Orkut*. A partir de 2009, o *Facebook*, antes pouco usado no Brasil, começou a ganhar novos usuários.

Ligado ao Google, o [Orkut] até então maior site de relacionamento da internet viveu seu auge entre 2004 e 2008. A partir de então, experimentou uma decadência anunciada já acusada por números de usuários – e pela assiduidade de quem ainda mantém conta no antigo site favorito. O declínio do império tem nome, mas demorou a se consolidar. Ainda em 2008, seu primeiro ano sob o domínio “.br”, o Facebook tinha apenas 209 mil usuários no Brasil. Um arranhão perto dos milhões ainda sob o efeito da “Cultura do Orkut”. Aos poucos, a situação mudou. Em quatro anos, a cria de Mark Zuckerberg conseguiu vencer a resistência brasileira com um ritmo de crescimento pungente (192% de dezembro de 2010 a dezembro de 2011). Firmou-se, em dezembro, como a maior rede social em usuários únicos do Brasil. (PELLEGRINI, 2018)

O período de crescimento do *Facebook* e declínio do *Orkut* coincide com a chegada de novos usuários na internet. Durante algum tempo, ficou claro que um dos motivos para essa troca de rede social era o de que os usuários antigos estavam “fugindo” dos usuários mais novos. Dessa maneira, houve um momento em que *Orkut* e *Facebook* coexistiram no Brasil. Observava-se que o *Orkut* abrigava pessoas de baixa renda, estabelecendo uma espécie de periferia digital e o *Facebook* abrigava pessoas de classe média e alta, antes usuárias do *Orkut*.

Enquanto o *Facebook* soa como um espaço “salvo”, “privado” e “seguro”, o *Orkut* é frequentemente retratado como um espaço de “crime”, “falta de segurança” e “risco”. O que parece acontecer aqui é a mesma construção cultural da divisão de classes observada pela Danah [Danah Boyd, pesquisadora norte-americana.] nos Estados Unidos. Estamos transportando preconceitos sociais que estão firmemente construídos na sociedade brasileira para o ciberespaço (RECUERO, 2010)

Esse período de coexistência das duas redes sociais foi curto, pois o *Orkut* entrou em decadência, por diversos motivos, como erros no servidor, design considerado atrasado e a falta de um aplicativo para *smartphones*. Por conta desse declínio, esses usuários, antes

separados em suas “favelas digitais”, começaram então a migrar para o *Twitter*, *Facebook*, *Instagram* e outras redes sociais que eram, até então, frequentadas por membros da classe média ou elite. Esse movimento gerou o mesmo tipo de reação há pouco relacionada com o “churrascão da gente diferenciada”, só que agora com a substituição do termo *maldita inclusão digital* pelo termo *Orkutização*.

A diferença básica entre os dois termos é que, enquanto *maldita inclusão digital* presume que o usuário não tinha acesso à internet, *Orkutização* aceita que esse usuário tinha acesso, mas mostra indignação com o movimento que ele fez ao trocar sua rede social à margem da sociedade, por outra, onde os outros estavam. Dessa maneira, a chegada de um ex-usuário do *Orkut* a outras redes sociais trazia a temida *Orkutização*, pois se entendia que esses usuários iriam “contaminar” as outras redes sociais, empobrecendo ou banalizando o serviço (CRUZ, 2012, p.128).

Em “Preconceito social na Internet: a reprodução de preconceitos e desigualdades sociais a partir da análise de sites de redes sociais”, Ruleandson do Carmo Cruz (2012) estudou a má recepção que usuários do *Twitter* tinham com aqueles que vieram do *Orkut*:

Os exemplos de discursos contra a *Orkutização* do *Twitter* tanto de mensagens no *Twitter* quanto de posts em blogs, ilustram um desejo de que os usuários do *Orkut* não participassem do *Twitter* [...] As falas apresentadas dos usuários do *Twitter* contra o ingresso dos usuários do *Orkut* no site, apontam, como vários deles dizem, um medo de que a *Orkutização* empobreça as discussões e informações postadas no *Twitter*.” (CRUZ, 2012, p.130)

Um terceiro elemento que retrata os conflitos e fricções entre classes sociais no período aqui destacado foi a liberação do aplicativo *Instagram* para *smartphones* do tipo *Android*. Inicialmente o *Instagram*, uma rede social de compartilhamento de fotos, funcionava apenas em aparelhos com o sistema operacional *iOS*, que são os *iPhone*, já relatados aqui como aparelhos pouco acessíveis. Em 03 de abril de 2012, um ano e meio após o aplicativo ter sido lançado para *iOS*, foi disponibilizada uma versão para *Android*.

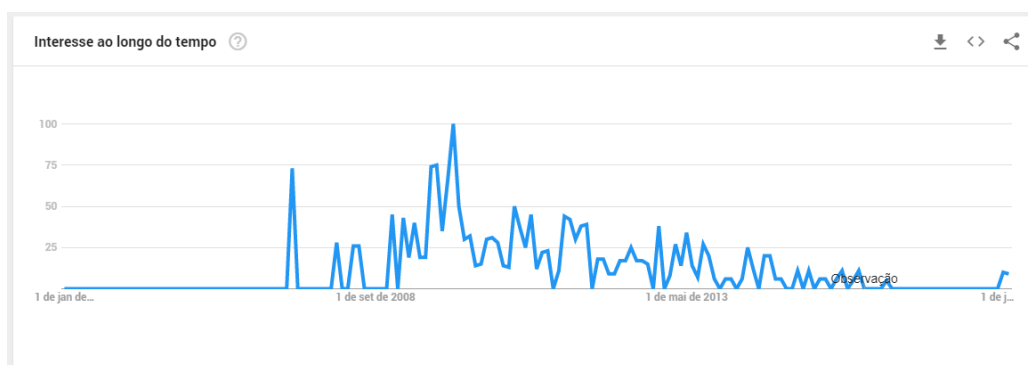
A abertura do *Instagram* para os usuários do *Android* causou revolta entre os usuários de *iPhone*. Muitos deles, não só do Brasil, mas em todo o mundo, protestaram contra a popularização do aplicativo, antes elitizado. Uma das reclamações era a de que “deixariam de ver fotos de *crème brûlée*, para ver fotos de esfirras do *Habbibs*” (MATIAS, 2012),

Veremos a seguir um trecho de um texto do blog “Link”, do Estadão, de 08 de abril de 2012, redigido por Alexandre Matias, que nos permite verificar o problema aqui tratado ao mesmo tempo em que nos transporta para a época do fato ocorrido:

Vão poluir minha timeline!”, reclamavam usuários do celular da Apple tanto no Brasil quanto no exterior. Eles haviam recebido a notícia de que o aplicativo Instagram havia ganhado, na semana passada, uma versão para Android, o sistema operacional rival do iOS, do iPhone. Por aqui, a indignação veio no inevitável tom de piada característico da nossa vida digital tropical [...] O teor das piadas era sempre o mesmo: agora o Instagram perderia o seu status, pois uma tal “horda de pobres” começaria a usar o aplicativo. [...] A reclamação dos antigos usuários levantou a velha falácia repercutida sempre que qualquer serviço on-line deixava de ser exclusivo de uns poucos early-adopters – a tal “Orkutização” (MATIAS, 2012)

Exemplos como esse comprovam que a internet já foi um espaço elitizado e que sua popularização trouxe reação por parte dos usuários mais antigos. Essa reação “anti-inclusão”, entretanto, está diminuindo e tende a acabar, pois dia após dia, mais e mais pessoas ganham acesso à internet. Prova disso é o fato da própria expressão *maldita inclusão digital* aqui retratada, ter relevância quase inexistente no *Google Trends* no período anterior a 2008 e novamente se tornar irrelevante após 2015. Esses dados corroboram com o que foi argumentado: houve um período em que a pirâmide da classe social da internet começou a inverter, trazendo reação daqueles usuários mais antigos, que viram seu ambiente, antes exclusivo, popularizar-se.

Figura 4 – Estatísticas de interesse por “Maldita Inclusão Digital” de 2004 a 2018



Fonte: Google Trends<sup>8</sup>

Ainda que hoje em dia os usuários das classes mais baixas possam ter acesso à internet, isso não cessa com o problema de preconceito social nesse meio. Se a simples quantidade de “inclusos digitais” das classes mais baixas fosse suficiente para cessar o

<sup>8</sup> <https://trends.Google.com.br/trends/explore?date=all&q=maldita%20inclus%C3%A3o%20digital> (Acesso em: 30 de ago. de 2018)

problema, então esse mesmo argumento valeria para o mundo “real”, onde as “minorias” no sentido sociológico do termo são, muitas vezes, no sentido de quantidade, majorias.

Assim, uma vez que o espaço da web ganha mais usuários de baixa renda, a forma com que o preconceito é manifestado também aparece através de novas estratégias e discursos. Neste sentido, de modo a verificar como se encontra o cenário atual, após esse choque inicial, a análise deste trabalho focará em exemplos de preconceito social ocorridos na internet, à época da redação desta pesquisa.

## Capítulo 02 – Aspectos teórico-metodológicos

Como discutimos no capítulo anterior, a internet foi construída sob um discurso de ferramenta que poderia trazer sinergia global, discurso esse que ainda influencia a percepção da inclusão digital como viabilizadora desse estado de bem estar e harmonia. Por outro lado, ainda no capítulo anterior, também demonstramos que justamente quando a inclusão digital, ao menos do ponto de vista técnico, começou a ser satisfeita, e diversas pessoas antes desconectadas passaram a ter acesso à internet, houve certa tensão, que culminou com a má recepção desses novos habitantes, recebidos sob a alcunha de pertencentes à “maldita inclusão digital”.

Algum tempo já se passou e hoje em dia, à época de redação dessa pesquisa, situada entre os anos de 2017 e 2019, o acesso à internet já se tornou uma realidade para milhões de brasileiros. Estatísticas de acesso revelam que a maioria da população já está conectada, enquanto os desconectados o são muito mais por razões pessoais, como simplesmente não querer ou julgar não precisar de internet, do que por falta de sinal ou de recursos financeiros. Na última estatística consultada, de 2016, somente 14.3% da população brasileira sem internet alegou que o motivo de sua desconexão era o custo (GOMES, 2016).

Diante desse cenário, a pergunta de pesquisa que se reapresenta é: uma vez que a barreira técnica vai sendo diuturnamente superada, é possível vislumbrar a desejada inclusão digital e seus benefícios (como a suposta sinergia global) pautando as relações no espaço da internet e na própria sociedade? A sensação que se têm, a priori, é a de que não, como argumentaremos.

Há poucos anos, contrariando as expectativas, a internet ganhou notoriedade, em diversos meios de comunicação, por facilitar e promover o discurso de ódio, especialmente através de crimes *on-line* como racismo, homofobia e xenofobia, dentre outros. Em artigo jornalístico brasileiro de 2016, por exemplo, relatou-se que:

Entre abril e junho [de 2016], um algoritmo vasculhou plataformas como Facebook, Twitter e Instagram atrás de mensagens e textos sobre temas sensíveis, como racismo, posicionamento político e homofobia. Foram identificadas 393.284 menções, sendo 84% delas com abordagem negativa, de exposição do preconceito e da discriminação. (MATSUURA, 2016)

Fatos como o relatado já faziam parte de um problema que influenciou a proposição dessa pesquisa, mas, no entanto, durante a sua realização, essa questão se intensificou. Esse aumento na percepção de conflitos entre usuários ocorreu durante a disputa para eleições



presidenciais de 2018. A referida eleição ficou marcada pela percepção pública como a mais violenta dos últimos tempos. Havia uma forte polarização política, mas isso não era fenômeno inédito, uma vez que a eleição entre os ex-presidentes Collor e Lula, no início dos anos 90, também tinha polarização parecida. O que havia de inédito era a enorme quantidade de Brasileiros conectados à internet, discutindo com eleitores rivais com muito mais facilidade.

Assim, a percepção pública geral, vista desde os comentários nas ruas, até os editoriais de telejornais, foi a de que a internet serviu como a principal catalisadora das discussões, promovendo a disseminação do discurso de ódio e trazendo discórdia, inclusive, entre familiares e amigos. Esse sentimento apareceu também, muitas vezes, no discurso de alguns candidatos, que apelavam para que a barbárie diminuísse, enquanto outros usavam o próprio ódio na internet como plataforma política (PUGLIERO, 2018).

Estes indícios corroboraram as suspeitas que deram início a este estudo: parece haver uma relação entre o aumento dos conflitos na internet e a inclusão digital, que permitiu mais recentemente o acesso dos brasileiros mais pobres à internet, transformando o ambiente, antes homogêneo, em um ambiente heterogêneo, com maior diversidade social e de posições ideológicas. Logo, é razoável supor que um maior número de conflitos acompanhe um maior número de internautas, já que “os estudos interculturais mostram que o contato entre culturas é antes fator de conflito do que de sinergia” (HOFSTEDDE, 1997, apud DANTAS, 2012), o que contraria a expectativa McLuhanista.

Dentre os diversos tipos de conflitos e preconceitos que são manifestados através da internet, optamos por nos centrar no preconceito social, que é o tipo de preconceito mais diretamente relacionado com o acesso à internet e a inclusão digital, como vimos, também, ao tratar da *maldita inclusão digital* e da *Orkutização*.

## **2.1 – Pesquisa Documental**

A pesquisa documental é uma metodologia de pesquisa que consiste no exame de materiais provenientes de documentos, com objetivo de extrair informações neles contidas, a fim de compreender um fenômeno (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015). Na grande maioria das vezes, esses documentos constituem-se de material inédito, em que ainda não houve nenhum trabalho de análise, embora se admita a possibilidade de também trabalhar com dados já analisados, estabelecendo novas interpretações.

Mas o que é documento? Sendo a pesquisa documental uma metodologia de pesquisa já antiga e consolidada, a definição de documento tem sido atualizada. Num primeiro momento, como no final do século 19, a metodologia considerava que apenas textos,

principalmente advindos de documentos oficiais, eram documentos (CELLARD, 2008, p.296). Essa definição, entretanto, vem sendo expandida pela história social:

Tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou “fonte” como é mais comum dizer atualmente. Pode tratar-se de textos escritos, mas também de documentos de natureza iconográfica e cinematográfica, ou de qualquer outro tipo de testemunho registrado, objetos do cotidiano, elementos folclóricos, etc. (CELLARD, 2008, p.297)

Nesse trabalho, os documentos que serão utilizados são imagens e textos públicos que revelam preconceito social praticado através de redes sociais, na internet. O tratamento desse material como “documento” segue o princípio já citado em Cellard (2008) de que eles são registros, testemunhos de interações e expressões de indivíduos, e é justificado por Holsti (1969), que diz que é apropriado o uso da análise documental

quando o interesse do pesquisador é estudar o problema a partir da própria expressão dos indivíduos, ou seja, quando a linguagem dos sujeitos é crucial para a investigação. Nesta situação incluem-se todas as formas de produção do sujeito, em forma escrita, como redações, dissertações, diários pessoais, testes projetivos, cartas, etc. (HOLSTI, 1969, apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Uma importante vantagem na realização da pesquisa documental é o fato de que documentos constituem-se de uma fonte não reativa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), isto é, a análise documental trabalha de maneira não intrusiva (FLICK, 2009, p.236; LÜDKE; ANDRÉ, 1986 p.39). O pesquisador não produz alterações no espaço analisado, e, portanto, os sujeitos não alteram seu comportamento ou seus pontos de vista em face da pesquisa realizada.

Ainda sobre a constituição do corpus documental, sabe-se que a internet é um espaço bastante dinâmico, em que os sites aparecem e desaparecem com frequência. Assim, para evitar problemas relativos à indisponibilidade ou o desaparecimento dos materiais analisados, foram realizadas cópias, tanto das imagens, quanto dos textos, como orienta Flick (2009) a respeito da pesquisa documental na internet:

Como os websites ficam aparecendo e desaparecendo, pode tornar-se problemática a pressuposição de que uma página, uma vez considerada, estará sempre acessível da mesma forma novamente. Portanto o pesquisador deverá manter, em seu computador, cópias das páginas mais importantes de sua pesquisa (FLICK, 2009, p.250)

Uma vez definido o espaço onde se realizaria a coleta de dados para construção do corpus da pesquisa, o próximo passo foi a seleção do material visando a construção das categorias de análise. Isso foi realizado, de maneira contínua durante toda a pesquisa, isto é, visitaram-se o corpus e depois a teoria, inúmeras vezes, de maneira que essas revisitações aperfeiçoassem ambos. Esse “vai-e-vem” é justamente próprio da pesquisa documental:

A construção das categorias não é tarefa fácil. Elas brotam, num primeiro momento, do arcabouço teórico em que se apoia a pesquisa. Esse conjunto de categorias, no entanto, vai se modificando ao longo do estudo, num processo dinâmico de confronto constante entre teoria e empiria [...] (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.42)

Para começar a construção das categorias de análise, é recomendado, dentro da pesquisa documental, que se realize primeiro uma contextualização e uma primeira visita aos aspectos teóricos, de modo a capacitar o analista em sua tarefa:

O exame do contexto social, global, no qual foi produzido o documento e no qual mergulha seu autor e aqueles a quem ele foi destinado, é primordial, em todas as etapas da análise documental [...] o analista não poderia prescindir de conhecer satisfatoriamente a conjuntura política, econômica, social, cultural, que propiciou a produção do documento determinado (CELLARD, 2009, p.299)

Tomando todos esses pressupostos, o primeiro movimento em direção à contextualização, foi um rigoroso estudo da criação da internet, privilegiando aspectos que não fossem meramente tecnicistas. Esse estudo resultou na construção do primeiro capítulo dessa dissertação, o que também mostra que a teoria é, ao mesmo tempo, metodologia.

Entendendo a internet e a tecnologia como ferramentas que possibilitam o contato de indivíduos de diferentes localidades geográficas, sem fronteiras, percebeu-se também que havia necessidade do aprofundamento das teorias que envolvem o conceito de Cultura. Desse conceito decorreu a necessidade de estudo da questão da identidade, tema bastante latente no espaço da web.

A partir desse movimento, criou-se um conjunto inicial de categorias, proposto em exame de qualificação e que, por conta do citado exercício de revisitação do corpus e da teoria, foi sendo aperfeiçoado, até chegar ao modelo que estabeleceu como definitivo:

Depois da obtenção de um conjunto inicial de categorias, através de um processo que Guba e Lincoln chamam de convergente, a próxima etapa envolve um enriquecimento do sistema mediante um processo divergente, incluindo as seguintes estratégias: aprofundamento, ligação e ampliação. Baseado naquilo que já obteve, o pesquisador

volta a examinar o material no intuito de aumentar o seu conhecimento, descobrir novos ângulos e aprofundar sua visão. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.43)

A coleta de dados, que serão apresentados no terceiro capítulo, envolveu a análise de mais de 4000 imagens e textos e foi realizada por um semestre, compreendendo o período de 01 de junho de 2018 a 31 de dezembro de 2018. A escolha desse período não se deu ao acaso, mas, foi baseada na tentativa de usar os dados mais atualizados possíveis, e também nas orientações da própria pesquisa documental:

Quando não há mais documentos para analisar, quando a exploração de novas fontes leva à redundância de informação ou a um acréscimo muito pequeno, em vista do esforço despendido, e quando há um sentido de integração na informação já obtida, é um bom sinal para concluir o estudo. (GUBA, 1978, apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.43)

Uma vez apresentados os procedimentos da metodologia, passaremos agora aos aspectos teóricos, que resultaram nas categorias de análise dos dados.

## **2.2 – Estudos Culturais na era da WEB 2.0.**

Quando a internet começou, no final dos anos 90, a se tornar de fato acessível para os usuários domésticos – e não mais apenas em universidades ou empresas –, muitos intelectuais e pesquisadores vislumbraram um momento de total transformação na sociedade, como Manuel Castells (2011, p.414) e Pierre Lévy (2010, p.116).

É interessante, observar, entretanto, que eles pensavam que a internet iria revolucionar o mundo devido aos efeitos mercadológicos derivados da globalização, e à soma de mídias como texto, áudio e vídeo, em novos produtos. Essa internet, já revolucionária, não tinha vários dos recursos que hoje nós temos. Era a era da WEB 1.0.

Naquela época, a internet servia basicamente para consulta de informações e serviços *on-line*. Era uma ferramenta na qual o usuário podia ‘surfear’, ler e imprimir conteúdos (ANDROUTSOPOULOS, 2010, p.207). Não havia interatividade nos mesmos níveis que vemos hoje. O máximo de interação existente eram os e-mails, chats instantâneos e listas de discussões, ou seja, comunicação basicamente privada, entre duas pessoas ou, em pequenos grupos, em que neles as pessoas se identificavam apenas com um *nickname*, sem um perfil associado com fotos, autodescrição, etc.

Poucos, entretanto, poderiam prever que logo mais haveria uma verdadeira “revolução dentro da revolução”: o surgimento da chamada WEB 2.0, termo que foi utilizado pela primeira vez em meados de 2004 (O'REILLY, 2005).

Por meio da WEB 2.0, a internet se transformou: a possibilidade de atualizar as páginas foi estendida aos próprios usuários, que agora podiam inserir comentários, textos, vídeos, etc. Esse novo modelo permitiu e permite que *sites* como a *Wikipedia*, o *Youtube* e o *Facebook* existam. Dessa maneira, de um modelo de páginas estáticas criadas por um profissional para serem consumidas pelos internautas (ANDROUTSOPOULOS, 2010, p.208), com a WEB 2.0 temos um modelo de *web* colaborativa, em que os próprios usuários ajudam a construí-la.

É, portanto, a partir da WEB 2.0, que a questão da cultura e da identidade do usuário se torna uma questão relevante. Antes da WEB 2.0, a internet, como já vimos, era como uma imensa biblioteca e/ou videoteca global, com diversos conteúdos disponíveis quase que exclusivamente para consumo. Isso já trazia, obviamente, implicações culturais importantes, mas, essas implicações eram muito parecidas com as outras já trazidas pela globalização: implicações mais relacionadas ao consumo, como uma pessoa que ouvia *reggae*, assistia a um filme de faroeste, comia McDonald's no almoço e comida regional no jantar, etc. (MATHEWS, 2002, p.22).

A partir da WEB 2.0, com a possibilidade de um usuário estar defronte ao outro a qualquer momento, as tensões culturais entre indivíduos foram bastante amplificadas, e, somado a isso, temos a introdução da questão da identidade no interior do meio digital, pois, nas redes sociais (mas não só nelas), para um usuário emitir comentários ou conteúdos, ele cria seu perfil, que funciona como uma apresentação de si mesmo. Essas são as questões que justificam a preocupação com o estudo do impacto da cultura e da identidade em ambientes virtuais. O usuário agora não é apenas um consumidor. Ele envia informações. E para enviá-las, vai lançar mão de suas estratégias de identidade.

### **2.2.1 – Cultura e Identidade**

Os recursos da WEB 2.0 trazem à tona possibilidades de considerarmos a questão da identidade e da desterritorialização, isto é, do rompimento e reestabelecimento de fronteiras identitárias. Entretanto, é necessário, primeiramente, considerar o conceito de Cultura. Nesse sentido, importa atentar para o fato de que a internet é um produto construído, sobretudo, pelas sociedades ocidentais. Além disso, muitas das posições adotadas por sujeitos, em

situações de preconceito na internet, revelam que estes estão operando a partir de uma determinada concepção de cultura – mesmo que não tenham consciência desse fato.

A definição do conceito de cultura, entretanto, não é consensual: ela tem sido alvo de muita reflexão entre os estudiosos que dela se ocupam, particularmente entre antropólogos e sociólogos, já que, com frequência, o conceito é utilizado equivocadamente, aproximando-se do modo como ele é definido no senso comum (CUCHE, 2002).

De um modo geral, opera-se com duas concepções de cultura. A primeira delas, muito presente em discursos que encontramos no dia a dia, e que inclusive será vista no *corpus* da análise desse trabalho, considera a cultura como um “atributo de alguns que os diferenciam dos outros”. Nesse sentido, afirma-se que um determinado indivíduo teria “mais cultura” que outro. Isso significa dizer que haveria uma cultura mais valorizada, uma cultura de elite ou superior. Isso abre precedente para, no limite, considerar o outro como *desprovido de cultura* ou *pertencente a uma cultura inferior*, sendo, portanto, ignorante ou até mesmo, selvagem (LÉVI-STRAUSS, 1952, p. 4). Historicamente, esse tipo de entendimento do que seria “cultura” remonta dos conceitos originários de *civilization* (francês) e de *kultur* (alemão), como apontam Cuche (2002, p.23-31) e Kuper (2003 p.45-71). Essa concepção de cultura, como algo que se tem ou da qual se é desprovido, estava na base do que foi apontado, no capítulo anterior, sobre a *Orkutização*. A crença de que haveria um empobrecimento dos serviços ao receber certos usuários do Orkut (CRUZ, 2012, p.128), demonstra que estava em operação, o entendimento de que

sou considerado “culto” se consigo assistir a uma ópera sem cair no sono, se puder fazer comentários inteligentes ou pelo menos fingir fazer comentários inteligentes a respeito das sutilezas da literatura e arte (MATHEWS, 2002, p.16)

A segunda definição de cultura, que, presente nos meios acadêmicos, orienta políticas públicas envolvidas na promoção à diversidade cultural e no combate ao preconceito, percebe o construto como um sistema de valores, tradições e significações de um povo ou grupo social, como, enfim, o “modo de vida de um povo”. Dessa perspectiva, a cultura seria um sistema de significações que, adquirido ao longo do nosso processo de socialização no interior do grupo ao qual pertencemos, nos permitiria interpretar as coisas, as pessoas e os eventos do mundo (GEERTZ, 2008, p.50). E é nesse sentido, então, que cultura é, metaforicamente, associada às lentes de um óculos, que fariam com que visualizássemos e percebêssemos tudo que nos cerca, de certo modo, e não de outro (BENEDICT, 1972, p.18-19).

Essa segunda noção admite relativismos culturais, a partir de argumentação desenvolvida por Franz Boas. Se na primeira concepção, alimenta-se a ideia de que há culturas “melhores” do que outras, portanto, apregoando uma hierarquia vertical, nesta última noção que se proclama é a ideia de que não existe uma “cultura” superior e sim “culturas” (MATHEWS, 2002, p.17), e todas elas seriam iguais no sentido de importância ou valor. Cada uma delas teria que ser interpretada a partir de seus próprios parâmetros e não a partir de qualquer modelo ideal. Se, por um lado, o conceito de relativismo cultural é importante por desestimular julgamentos etnocêntricos, promovendo o respeito à diversidade cultural, por outro, corre-se o risco de que a adoção acrítica desse mesmo conceito possa tornar nossas interpretações meramente descritivas e, portanto, despolitizadas (WOLF, 1998, p.157).

Uma vez advertidos sobre a complexidade que envolve o debate acerca do modo como concepção de “cultura” deve ser entendida, esclareço que, ponderadas essas questões, este trabalho tem sua filiação teórica acerca desse construto baseada em Montiel (2013).

Para esse antropólogo, cultura é uma elaboração comunitária mediante a qual os indivíduos se reconhecem, se auto representam e assinam significações comuns ao mundo que os rodeia (2013, p.18). Ainda de acordo com o autor,

Desde o século XVIII, com os grandes movimentos de conformação do Estado-nação que se expandiram pelo mundo, a cultura adquiriu um papel de “cimento constitutivo” tendente a homogeneizar os traços de cada população, constituindo, assim, um recurso fundamental do Estado para lograr a coesão da Nação. Pretendia-se compartilhar um mesmo padrão cultural e implantar uma língua nacional. (MONTIEL, 2013, p.18)

A noção de cultura e seu papel de constituição das nações é discutida não só em Montiel, mas em diversos autores, como por exemplo, em Hall (2011, p. 30), que explica que “a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural”. Uma nação pode ser constituída por uma identidade cultural baseada em língua, discursos sobre mitos de sua fundação, tradições, músicas, hinos que as diferenciem das outras. Entretanto, com a globalização, e posteriormente, com a internet, esses parâmetros tiveram que ser ampliados e até mesmos revistos. Isso porque:

As dimensões de espaço e tempo da cultura estão agora impugnadas pela cultura virtual (...). As novas tecnologias da informação conectaram, como nunca, comunidades e organizações além das fronteiras nacionais e possibilitaram que milhões de pessoas em todo o mundo pudessem interagir entre si. Esses processos contradizem de algum modo o sentido de pertença a uma determinada sociedade,

localizada e vinculada por algum idioma, uma história e um destino comum e provocam “novas combinações” do espaço/tempo, fazendo do mundo uma realidade e uma experiência mais interconectada. (MONTIEL, 2013, p.19)

Maher também corrobora com a ideia de que nos tempos recentes, as culturas não estão mais isoladas:

[...] se antes as culturas estavam mais ilhadas e por isso mesmo, mais protegidas, o fato é que a crescente urbanização, a intensificação dos movimentos migratórios, a globalização, a ampliação e a expansão vertiginosa dos meios de comunicação vem, cada vez mais, expondo as culturas umas as outras. E é essa exposição que exige, sem mais adiamentos, que nos preparemos para o sempre difícil encontro com o outro, com o diferente. (MAHER, 2007, p.258)

Como não estamos mais “ilhados”, conforme afirma a autora, duas questões culturais importantes entram em fricção: o conflito das identidades e a desterritorialização, que trazem consigo alguns fenômenos que impactam a tradição, e, portanto, a noção de cultura de certos países, grupos ou comunidades.

Em virtude dessa exposição constante a novos símbolos, se estabelecem novos vínculos identificatórios, os perfis culturais mudam, mudando seus referentes tradicionais, costumes e visões originárias, para ir se organizando em função de códigos simbólicos que provêm de repertórios culturais muito diversos, que tem sua origem nos diferentes formatos eletrônicos. Desse modo, as identidades tendem a diluir-se e surgem novas formas de identificação, políglotas, multiétnicas, migrantes, com elementos de diversas culturas. (MONTIEL, 2013, p.20)

Tendo nos posicionado a respeito do conceito de cultura, discorreremos, a seguir, sobre o conceito de identidade. Stuart Hall (2011, p.10-11) explica que, historicamente, a identidade deve ser entendida a partir de três perspectivas distintas: (i) identidade do sujeito do Iluminismo; (ii) do sujeito sociológico e (iii) do sujeito pós-moderno. No primeiro caso, a identidade era vista como algo unificado e inerente ao sujeito. A nossa identidade emergiria ao nascermos e assim permaneceria, sendo, portanto, um conceito bastante estável. No caso da perspectiva sociológica, esse núcleo identitário coeso e bem definido passa a ser questionado. A identidade não é mais suficiente em si mesma. Ela está sujeita a relações entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda teria seu núcleo, mas esse núcleo poderia ser modificado pelo que está a sua volta.



Já na visão pós-moderna, a identidade seria móvel, transformada continuamente, sem a unificação em um único “eu” (HALL, 2011, p.11). Enquanto na primeira visão há uma identidade quase imutável, e na segunda, há uma identidade que admite mudanças, mas ainda sim, tem certa coerência e é *una*, aqui a identidade pode ser múltipla, incoerente, e inclusive expressar várias do sujeito ao mesmo tempo:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis. (HALL, 2011, p.12)

Essas identidades antes coesas, estáveis, geravam tradição e presumiam hereditariedade. Para Forbes, Júnior e Júnior (2005, p. 5),

Nosso mundo organizava-se por um eixo vertical das identificações – um homem queria ser igual ao seu pai, ou igual ao seu superior no trabalho por exemplo. Padrões ideais orientavam as formas de satisfação, de amor, de trabalho, de aproximação e separação, de ter e educar filhos, de fazer política. Havia uma predeterminação de modelos no mundo vertical. A globalização, porém, conduziu essas formas ao excesso, à multiplicidade de modelos sem hierarquia predeterminada. Hoje as relações sofrem influências globais. As referências se contrapõem, são múltiplas, invalidam-se. Junto com as fronteiras nacionais, ruíram as ideias que organizavam as identidades.

Temos, então que, agora, na pós-modernidade, as identidades estão em processo de desconstrução, provocando o que Hall (2011, p.22) chama de *descentramento do sujeito*. Importa enfatizar que a emergência da internet, por sua vez, acentuou e potencializou ainda mais esse processo de desconstrução.

### **2.2.2 – Identidade, comunidades de ódio e (des/re)territorialização**

Como acabamos de ver, cultura e identidade são temas bastante interligados, e no que se refere à identidade, ela já se encontrava em crise antes mesmo do advento da internet. A internet, entretanto, parece potencializar a questão. Dentro de algumas das possibilidades, podemos elencar a auto representação, as comunidades virtuais, e a desterritorialização, que acabam por romper as identificações espaciais e calcadas em “tradições” com as quais os indivíduos operavam.

No que concerne ao primeiro item, para nos comunicarmos com outros habitantes do ciberespaço através de uma rede social, precisamos, necessariamente, criar um perfil em que dizemos quem somos, o que fazemos, do que gostamos, etc. Esse movimento é chamado auto representação ou “manufatura da identidade” (PARSELL, 2008, p.41). Tal movimento até era possível antes da internet, mas exigia tempo e convencimento das pessoas ao nosso redor, tendo efeitos bastante limitados. Hoje em dia, em poucos minutos, podemos criar um perfil em rede social da maneira que desejarmos, pois temos recursos audiovisuais para endossá-lo e até mesmo forjá-lo, acrescentando a nós mesmos categorizações que a nós não se aplicam, que não nos pertencem. Somemos a isso ainda a efemeridade envolvida nesse movimento: podemos, em poucos minutos, alterar radicalmente nosso perfil, o que revela, para além de uma estratégia de identidade, que podemos “ser” e “deixar de ser” com uma facilidade jamais vista. Ou seja, temos, na contemporaneidade, pouco compromisso com o que definimos como sendo a nossa identidade e, por isso, é fácil mover-se dentro dela ou ter valores contraditórios.

Assim, para Mathews (2002, p. 21), estaríamos vivendo em um mundo de cultura como moda, no qual cada um de nós pode pegar e escolher identidades culturais da mesma forma que pegamos e escolhemos roupas. Por outro lado, não podemos esquecer que:

Toda identidade, ou melhor, toda declaração identitária, tanto individual, quanto coletiva, é então múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca do que como um fato (AGIER, 2001, p.10)

Da mesma maneira como temos enorme facilidade em inventar identidades de nós mesmos e alterá-las, também é igualmente fácil pertencer e deixar de pertencer de uma comunidade. Se no mundo “real”, ao entrarmos em certos clubes, grupos, igrejas, etc. há certo período de adequação, que exige compromisso entre todas as partes, na internet nós nos associamos a determinados grupos e saímos deles com apenas um clique. Novamente há, aqui, uma relação efêmera, de pouco compromisso, o que permite o movimento do sujeito. Sendo a participação em comunidades intrinsicamente ligada às nossas identidades, é bom, então, lembrar que:

Nesse momento nos encontramos em um intenso processo de hibridizações, desterritorializações, descentramentos e reorganizações. A partir da massiva irrupção das novas tecnologias da informação e das comunicações, o indivíduo começa a exercer cada vez mais sua capacidade de mover-se entre diferentes mundos culturais, experimentando transformações até agora inéditas em suas vidas. (MONTIEL 2011, p.19)

A criação de comunidades na internet também passa de certa forma, pelo mito de que elas, automaticamente, gerariam sinergia da Aldeia Global. Embora seja verdade de que muitas comunidades *on-line*, ao conectar pessoas em diferentes partes do globo, estabelecem uma relação de cooperação entre elas, ao promover o compartilhamento, por exemplo, de conhecimentos culturais (sobre filmes, músicas etc.) ou de solução para problemas do cotidiano (como consertar um aparelho, que carro comprar etc.), também é fato que há aquelas que promovem a união entre pessoas por motivos não tão “saudáveis”, gerando desagregação social, algo não previsto nos ideários de McLuhan. Esse é o tema da pesquisa de Mitch Parsell (2008), que em seu estudo sobre comunidades “perniciosas”, analisou as facilidades que a WEB 2.0 trouxe para criar grupos que geram polarizações, silenciamentos e conflitos e também traz implicações sobre o modo como as identidades são criadas na virtualidade.

Parsell (2008) argumenta que a WEB 2.0 possibilita a criação de comunidades “negativas”, como comunidades criminosas e/ou preconceituosas. O fato de todos terem autonomia para criar comunidades tem um preço a ser pago e, apesar da internet possibilitar, em teoria, o aumento da quantidade de discursos e opiniões a que um indivíduo está exposto, na prática, ela também pode aumentar a possibilidade de ele justamente se fechar em determinados grupos ou opiniões, reforçando seu isolamento:

A WEB 2.0 provê uma grande quantidade de ferramentas, desde sofisticados buscadores a redes sociais específicas, que possibilitam e facilitam a localização de outras pessoas que sejam parecidas conosco; ela também provê recursos gratuitos para que essas pessoas parecidas se reúnam em comunidades limitadas para apenas aqueles que compartilham da mesma opinião, bem como possuem mecanismos para de maneira fácil e deliberada, banir as vozes dissidentes. Em resumo, na vida *on-line*, podemos intencionalmente restringir nossa interação a apenas aqueles que têm as mesmas opiniões que as nossas (PARSELL, 2008, p.43, tradução minha).

Criar “comunidades de ódio” é também uma forma de criar sua própria identidade, a partir de uma relação negativa. A diferença é produzida aqui a partir do que não sou, em vez do que sou. Assim, em vez de se criar uma comunidade, como por exemplo, “eu sou X”, podemos ter uma comunidade chamada “eu odeio quem é Y”. Estamos falando da clássica questão da comunicação como meio de construção e manutenção de coletivos humanos, em que há a famosa dinâmica “*in-group/out group*” (dentro do grupo/fora do grupo), ou seja, o “nós/eles”:

Os indivíduos e os grupos investem nas lutas de classificação todo o seu ser social, tudo o que define a ideia que eles fazem de si mesmos, tudo o que os constitui como “nós” em oposição a “eles”, e aos “outros” [...] A identidade, é assim, uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato. (BOURDIEU 1980, p.69 *apud* CUCHE, 2002, p. 190)

Assim, as identidades no espaço da web parecem ser construídas a partir de uma tensão envolvendo estratégias de *auto-identidade*, que é a identidade que o indivíduo atribui a si mesmo e a *hetero-identidade*, que é a identidade definida pelos outros:

A auto-identidade terá maior ou menor legitimidade que a hetero-identidade, dependendo da situação relacional, isto é, em particular da relação de força entre grupos de contato – que pode ser uma relação de forças simbólicas. Em uma situação de dominação caracterizada, a hetero-identidade se traduz pela estigmatização de grupos minoritários. (CUCHE, 2002, p.184)

Há ainda uma terceira razão, em meio às tensões identitárias já discutidas, que faz com que o indivíduo pós-moderno tenha sua identidade colocada à prova: a desterritorialização. Segundo Jacquemet (2005),

O conceito de desterritorialização foi adotado pelos cientistas sociais para abranger as dinâmicas culturais envolvidas entre as pessoas e suas práticas que não mais estão fixadas em um local (físico) específico ou que estão fixadas em um local que foi radicalmente transformado pelo fenômeno da cultura global. (JACQUEMET, 2005, p.262)<sup>9</sup>

Essa sensação de pertencimento ao mundo, e não mais a um território específico, que tem agora suas fronteiras cada vez mais tênues, nos coloca inúmeros desafios, já que não há como desconsiderar que a desterritorialização, forçosamente, exige que olhemos os “processos ideológicos de fazer e patrulhar as fronteiras da formação social” (JACQUEMET, 2005, p.274), uma vez que a sociedade não tem, segundo Bauman (2005) reagido bem a toda essa incerteza, esse descentramento e liquidez dos tempos atuais.

Uma das maneiras de (re)erguer “fronteiras”, de modo a garantir o (re)estabelecimento de “reterritorializações” identitárias, pode ser, por um lado, por meio da criação das já mencionadas “comunidades de ódio”, o que faz recrudescer discursos conservadores, nacionalistas e etnocêntricos. Mas, por outro, importa considerar que também vimos observando a criação de comunidade virtuais que têm buscado, como forma de

---

<sup>9</sup> Quando Jacquemet (2005) se refere aos cientistas sociais, ele se refere, sobretudo, a Deleuze e Guattari, que propuseram essa terminologia ainda nos anos 80.

legitimar/reafirmar identidades geralmente desprezadas na sociedade, fazer veicular contra discursos, uma vez que,

a globalização não somente teve seus efeitos alienantes e consequências de diminuição da identidade, tal como a fragmentação e a homogeneização de identidades locais. Ela também conduziu para a reafirmação de identidades tradicionais e para a emergência de movimentos contra hegemônicos. (MONTIEL, 2013, p.4)

Nesse sentido, tanto comunidades de ódio, quanto comunidades de ativismo político de grupos marginalizados socialmente devem ser vistas como resultados da tensão do mundo pós-moderno, como tentativas de manter ou desestabilizar o *establishment*, o *status quo*.

### 2.3 – Preconceito social: a ralé brasileira

Uma vez definidos aspectos relativos à conceituação de cultura e identidade, além de se estabelecer um diálogo entre a questão das comunidades virtuais e a desterritorialização, foi necessário buscar uma definição de preconceito social que dialogasse com o que já nos era adiantado em uma primeira visita ao corpus desse trabalho. Para isso, buscou-se uma definição que explicasse os dados dos quais nos defrontamos, de maneira atualizada e sensível às questões nacionais.

Nesse sentido, apesar de lamentarmos a denúncia de situações de preconceito social pretendemos fazer, tivemos a felicidade de encontrar a obra *A ralé brasileira: quem é e como vive*, do Brasileiro Jessé Souza (2018). Trata-se de um livro baseado em uma extensa pesquisa teórica e empírica sobre preconceito social no Brasil. Desse trabalho resultou a revelação de uma nova categoria social existente em nosso país, que não se encaixa nas tradicionalmente conhecidas classes trabalhadoras mais baixas. É a classe da “Ralé Brasileira”, provocativo nome usado por Jessé Souza:

Nem Bourdieu, nem Taylor imaginavam alguma coisa abaixo da classe trabalhadora, percebidas, para eles, como ponto zero da escala social. Eu, no entanto, não era nem francês nem canadense, e, como brasileiro, percebia a realidade das classes relegadas a uma marginalidade e uma humilhação social muito maior que a da classe trabalhadora (SOUZA, 2018, p.23)

A classe da Ralé Brasileira, elencada por Jessé Souza, é uma classe tão discriminada, que é alvo de discriminação pelos próprios cidadãos das classes mais baixas – o que explica para nós o fato de muitos relatos de preconceito, aqui verificados, serem cometidos por pessoas que estão muito longe de pertencer à elite –, ou seja, não há uma fácil e contrastada

relação de uma “elite opressora” de um lado e de uma “classe trabalhadora explorada” do outro:

Ao invés da oposição clássica entre trabalhadores e burgueses, o que temos aqui, numa sociedade perifericamente moderna como a brasileira, como nosso “conflito central”, tanto social quanto político e que subordinam em importância todos os demais, é a oposição entre uma classe excluída de todas as oportunidades materiais e simbólicas de reconhecimento social e as demais classes sociais que são, ainda que diferencialmente, incluídas (SOUZA, 2018, p.31)

Para começar seu raciocínio, SOUZA (2018) nos mostra que em primeiro lugar é necessário revelar essa classe, já que ela é esquecida propositalmente por diversos instrumentos ideológicos do Estado e da nossa história. Um desses instrumentos de esquecimento ou apagamento de identidades é o mito da brasilidade.

O mito da Brasilidade funciona como uma versão tupiniquim da Aldeia Global de McLuhan (1969). Do mesmo modo que os Estados Unidos desejaram vender uma imagem para o mundo de que seriam os promotores de uma sinergia global, através da tecnologia, nós temos o mito da Brasilidade, construído num passado não muito distante, para vender uma imagem de que somos um povo alegre, pacífico, harmônico, que respeita e valoriza as diferenças. Esse falso discurso atende a uma agenda nacionalista e contribui para desidratar os debates a respeito de nossos conflitos culturais:

O “mito nacional” é a forma moderna por excelência para a produção de um sentimento de “solidariedade coletiva”, ou seja, um sentimento de que “todos estamos no mesmo barco” e que juntos, formamos uma unidade. Sem a construção de um sentimento “de pertencimento coletivo” desse tipo, não existe nação no sentido moderno, nem sentimento de compartilhamento de uma mesma história de um mesmo destino” (SOUZA, 2018, p.35)

Nesse momento, Jessé Souza nos chama a atenção para questões que envolvem Cultura, Identidade e Nações – já nos antecipadas por Stuart Hall (2011) e Montiel (2013). Trata-se de uma negação de conflitos, com vistas à promoção de uma artificial sensação de união, necessária para a manutenção do Estado e do discurso nacionalista.

A união, assim como a solidariedade e o amor entre “raças” e “culturas” que comporiam a brasilidade, empiricamente visível – na verdade só o “resultado” é visível, mas não o “processo” real que levou a este resultado – a olho nu nas ruas e no cotidiano brasileiro, passa a ser ensinada nos livros de escola, celebrada como singularidade nacional nas campanhas do governo, carnavalizada nos

sambas e desfiles, discutida e debatida nos jornais e nas universidades. É, como sempre, com a sua “institucionalização”, como mecanismo de poder do aparelho do estado e convencimento na esfera pública (SOUZA, 2018, p.45)

Avançando em sua teoria, SOUZA (2018) explica que o mito da brasilidade é um primeiro passo para entender a concepção que temos de nós mesmos e dos outros, mas insuficiente. Há mais do que isso. Há outras características que definem quem somos que vão além das fronteiras nacionais, e são comuns ao nosso sistema social, político e econômico. Dentro dessa questão, o autor argumenta que o poder não pode ser manifestado de maneira tão clara como antigamente, ou seja, ele agora é manifestado de maneira insidiosa (SOUZA, 2018, p.48). Uma dessas maneiras é a meritocracia, que acontece desde o berço:

No passado o pertencimento à família certa e à classe social certa dava a garantia, aceita como tal pelos dominados de que os privilégios eram “justos” porque espalhavam a “superioridade natural” dos bem-nascidos. No mundo moderno, os privilégios continuam a ser transmitidos por herança familiar e de classe, como veremos adiante, mas sua aceitação depende de que os mesmos “apareçam”, agora, não como atributo de sangue, de herança, de algo fortuito, mas como produto “natural” do “talento” especial como mérito do indivíduo privilegiado. Existiria, no mundo moderno, uma “igualdade de oportunidades” que seria a forma de conciliar as demandas de igualdade e liberdade. Os privilégios que resultam disso não seriam “desigualdades fortuitas”, como no passado com a dominância do status de sangue, mas “desigualdades justas”, porque decorrentes do esforço e desempenho diferencial do indivíduo. (SOUZA, 2018, p.49)

Aqui o autor começa a elaborar uma crítica à lógica da meritocracia vigente em nossa sociedade, e seu ponto, dentro da teoria da ralé brasileira, é demonstrar que, ao esquecer propositalmente o entorno social, abre-se espaço para culpar o indivíduo por seu fracasso. A culpabilização, ao se tornar individual e não fruto da sociedade e de seu sistema, abre portas para o escárnio, afinal, quando alguém ri ou promove chacota contra alguém, usando preconceito social, isso só faz sentido porque aquela pessoa seria a culpada. O fracassado não seria discriminado como mero azarado, “mas como alguém que, por preguiça, inépcia ou maldade, por “culpa”, portanto, “escolheu” o fracasso” (SOUZA, 2018, p.50).

Mas quem é esse indivíduo fracassado? Quem é, na prática, a ralé brasileira? É nesse momento que Jessé entra na parte empírica de seu trabalho e demonstra, através de narrativas, seu trabalho de pesquisa de campo, onde entrevistou diversos membros dessa classe. Seu objetivo é mostrar a gênese da construção da ralé brasileira e o comportamento dela, desde sua infância, até o momento em que se tornam adultos. Em primeiro lugar, ressalta-se que a

Ralé Brasileira é uma classe que é vítima da violência, mas essa violência sofrida diariamente não aparece nos meios de comunicação tradicionais.

Por que chamar de violência apenas aquilo que a TV, os jornais e revistas, na sua busca frenética de manipular o medo público de modo sensacionalista como meio de angariar clientes e lucro, chamam de violência? Por que apenas a “violência espetacular” das perseguições, tiros e balas perdidas concentra a atenção e o foco de todos? Esse amesquinamento do olhar seletivo é o próprio fundamento da manutenção de uma ordem excludente e perversa que só pode se manter enquanto tal de modo legítimo, se conseguir, precisamente, “eufemizar”, mitigar, diminuir os conflitos sociais de forma a torná-los circunscritos e parciais (SOUZA, 2018, p.110)

A violência diária a que os membros da ralé brasileira estão expostos, presente nos relatos do livro, mas não presente nos noticiários tradicionais, ocorre de diversas maneiras: chacota, estupro (inclusive por membros do próprio núcleo familiar, como pais ou irmãos), falta de moradia, falta de segurança financeira, maus tratos, espancamentos, empregos humilhantes, violência com milícias, traficantes e com a própria polícia, etc.

Essa violência sofrida destrói o lado afetivo dos membros da ralé brasileira, que acabam por não possuir confiança e psicológico para poder ascender socialmente e responder à violência sofrida, além de reproduzir esses mesmos parâmetros para seus filhos (SOUZA, 2018, p.455), gerando um ciclo sem fim, que os faz uma classe anestesiada pela violência sofrida e naturalizada em suas vidas, diferentemente de outras classes trabalhadoras que ao menos possuem o aspecto afetivo e podem, assim, ter mais chance de reverter sua situação social e econômica.

Além da violência, a falta de afetividade da Ralé Brasileira também se dá pela ausência de valores “imateriais” transmitidos via herança, como ocorre com classes mais altas. Estamos falando da transmissão de valores como comportamento, estilo de vida e capital cultural, além de outros (SOUZA, 2018, p.25). Assim, o autor se afasta da concepção usual, de imaginar as classes sociais através do olhar do poder econômico, e propõe a questão afetiva como gênese de tudo que explica a marginalização dessa classe. A principal diferença de alguém que nasce na classe média para alguém que nasce na ralé brasileira não é o dinheiro de sua família, mas os valores afetivos que cada um receberá ou deixará de receber:

Não é a renda que define o pertencimento a uma classe, como pensa o senso comum e as concepções “científicas” baseadas nos preceitos do senso comum. Ao contrário, a renda é mero efeito de fatores não econômicos – ainda que condicionados por uma condição socioeconômica particular – aprendidos em tenra idade. O que é



sempre escondido e nunca percebido nessa questão é o fato que as classes sociais se produzem e se reproduzem, antes de tudo, “afetivamente”, por herança familiar. (SOUZA, 2018, p.439)

Retornando à questão do indivíduo e da meritocracia, dentro desse contexto, Jessé nos mostra como o lado afetivo e sua transmissão são decisivos na hora de tratar um indivíduo como bem sucedido e o outro como preguiçoso, para assim provar que a questão social do entorno do indivíduo é determinante. O filho da classe média se acostuma, de acordo com ele, desde pequeno, a ver pessoas de sua família lendo romances, praticando inglês, usando o computador, e por consequência, aprende isso de maneira natural e pré-reflexiva, imitando a quem ama. Esse aprendizado acaba por ser naturalizado e traz vantagens na competição social do mercado de trabalho em relação às classes desfavorecidas, pois o mercado, assim como não pressupõe a violência diária sofrida no núcleo dessas famílias, por outro lado, pressupõe a incorporação desses valores, uma vez que aqueles que contratam também tiveram esse tipo de privilégio naturalizado. Como esses privilégios são invisíveis, o mercado se torna incapaz de percebê-los e passa a considerar que o membro da ralé brasileira não tem esses valores porque não quis ou porque é preguiçoso.

É esse esquecimento do social – ou seja, do processo de socialização familiar – que permite dizer que o que importa é o “mérito individual”. Como todas as pré-condições sociais, emocionais, morais e econômicas que permitem criar o indivíduo produtivo e competitivo em todas as esferas da vida simplesmente não são percebidas, o “fracasso” dos indivíduos das classes não privilegiadas pode ser percebido como “culpa” individual. (SOUZA, 2018, p.25-26)

Esses valores naturalizados na sociedade, que a classe da ralé brasileira obviamente não atende, vão levar essa classe a ser considerada, portanto, uma “classe do corpo”. Do corpo porque a ela são ofertados apenas subempregos que exigem mero dispêndio de energia muscular (SOUZA, 2018, p.29) como os empregos de empregada doméstica, serviços braçais ou até mesmo a prostituição, bem como do corpo, porque são considerados verdadeiros animais, ou seja, aqueles que, vistos sob uma ótica do liberalismo asceta (WEBER, 2016), são incapazes de controlar seus próprios impulsos, destituídos de cultura, disciplina, autocontrole, pensamento prospectivo, etc. (SOUZA, 2018, p.433).

Conforme pudemos entender, de maneira resumida, a ralé brasileira é composta por indivíduos expostos à completa marginalização em todas as esferas de suas vidas (e não só econômica), com aspecto psicológico e afetivo abalado pelas inúmeras violências sofridas e sem acesso à bagagem imaterial que classes mais altas têm. Eles também são a “classe do

corpo”, úteis para a sociedade e para o Estado como mera força muscular, totalmente substituível e ao mesmo tempo, como são vistos como animais, precisam estar sob controle e constante repressão.

Essa é a classe que compõe cerca de 1/3 da população brasileira, que está abaixo dos princípios da dignidade e condenada a ser, portanto, apenas “corpo” mal pago e explorado, e por conta disso é objetivamente desprezada e não reconhecida por todas as outras classes. Essa é também a razão da dificuldade de seus membros construírem qualquer fonte efetiva de autoconfiança e de estima social, que é, por sua vez, o fundamento de qualquer ação política autônoma. É apenas porque nós brasileiros permitimos a reprodução continuada de uma classe condenada a ser corpo sem alma que podemos também temê-la e persegui-la cotidianamente como delinquentes [...] como assunto de polícia e não de política (SOUZA, 2018, p.137-138)

Eles são, portanto, subgente:

Minha tese é que existe um “consenso inarticulado” que perpassa toda a sociedade brasileira que diz que é normal e natural que a nossa sociedade seja dividida em gente e subgente, e é esse consenso que permite a reprodução da maior desigualdade social do planeta dentre as sociedades complexas (SOUZA, 2018, p.458)

Nesse trabalho, poderemos ver essas questões na prática. A análise do preconceito praticado registrado no corpus dessa pesquisa, que é composto majoritariamente por chacotas contra os membros da ralé brasileira, além de nos servir como um reflexo e diagnóstico da nossa sociedade, serve, também, para nos mostrar novas maneiras que vão surgindo para tolher a inclusão digital. Como o acesso à internet, graças aos *smartphones* e às redes móveis é tão barato que até mesmo as classes mais desfavorecidas, como a ralé brasileira, tem conseguido acessá-la, essas novas maneiras de exclusão passam a ocorrer por meios simbólicos, envolvendo muito mais fatores sociais relativos à cultura e preconceito, do que a aspectos técnicos ou econômicos.

Considerando tudo isso, as categorias de análise que se apresentarão para demonstrar alguns dos *modus operandi* da exclusão social na internet, respondem também a uma espécie de *performance* (GOFFMAN, 2018, p.28) esperada por aqueles que praticam atos discriminatórios, como se houvesse um pré-requisito ou etiqueta necessária para participar da internet. Os membros que pertencem à ralé brasileira não atendem a essa performance, construída através da meritocracia, e acabam, por isso, marginalizados também no espaço da web.

## 2.4 – Categorias de análise

Uma vez tendo tido contato com os aspectos teóricos de cultura, identidade e preconceito social, estabeleceu-se um contínuo vai-e-vem, confrontando a teoria já conhecida, com a revisitação do corpus da pesquisa. Desse movimento, novas perguntas e constatações surgiram, e delas, aprimoramentos para se chegar, enfim, às categorias de análise.

As categorias de análise foram orientadas pela perspectiva da distinção social proposta por Bourdieu (2017) somada a um critério de representação social enquanto performance, de Erving Goffman (2018). Dessa reflexão, surgiram duas possibilidades de, por meio da internet, determinados usuários diferenciarem-se dos outros: (i) através de seus gostos e estilos de vida, e/ou (ii) através da maneira como usam a língua, o português, em sua norma padrão.

Ambas as categorias funcionam separando indivíduos entre prestigiados e desprestigiados, estabelecendo, muitas vezes, um critério social para aqueles que são autorizados a falar e usar plenamente a internet, versus outros que não o são, ou seja, há aqui uma espécie de ordem do discurso (FOUCAULT, 1971) gerenciando as possibilidades de uso da internet, embora, do ponto de vista técnico, ela esteja disponível para todos.

### 2.4.1 – Preconceito de gostos e estilos de vida

A primeira categoria de análise desse trabalho responde a preconceitos relacionados a aspectos de gosto e estilo de vida. Esses preconceitos encerram em um conceito de fracasso, revelado através de uma ideia de falta de sofisticação na arte do viver, compreendida desde a *hêxis corporal*, retratando os indivíduos como rudes, de comportamento pouco elaborado, incapazes de controlar seus impulsos, passando para também aspectos relacionados à falta de refinamento do gosto, tanto o gosto material, como a opção por marcas e produtos desprestigiados, quanto simbólico, na filiação a culturas consideradas inferiores, falta de elaboração no gosto musical, artístico, etc. Há, portanto, uma noção implícita de “personalidade sensível”, que dividiria o mundo em seres com “espírito” e superiores, daqueles “animalizados e inferiores” (SOUZA, 2018, p.21).

O preconceito de gostos e estilos de vida foi percebido, sobretudo, nas obras de Pierre Bourdieu (1976; 1983; 2017) em que ele discute a centralidade do *habitus de classe* (SOUZA, 2018, p.446) e da estética em relação às maneiras de uma classe social se distinguir de outra. Determinadas classes fruíam certos tipos de artes, consideradas mais elaboradas, em oposição ao tipo de arte que classes mais baixas fruíam. Esse movimento também não era estático. Se determinada arte, fruída pela nobreza, começasse a se popularizar entre classes

mais baixas, novas artes eram buscadas para manter essa distinção, bem como, se novos tipos de arte começassem a se popularizar entre as classes mais baixas, então as artes “clássicas” eram trazidas de volta, operando sempre um princípio raridade, ou seja, de valorizar aquilo que não é popular. (BOURDIEU, 1983, p.127-135).

Uma das maneiras de mais facilmente se perceber essa oposição entre novo/velho, vanguarda/clássico, bom gosto/mau gosto, distinto/vulgar, usada pelas antigas burguesias, mas ainda existente no mundo atual, é o campo da música (BOURDIEU, 1983, p.134). Até hoje encontramos pessoas que, para se distinguir, podem, por exemplo, preferir discos de vinil ao CD ou MP3, ou ainda, preferir determinados estilos e bandas mais raros ou “difíceis”, em detrimento de outros, mais populares, para demonstrar que seu interior não se assemelha ao das massas, sendo sua alma mais elaborada, mais elevada.

Dessa reflexão inicial, Bourdieu vai perceber, então, que a questão estética, na sociedade moderna, vai transcender apenas a questão das preferências por obras de arte, poesia, pintura, música, etc. Começa-se a se verificar a dimensão estética em outras questões da vida. Essas dimensões da vida compreendem uma “arte do viver”:

Se é demasiado evidente que, pela arte, a disposição estética recebe seu terreno por excelência, ocorre que, em qualquer campo da prática, é possível se afirmar a intenção de submeter as necessidades e as pulsões primárias ao requinte e à sublimação; além disso, em todos os campos, a estilização da vida, ou seja, o primado conferido à forma em relação à função, à maneira em relação à matéria, produz os mesmos efeitos. (BOURDIEU, 2017, p.13)

O movimento de submeter qualquer coisa ao requinte e à sublimação vai formar o gosto, que para Bourdieu, é “a propensão e a aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras” (BOURDIEU, 1983, p.2). Do gosto, depreende-se o estilo de vida, que é um conjunto de preferências distintivas em aspectos simbólicos, culturais, linguísticos, corporais, etc. Dessa maneira, em um procedimento muito semelhante aos que burgueses de períodos anteriores tinham em usar a arte para distinção, no mundo moderno, as pessoas também vão tentar imprimir arte em seus gostos e estilos de vida, tentando mostrá-los como mais elaborados. É o que explica, por exemplo, o sentimento de superioridade de alguém que sabe distinguir cervejas e vinhos caros, daquele que não sabe.

As diferenças sociais mais fundamentais conseguiram, sem dúvida, exprimir-se através de um aparelho simbólico reduzido a quatro ou cinco elementos, tais como Pernod, vinho espumoso, água mineral,

Bordeaux, champanhe, uísque, mais ou menos tão completamente quanto através de sistemas expressivos aparentemente mais complexos e refinados com os que os universos da música ou da pintura oferecem à preocupação de distinção. (BOURDIEU, 1976, p.3)

A gênese dessa possibilidade de distinção da personalidade por seus gostos e estilos de vida, para Jessé Souza, se dá pelo fato de que na modernidade houve um enobrecimento das paixões, que passam a ser válidas enquanto sentimentos nobres e morais. Assim, “tornar-se uma personalidade sensível e sofisticada, o ideal de qualquer indivíduo das classes superiores na modernidade, só é compreensível sob este pano de fundo histórico” (SOUZA, 2018, p.431):

É esse mesmo fato que, por exemplo, permite a “tiração de onda” de pessoas que compram vinhos finos e caros e passam a noite discutindo pequenas distinções de sabores. Um grupo de amigos endinheirados só atravessa a noite fazendo isso porque não baste ter dinheiro para se sentir “especial”. É somente o testemunho recíproco do quão delicados e nobres seus “gostos” são que permite o sentimento compartilhado de superioridade sobre todas as outras pessoas rudes e comuns que tomam cachaça ou cerveja barata (SOUZA, 2018, p.431)

Esse movimento de distinção vai, então, ser uma das pré-condições para fundar as separações e desigualdades entre classes, por valores principalmente imateriais, como defende o autor, ou seja, não é só o fato de se ter dinheiro para comprar um vinho caro que faz alguém sofisticado, mas também a sua capacidade de distinguir sua composição, seu sabor, etc. Como estamos vendo, há uma clara elaboração de oposições sensível/rude, nobre/vulgar, elaborado/não elaborado, com espírito/sem espírito, controlado/selvagem, etc.

Para o burguês que pode comprar uma garrafa de vinho de 15 mil reais, o bolso cheio se transforma em um mero acaso feliz. Sua distinção e superioridade inatas ficariam comprovadas pela “fruição estética” diferencial que o afasta, aos seus olhos e de seus pares, de todos aqueles seres animalizados que gostam de cachaça e cerveja barata. Os privilégios de classe ganham, neste contexto, uma legitimação que é conferida pelas redes de identificação de classe com os pares e de preconceito de classe contra os de baixo. (SOUZA, 2018, p.21)

Ora, se a sociedade se funda principalmente no critério de uma personalidade sensível que é, sobretudo, um valor imaterial hereditário, então, retornamos à discussão já realizada de meritocracia, de individualização da culpa e da não centralidade do aspecto econômico na divisão de classes sociais. Assim, desse movimento onde Estado e mercado “criam”, no sentido forte do termo, “certo tipo de indivíduo e de comportamento individual e condenam

todas as outras formas possíveis ao estigma social da pré-modernidade, do delinquente e do marginalizado” (SOUZA, 2018, p.123), surge, finalmente, a validação e naturalização da meritocracia e da individualização da culpa, pois se cria a sensação de que aquele que não domina a arte do viver merece estar onde está:

Não contentes em não deter pelo menos alguns dos conhecimentos ou maneiras valorizados no mercado dos exames escolares ou das conversas mundanas e em não possuir senão habilidades ou saberes que não tem nenhum valor nesses mercados, não contentes, em resumo, em estar despojados do saber e da boa educação, eles [os pobres] são ainda [considerados] aqueles que “não sabem viver”, aqueles que mais se sacrificam pelos alimentos materiais e pelos mais pesados, mais grosseiros e os que mais engordam [...] aqueles que destinam menos ao vestuário e aos cuidados corporais, aos cosméticos e à estética, [...] que se dedicam aos lazeres pré-fabricados concebidos em sua intenção pelos engenheiros de produção cultural em massa; aqueles que, por todas essas escolhas mal inspiradas, confirmam o racismo de classe, se for preciso, na convicção de que não tem senão aquilo que merecem (BOURDIEU, 1983, p.22)

A submissão das classes mais baixas a esse modelo revela-se, ainda, no culto dessas próprias classes aos valores dominantes, ao, por exemplo, na falta de acesso a um tipo de consumo ou estilo de vida considerado nobre, ocorrer uma substituição por imitações, por exemplo, cidra no lugar de champanhe, falsificações de roupas e produtos de marcas, etc., que são “indícios de um desapossamento de segundo grau que se deixa impor a definição dos bens dignos de serem possuídos” (BOURDIEU, 1983, p.20).

Trazendo toda essa reflexão para os dias de hoje, da mesma maneira que usamos o exemplo dos vinhos, com o avanço da tecnologia, abrem-se, então, novas possibilidades para que os indivíduos operem esse mesmo sistema de distinção material e simbólica. Como vimos no primeiro capítulo, por exemplo, causou incômodo às classes mais favorecidas quando o aplicativo *Instagram* foi liberado para que pessoas de classes mais baixas utilizassem.

Esse critério de distinção aqui demonstrado parece agora, em tempos de globalização e internet, acontecer de maneira ainda mais forte. Uma possível explicação é a de que, em tese, com a diluição de fronteiras e o baixo custo de aquisição de dispositivos para acessar a internet, o espaço tornaria todos iguais, numa espécie de socialismo cibernético, isto é, não há, por exemplo, nenhum recurso técnico adicional na conta do Facebook de alguém pertencente à elite, em relação a uma pessoa pertencente à ralé brasileira, mas há diferença no conteúdo simbólico postado entre eles.

Por esse motivo, se antes a distinção era possível desde a separação por bairros, vestimentas, automóveis, etc. no mundo virtual, ela precisa ser operada muito mais fortemente através dos meios simbólicos. Outra questão importante da internet é que, nossas ações, nosso estilo de vida, nossos gostos, estão sob a observação de muito mais pessoas. Muitos estão constantemente postando *selfies*, fotos de viagens, fotos em restaurantes chiques, tudo o que podem para mostrar como seu estilo de vida e seus gostos são refinados, distintos, *cool*.

Para entendermos melhor esse verdadeiro teatro das redes sociais, podemos pensar o conceito de distinção já apresentado em Bourdieu (1976, 1983, 2017) e Souza (2018) à luz da teoria da representação de Erving Goffman (2018). O autor propõe imaginarmos nossa vida em sociedade como se fôssemos atores desempenhando diversos papéis em uma peça de teatral. Isso se explicaria pelo princípio de que nós, de maneira consciente ou não, através de nossa conduta e aparência, damos certos sinais ou indicativos para que os outros possam inferir nossa identidade (GOFFMAN, 2018, p.13).

Sob essa ótica, condutas e aparências relacionadas à sofisticação, podem dar indicações de que aquela pessoa faz parte de um grupo social ou não faz parte de outro grupo social. Muitos indivíduos, inclusive, investem no reforço de traços considerados positivos, de modo a impressionar seu palco, isto é, impressionar os outros à sua volta. E é através dessa tentativa de impressionar que se formula a questão do desempenho, que é definido por Goffman (2018, p.28) como “toda atividade que serve, de algum modo, para influenciar os outros participantes”.

Por outro lado, condutas, aparências e gostos relacionados com falta de sofisticação, podem fazer com que a plateia, que no caso da internet não é só plateia, mas também participa ativamente do jogo, pré-conceba esses indivíduos como pertencentes à ralé brasileira, e assim, tal como ocorre na “vida real”, os trate como indesejáveis.

É nesse cenário, portanto, que a busca pelo desempenho parece acontecer de duas maneiras distintas. A primeira é *proativa*: antes mesmo de ocorrer uma interação e nela intervir, indivíduos colocam em circulação imagens e discursos que enaltecem um tipo de desempenho tido como modelo, ou outro tido como condenável. Em geral, isso é feito por uma identificação negativa, através de discursos e comunidades de ódio, como veremos no caso da comunidade *Aprendendo Dollynez*. Estabelecendo essa “ordem do discurso” que define quem é, e quem não é digno de usar a internet, de viver em sociedade, etc., cria-se um ambiente hostil aos que não são capazes de atingir esse desempenho.

A segunda maneira é *reativa*: quando um indivíduo se expressa sem atingir o desempenho inventado pelos outros participantes, como, por exemplo, aquele indivíduo que

se expressa sem dominar o português em sua norma padrão. Nesse caso, ele pode ser silenciado por outros participantes, que dizem que “é necessário primeiro aprender a escrever, para depois poder postar naquele site” ou ainda sua participação pode ser capturada através de um *screenshot* (registro da tela via imagem) e imediatamente compartilhada em páginas específicas, dedicadas a promover chacota, como uma verdadeira humilhação em praça pública, o que será visto no terceiro capítulo desse trabalho.

Em resumo, o que se relata aqui, é que existe, na internet, uma intensa patrulha baseada em complexos e históricos processos, que se reapresentam sob novas formas, capazes, muitas vezes, de aumentar a desigualdade social.

#### 2.4.2 – O preconceito linguístico

A segunda categoria de análise desse trabalho corresponde ao preconceito linguístico. Ele é talvez a maneira mais cristalizada de preconceito social possível de ser verificada no meio da internet. Basta pesquisar por termos como “nem escrever você sabe”, “aprende a escrever antes de postar”, e outros termos semelhantes no *Google* ou em qualquer rede social, e lá teremos infinitos resultados de um internauta tentando impedir a participação de outro, devido a enunciados formulados em uma forma não prestigiada da língua.

Para entender as particularidades desse tipo de preconceito, quando ocorre no contexto da internet, precisamos, primeiramente, entender o que é o preconceito linguístico em linhas gerais, e para fazê-lo, também é preciso entender o que é variação linguística. É bom lembrar que esses assuntos ainda são mais restritos aos especialistas da área de Letras e Linguística, embora o preconceito linguístico tenha conseguido divulgação fora desse meio, atingindo um público mais geral, através do livro *O que é preconceito linguístico e como se faz*, de Marcos Bagno (1999).

Por ser um fenômeno identificado ainda de maneira relativamente recente, e por sua divulgação e combate ainda circular, sobretudo, em ambiente especializado, o preconceito linguístico enfrenta dificuldades de reconhecimento. Muitas vezes não é tratado como importante ou como capaz de trazer dano à sua vítima, ou seja, é considerado mais brando, embora, como veremos a seguir, ele não seja. O preconceito linguístico pode ser tão ou mais grave do que outros preconceitos, por ter alto potencial de impedir um cidadão de exercer seu simples direito à fala. Nesse sentido, Maurizio Gnerre trata de maneira acertada a questão:

Segundo os princípios democráticos, nenhuma discriminação de indivíduos tem razão de ser, com base em critérios de raça, religião ou credo político. A única brecha deixada aberta para a discriminação é



aquela que se baseia nos critérios da linguagem e da educação.  
(GNERRE, 2012, p.25)

#### 2.4.2.1 – O que é preconceito linguístico?

O preconceito linguístico, em linhas gerais, é o preconceito que um falante, em nosso caso, do português brasileiro, tem contra o modo de falar ou escrever de outro falante da mesma língua. A raiz dessa questão está no fato de que um deles considera que há somente uma maneira correta de se expressar na língua portuguesa, correspondente à norma padrão (BAGNO, 2009, p.11). Ao perceber que seu interlocutor não a domina, é comum ocorrer chacota, desprezo ou silenciamento, o que também funciona como um *Argumentum ad Hominem* ou ainda se constitui em um verdadeiro *bullying linguístico*, remetendo à questão do fracasso citada em Jessé Souza (2018)

A disputa sobre qual é a maneira mais correta de falar está enraizada em várias questões. Muitas delas são ligadas à escola, à gramática normativa, à dicotomização da língua entre a escrita e a falada, e principalmente ao prestígio social e/ou autoridade envolvida no ato de fala. Assim, a partir de uma série de equívocos, cria-se um mito chamado de “pureza linguística”, como se houvesse uma língua ilibada, correta, ideal, que deva ser buscada, e tudo o que foge a ela é uma desvirtuação.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, "errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente", e não é raro a gente ouvir “que isso não é português” (BAGNO, 1999, p.40).

Os sociolinguistas tem empreendido bastante energia nessa questão, para demonstrar que a língua é um produto heterogêneo, múltiplo, variável, instável, fruto de um trabalho coletivo e social (BAGNO, 2007, p.36), não havendo como identificar e separar uma maneira “pura”, “verdadeira” ou “única”. Em suma, não haveria um português correto ou original, e sim, variedades do português. Tampouco pregam o “vale tudo”, isto é, não se prega uma relativização das coisas de modo a se dizer que cada um fala ou escreve da maneira que quiser, mas sim, que há modos apropriados de acordo com a finalidade e contexto, e não é cabível exigir que falemos sempre a mesma língua, não importando a situação ou região.

Para demonstrar esse ponto e mostrar que a variação está na gênese da própria língua como a conhecemos, podemos citar, por exemplo, a obra de Rodolfo Ilari e Renato Basso, o

livro “O português da gente” (2006). Nessa obra, os autores revelam as diversas influências que o português brasileiro teve, advinda, por exemplo, de outros dialetos, línguas francas, *pidgins*, bem como o contato com a cultura africana, europeia, etc. desmitificando a questão da “língua pura”, mostrando que a variação linguística fez e faz parte da nossa língua:

[...] variação existe, quer gostemos, quer não. Mas há muita gente para quem esse fato é um problema: essas pessoas se sensibilizam com a variação diastrática [ligada à classe social] e tendem a achar que falar uma variedade diferente da padrão é um problema sério para a sociedade e para quem o faz, talvez um vício, talvez um crime, talvez uma manifestação de inferioridade. É, mais uma vez, a atitude que levou os gregos a chamar de bárbaros todos aqueles que não falavam grego e que consiste em desclassificar o outro, desclassificando sua língua. Sempre que isso acontece, a língua torna-se um veículo de preconceitos e exclusões, uma função na qual, infelizmente, pode ser extremamente eficaz. (ILARI; BASSO, 2006, p.195).

Veja que aqui há menção a um processo que busca desclassificar o outro, considerando-o bárbaro. Trata-se, portanto, de um critério de distinção social ligado à ideia de selvagem, apresentada em Lévi-Strauss (1952, p.4). Um equívoco cometido pelos que não compreendem os aspectos sociais envolvidos na variação da língua, pois na verdade, a variedade linguística é também “reflexo da variedade social, e como em todas as sociedades existe alguma diferença de status ou de papel entre indivíduos ou grupos, estas diferenças se refletem na língua” (POSSENTI, 2004, p.34).

Assim, é importante entender que tolher a possibilidade da variação linguística é, além de artificial, uma atitude que serve aos interesses daqueles que justamente desejam uma sociedade “uniforme”, apagando determinados traços identitários e culturais, desconsiderando que na verdade as variações enriquecem a língua, ao somar possibilidades de se enunciar e de se expressar. Roland Barthes, quando ministra seu discurso em sua aula inaugural no *Collège de France* em 1977, reconhece essa mesma questão no idioma francês, o que nos mostra, além da questão da multiplicidade, que variedade de língua existe em todas as línguas:

[...] é bom que os homens, no interior de um mesmo idioma – no nosso caso, o francês – tenham várias línguas. Se eu fosse legislador – suposição aberrante para alguém que etimologicamente falando é anarquista – longe de impor uma unificação do francês, quer burguesa, quer popular, eu encorajaria, pelo contrário, a aprendizagem simultânea de várias línguas francesas, com funções diversas, promovidas à igualdade (BARTHES, 2015, p.25)

E de onde surgiu esse pensamento de que a língua não varia ou que há apenas uma variedade correta? Um dos principais vetores desse aspecto tem sido novamente a escola, embora alguns currículos, agora, tenham começado a sofrer alterações. Na escola, duas questões são fundamentais para a construção desse pensamento: o excesso da gramaticalização da língua e o equívoco gerado entre a separação de língua escrita e língua falada.

O excesso de gramaticalização da língua responde tanto a uma cultura ou método de ensino que se baseia justamente na gramática normativa como referência, quanto na questão da autoridade envolvida neste tipo de material. Num ambiente educacional marcado historicamente pela busca de autoridades e por respostas certas, é comum recorrer às gramáticas e aos dicionários, e as respostas que estes nos dão são frequentemente limitadas e inflexíveis.

A questão da separação da língua escrita e falada é ainda mais complexa. Na escola, frequentemente se ensinou (e ainda se ensina) que a língua é dividida em duas modalidades. O mais comum é o professor traçar uma linha divisória e de um lado colocar as características da língua escrita, que seriam: coerente, organizada, formal, etc. e do outro a da língua oral, tida como incoerente, desorganizada, informal, ideia que também tem um pano de fundo histórico bastante antigo:

Os primeiros gramáticos, comparando a língua escrita dos grandes escritores do passado e a língua falada espontânea, concluíram que a língua falada era caótica, sem regras, ilógica, e que somente a língua escrita literária merecia ser estudada, analisada e servir de base para o modelo do “bom uso” do idioma. Essa separação rígida entre fala e escrita é rejeitada pelos estudos linguísticos contemporâneos, mas continua viva na mentalidade da grande maioria das pessoas (BAGNO, 2007, p.68).

A relação de falsa dicotomização da língua (MARCUSCHI, 2004, p.28), que divide ela entre uma variedade falada, e uma variedade escrita, torna-se ainda mais desmitificada na internet, posto que a própria possibilidade de adicionar expressões via *emojis*, evidencia a existência de um *hibridismo inevitável* (BAGNO, 2013, p.70) entre fala e escrita nesse meio, pois elas “mobilizam os multimeios sonoros, visuais, tridimensionais, etc. que as novas tecnologias de informação e comunicação têm colocado ao nosso dispor” e assim, por conta disso, “escrever, hoje em dia, é praticamente o mesmo que falar” (BAGNO, 2013, p.71).

Entretanto, muitas pessoas, por conta do ensino escolar que tiveram, mesmo nos tempos atuais, ainda operam sob esse modelo de língua dicotomizada, e assim, passam a

exigir, artificialmente, que os outros participantes da internet escrevam seus textos baseando-se em um ideal de elegância e correção da escrita literária, o que, além de ser descabido, é também uma das “sementes” do preconceito linguístico (BAGNO, 2013, p.65) que se torna intensificado nesse meio, como explicaremos agora.

#### 2.4.2.2 – As especificidades do preconceito linguístico na internet

Como vimos ao refletir sobre a história da internet, uma das utopias imaginadas sobre ela é a de que esta se constituiria em um espaço onde todos compartilhariam, pacificamente, conteúdos e informações. Para constantes trocas de informações em comunidades dessa aldeia global, mais do que de redes de computador e acesso à internet, precisamos da língua.

Dessa maneira, um equívoco bastante comum com relação à língua, ocorre com ainda maior intensidade na utopia do sonho da aldeia global: imaginar que ela é neutra, usada somente para compartilhar informações, expressar e comunicar. Maurizio Gnerre explica a questão:

A linguagem não é usada somente para veicular informações, isto é, a função referencial denotativa da linguagem não é senão uma entre outras; entre estas ocupa uma posição central a função de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive. As pessoas falam para serem “ouvidas”, às vezes para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam atos linguísticos. (GNERRE, 2012, p.5)

Dentro dessa premissa, se a língua é também instrumento de (im)posição social, ela é capaz de transmitir outros valores, que podem servir como indícios para montar um pré-conceito sobre quem está escrevendo, ou seja, “o poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico” (BOURDIEU 1977, apud GNERRE, 2012, p.5). Assim, pode-se tentar depreender, a partir da maneira como se escreve, a posição social, gênero, região onde mora, escolaridade, entre outros.

É nesse contexto que começam a aparecer pesquisas que tratam do preconceito linguístico dentro da internet (SILVA, 2014; FURIERI; 2014; KOMESU, 2010, FREITAS, 2010). Cristiane Dias (2018) relaciona o preconceito linguístico com a ascensão social ocorrida nos últimos anos, que se reflete, inclusive, na participação de minorias no território da internet:

No caso do Brasil, vivemos em uma sociedade dividida entre a elite e o povo. Com as mudanças políticas surgidas nos últimos 15 anos, podemos vislumbrar o surgimento de uma chamada “nova classe média” [...] Com isso, acirrou-se, no Brasil, mais do que o preconceito

(linguístico, entre eles), a intolerância. No que diz respeito à intolerância linguística produzida entre essa “nova classe trabalhadora” em ascensão e a classe média conservadora, é uma disputa no campo da língua, que metaforiza uma disputa política, ética e cognitiva (idem). E podemos dizer que essa divisão se reflete no espaço da língua: há uma língua de “elite” e uma língua do povo. A língua é também, portanto, fator de desigualdade, divisão, poder (DIAS, 2018, p.172)

Somando a todas as questões já explicitadas, é ainda necessário sinalizar que o modo como se fala ou se escreve é uma das coisas mais difíceis de falsear no meio da internet (ou até a única impossível!). Além disso, ainda há alguns sites que, diferentemente do *Facebook*, não há “manufatura da identidade”, ou seja, você se expressa apenas com seu nome e seu texto, sem uma imagem ou perfil associado, como é o caso, por exemplo, do espaço para comentários em alguns blogs ou fóruns. Nesses casos, os “patrulheiros da norma padrão” (SILVA, 2014, p.40), encontraram na forma como as pessoas escrevem uma maneira de tentar adivinhar a posição social de seus interlocutores. Por isso, há um intenso monitoramento estilístico do português, de modo a verificar se a pessoa que utiliza aquela rede está autorizada, por meio da língua, a comentar sobre determinado assunto:

Às vezes, quando indagamos se uma impressão adotada é verdadeira ou falsa, na verdade queremos saber se o autor está, ou não, autorizado a desempenhar o papel em questão, e não estamos interessados primordialmente na representação em si mesma (GOFFMAN, 2018, p.72)

O intenso monitoramento estilístico, que também é derivado da falsa dicotomização da língua já explicitada anteriormente, chega ao ponto de, muitas vezes, se constituir em regra de fóruns e comunidades da web, impedindo a participação de participantes que não dominem o português em sua norma padrão, ou seja, mais uma vez temos aqui a dimensão técnica satisfeita (acesso, equipamento), mas a dimensão social impedindo a “inclusão digital”.

Foi o caso da campanha “euseiescrever”, do *FórumPCS*, um popular fórum de informática dos anos 2000. Apesar de o site estar fora do ar, é possível acessá-lo em sistemas de *cache* (uma espécie de arquivo ou histórico), como o *archive.org*, bem como ainda podemos visualizar matérias a respeito do assunto, como a que mencionaremos, do Estadão, de 08 de junho de 2005.

Nesta matéria, por exemplo, fica claro o caráter agressivo e impositivo da campanha: os termos fora da norma padrão seriam automaticamente substituídos e aqueles que tentassem

insistir em “escrever errado”, poderiam ser silenciados. Os usuários que, ao contrário, não precisassem que o corretor automático os ajudasse, receberiam um selo de “eu sei escrever”:

As palavras corrigidas são assinaladas em itálico, de modo que os autores percebam que estão escrevendo errado. Como forma de incentivo, os usuários que mais se destacarem pelo português correto terão o direito de usar o selo da campanha Eu sei escrever em seus perfis. (ESTADÃO, 2005)

Há outros casos espalhados na web, como por exemplo, a postagem abaixo, do site *clubedohardware*, outro fórum de informática. Mais uma vez vemos a questão da inclusão em dimensão técnica satisfeita, uma vez que o usuário do fórum, além de ter acesso à internet, demonstra domínio sobre o equipamento (hardware e software). Entretanto, ao não escrever em norma padrão, é impedido de tirar sua dúvida, tendo seu tópico trancado, o que significa que ninguém mais poderia respondê-lo.

Figura 5 – Postagem de um usuário no fórum clubedohardware

**Ecs RS482-M - PC reiniciando** Entre para seguir isso Seguidores 0

27 de março de 2009 em Memórias

Postado 27 de março de 2009 #1

**AVISO: É proibido o uso de internetês no fórum. Regularize seu post escrevendo um português correto ou será bloqueado.**

Olá amigos

Eu tenho um computador nas seguintes configs

Athlon 64 3000+

Memoria kingston 1gb

placa-mãe Ecs RS482-M

Placa de Video 9500 GeForce

A historia é a seguinte eu tenho este pc a uns 3 a 4 anos e de uns 6 meses pra cá ele começa a reiniciar quando eu jogo uns jogos bem pesadinhos!!!

Eu pensei em tudu ... fonte, processador, placa de video ... aí então eu tive a ideia de retirar uma memoria que eu julgava de baixa qualidade ... de uma marca Titan ... bom por 1 tempo resolveu e memoria foi pra vala porque hj quando eu coloco ela na placa-mãe e ligo o pc ele nao inicia e começa a apitar ... ai para o meu desespero depois de perder 1gb de memo o problema retornou ... então o hoje eu tive uma incomum ideia ... invés de esperar um tempo eu retirei a memoria e a levei ate o congelador e o computador iniciou após eu recolocar a minha memo

agora como eu posso resolver o problema ... valeu pela atenção amigos ... estou com medo dessa memo tomar o mesmo destino da outra afinal é uma kingston e ela é meio carinha 😊

Membros Plenos  
47 posts  
desde 27/03/2009  
Rio de Janeiro

Fonte: Fórum Clube do Hardware<sup>10</sup>

Outra característica que potencializa o preconceito linguístico na internet é o fato de que quase a totalidade das mensagens públicas que emitimos está disponível para acesso a qualquer hora. A releitura das mensagens favorece o foco e maior atenção ao cumprimento da norma padrão do português, bem como permite que os supostos desvios sejam capturados e

<sup>10</sup> <https://www.clubedohardware.com.br/forums/topic/603841-ecs-rs482-m-pc-reiniciando/> (Acesso em 19 de abr. de 2019)

redistribuídos, fora de seu contexto original, para a prática de *bullying* linguístico. Todo esse ataque pode também ocorrer devido à impessoalidade das postagens, no sentido de falta de contato físico, uma vez que “por instalar o sentimento de descompromisso com o real, as manifestações discriminatórias se apresentam *in natura*” (FURIERI, 2014, p.39).

Assim, veremos na análise do corpus dessa pesquisa que o espaço da web permite o exercício do “sórdido poder animal [...] o domínio do mais fraco pelo mais forte por meio de formas linguísticas de prestígio” (SCHERRE, 2005, p.117). E de nada adiantará esse usuário ter o melhor computador, a melhor internet, domínio completo dos softwares, se ele for vítima de preconceito e censura por não dominar a norma padrão do português, pré-condição inventada pelos mesmos que facilmente a satisfazem, posto que tiveram acesso à essa variedade.

### Capítulo 03 – Análise dos dados

Como antecipamos, a pesquisa de situações de preconceito na internet pode apresentar resultados diversos, a depender do website pesquisado. Percebemos que o dispositivo de categorias de análise seria mais bem aplicado se conseguíssemos, de alguma forma, centralizar a fonte de dados – isto é, obter as informações em um mesmo site. Disso surgiu a primeira decisão, que seria o trabalho em redes sociais. Escolhemos o *Facebook* por tratar-se da rede social mais acessada no Brasil e no mundo.

Mesmo estando os dados concentrados em uma rede social, ainda era necessário encontrar páginas que abordassem tópicos específicos, estivessem em atividade e fossem suficientemente relevantes, do ponto de vista de quantidade de acessos. Quanto a este último critério, estipulamos como relevantes páginas e/ou comunidades com pelo menos 100.000 seguidores. Esse número foi definido através de dados obtidos em treinamentos e consultorias do Google.

A partir desses pressupostos, localizamos duas páginas de interesse para nossa análise: a página *Aprendendo Dollynez*, que corresponde principalmente à categoria de análise relativa ao preconceito de gostos e estilos de classe; e a página *Português da Depressão*, que corresponde principalmente à categoria de análise relativa ao preconceito linguístico. Ambas as páginas são colaborativas, isto é, funcionam como comunidades, uma vez que suas postagens são propostas por seus assinantes.

A análise dessas páginas somou ao todo 4557 imagens, compreendidas entre os dias 01 de junho de 2018 e 31 de dezembro de 2018. O período, conforme já explicado, foi estabelecido em função das orientações da metodologia de pesquisa documental, somadas ao desejo de se fazer a pesquisa com os dados mais atualizados que fosse possível, dentro da disponibilidade de tempo oferecida.

A análise dessas páginas somou ao todo 4557 imagens, publicadas entre os dias 01 de junho de 2018 e 31 de dezembro de 2018. O período, conforme explicado anteriormente, foi estabelecido em função das orientações da metodologia da pesquisa documental, somadas ao desejo de se fazer a pesquisa com dados mais atuais possíveis, considerando nossas restrições de tempo. De todas as imagens postadas neste período, selecionamos 129 imagens pertencentes à página *Aprendendo Dollynez*, e 61 imagens oriundas da página *Português da Depressão*. Isso não significa que as imagens restantes não continham algum tipo de violência ou preconceito. Elas não foram selecionadas porque ou não correspondiam às categorias de análise desse trabalho, concernentes especificamente ao preconceito social, ou eram muito repetitivas, tornando-se desnecessário incorporá-las ao corpus. Destacamos também que, nas



imagens não selecionadas, sobretudo na página *Aprendendo Dollynez*, havia outros tipos de conteúdo de ódio (como a homofobia, por exemplo), que outros pesquisadores poderão explorar em trabalhos futuros.

Para a armazenagem dos documentos, adotamos a técnica de *screenshot* (tirar uma “foto” da tela), em razão da volatilidade dos dados na internet: a qualquer momento, as imagens e/ou *links* poderiam tornar-se inacessíveis ou serem alterados. Os documentos também foram tabulados em uma planilha, que continha o nome do arquivo, o link original, a data da postagem, o tema, a categoria de análise utilizada, e um espaço adicional para comentários do pesquisador.

Com relação à questão da autoria das postagens analisadas, nós acreditamos em sua relativização, em uma perspectiva bastante alinhada com as discussões estabelecidas por Foucault (1971) e Barthes (1968). Estes autores argumentam que um autor não é capaz de criar um texto absolutamente inédito, sendo total responsável pelo significado dele. Seu discurso é na verdade um tecido de citações de outras pessoas (BARTHES, 1968, p.4). Portanto, esse autor que nos referimos no senso comum é, então, uma função, um sujeito jurídico, surgido de uma necessidade da sociedade, sobretudo capitalista, de tornar o sujeito visível (ORLANDI, 2015, p.74). Ele serve para que possamos materializar um sujeito associado a um discurso e assim poder referenciá-lo e atribuir crédito a seus feitos, mas também, agir coercitivamente, dar um nome ou indivíduo para condenar.

Dessa maneira, não nos interessa, na análise dos dados, denunciar o discurso de ódio através da condenação de autores individuais das mensagens preconceituosas ou mesmo dos donos das páginas e comunidades mencionadas, mas sim, denunciar o discurso em si. A preocupação aqui é sistêmica. É entender o material do corpus como representação da sociedade em que vivemos. Também não se acredita que a simples censura das páginas estudadas cessaria o problema, já que a internet permite a criação quase instantânea de outra página ou comunidade. A censura, na verdade, pode servir para mascarar o problema, tornando-o invisível, em vez de resolvê-lo.

As ocorrências analisadas nesse corpus, orientadas através das categorias de análise, foram separadas por temas. Sendo desnecessário reproduzir todas as imagens que compõem o corpus, foram escolhidas algumas delas, que funcionam como exemplos para a representação de cada um dos temas percebidos.

### 3.1 – Aprendendo Dollynez

*Aprendendo Dollynez*<sup>11</sup> é uma página colaborativa do *Facebook*, cujas postagens são propostas por seus próprios membros, através de um grupo na mesma rede social. A página surgiu em meados de 2013, inicialmente com o nome *Dicas Dollynho* e desde aqueles tempos, até os dias de hoje, foi excluída diversas vezes, tendo sido recriada com novos nomes.

À época de sua criação, a intenção da página *Dicas Dollynho* - que não é uma página oficial da marca de refrigerantes -, era passar dicas propositalmente erradas ou sarcásticas a respeito de um assunto, usando o boneco “Dollynho” (personagem infantil da propaganda dos refrigerantes Dolly), que, se fossem seguidas por alguém que não tivesse entendido a ironia da página, certamente levariam a pessoa a algum tipo de constrangimento.

Algum tempo após esse modelo inicial, o tom das postagens mudou. De dicas relativamente “inocentes”, passou-se a utilizar o boneco “Dollynho” para disfarçar diversos tipos de mensagens de ódio. Nesse momento, a página já contava com mais de um milhão de seguidores e, em pouco tempo após adotar essa postura, foi excluída pelo *Facebook*.

Após a primeira exclusão, a comunidade ressurgiu com o nome *Aprenda Dollynez*. O *Dollynez* é um “idioma” dos frequentadores dessa comunidade com dupla função: estabelecer chacota, através de preconceito linguístico, contra aqueles que pertencem à rale brasileira (SOUZA, 2018) e disfarçar mensagens preconceituosas, para evitar uma possível punição pelo sistema automático de censura do *Facebook*.

A estratégia surtiu efeito. Se a página *Dicas Dollynho* não havia conseguido permanecer muito tempo no ar, a página *Aprenda Dollynez*, ao disfarçar o preconceito com o uso desse suposto “dialeto”, conseguiu permanecer cerca de quatro anos no ar. No mês de fevereiro de 2018, durante a realização dessa pesquisa, a página foi excluída, quando contava com cerca de 500.000 seguidores.

Não demorou nem um mês, e ela estava outra vez no ar. Nessa terceira vez, o nome escolhido foi *Aprendendo Dollynez*. É essa a página que corresponde à versão analisada nessa pesquisa. Na data de 05 de abril de 2019, *Aprendendo Dollynez* contava com 131.278 seguidores.

#### 3.1.1 – Dollynho, Grupo Dicas dollynho e o Dollynez

O *Dollynho* é um boneco verde, parecido com uma garrafa pet, que compõe os comerciais da empresa de refrigerantes Dolly que são dedicados ao público infantil. Por uma razão que só pode ser suposta, acreditamos que este boneco foi escolhido pelos integrantes da

<sup>11</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/>

página *Aprendendo Dollynez* para ser o protagonista de suas mensagens porque eles o consideravam tosco (mal feito) e viam certo humor sarcástico e contraditório ao associar um personagem infantil a mensagens impolidas. Uma segunda hipótese, seria que a marca, por ser destinada a compradores de baixa renda, estaria mais alinhada com a ideia de fracasso.

Figura 6 - Dollynho



Fonte: Twitter - Dicas Dollynho<sup>12</sup>

Ao ser usado como símbolo dessa página, o Dollynho, visto na figura acima, tornou-se extremamente valorizado no mercado. O preço de um boneco original é de cerca de R\$120,00<sup>13</sup>. Cópias falsificadas são vendidas por valores menores. Há também possibilidade de compra de outros produtos, como adesivos, camisetas, etc., tanto através da página, quanto em outros sites sem nenhuma ligação direta com ela, atendendo, portanto, a uma provável “demanda de mercado”, o que demonstra que o assunto transcendeu o espaço virtual e está presente no “real”. Também é possível encontrar pichações nos grandes centros urbanos com o desenho ou nome do boneco, lembrando a mesma situação apresentada no filme *A Onda*, de Dennis Gansel.

---

<sup>12</sup> <https://twitter.com/dicasdodollynho> (Acesso em 15 de mar. de 2019)

<sup>13</sup> [https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1119715573-boneco-do-dollynho-mascotinho-novo-\\_JM](https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1119715573-boneco-do-dollynho-mascotinho-novo-_JM) (Acesso em 13 mai. 19)

Figura 6 – Pichação encontrada em 03/04/2019, no Museu da Imagem e do Som, no centro de Campinas/SP



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

O Grupo *Dicas Dollynho*<sup>14</sup>, por sua vez, é o espaço onde os usuários propõem as postagens que irão para a página oficial. O *modus operandi* da comunidade se dá na seguinte ordem: (i) o usuário pede para se tornar membro; (ii) uma vez aceito, tem acesso a uma pasta com diversas imagens prontas (*templates*), esperando apenas por um texto; (iii) O usuário faz *download* da imagem desejada, digita seu texto e posta na comunidade. Os outros membros podem opinar se gostaram ou não, e o administrador do grupo, com base nesse *feedback*, decide se a postagem vai para a página oficial.

Tal como a página oficial, o grupo também já foi excluído algumas vezes, inclusive mais vezes do que a página, uma vez que a frequência de postagens é maior. Em uma das vezes, ocorrida no ano de 2018, coincidentemente adotou-se o procedimento de filtrar os participantes com base em suas preferências políticas, através da pergunta: “Qual seu candidato a presidente em 2018?”.

Supomos que, por todo o perfil das postagens e da análise da comunidade, o objetivo dessa pergunta era impedir a entrada de membros de posição política à esquerda, pois dentro do grupo, circula uma noção de que pessoas desse espectro político são muito sensíveis às “brincadeiras” de humor negro e adeptas do politicamente correto e, por esse motivo, elas eram as responsáveis por efetuar as denúncias que acabavam por colocar o grupo fora do ar. Assim, acreditava-se que ao promover essa higienização, “banindo” quem era de esquerda, a chance das postagens serem denunciadas seria menor.

<sup>14</sup> <https://www.facebook.com/groups/dollynhoban/> (de março de 2018 até março de 2019) e <https://www.facebook.com/groups/1025620700860072/> (após março de 2019)

Figura 7 – Tentativa de entrada no grupo *Dicas Dollynho*



Fonte: Grupo *Dicas Dollynho* do *Facebook*<sup>15</sup>

Somados à imagem do *Dollynho* e o grupo de sugestões de postagens, temos, então, o *Dollynez*, que surgiu como uma reação à primeira exclusão da página, em uma espécie de estratégia contra o sistema de censura do *Facebook*. O *Dollynez* inicialmente substituía apenas palavras que certamente gerariam algum tipo de punição para a página, por “sinônimos” com preconceito velado, como, por exemplo, a palavra “vinagrinho”, usada para se referir pejorativamente a um homem homossexual.

Pouco tempo depois, o *Dollynez* se tornou elemento da identidade do grupo. Palavras que não trariam problemas com as regras do *Facebook* passaram a ser escritas propositalmente de maneira diferente. Assim, tornou-se praticamente obrigatória a substituição de termos comuns por termos estigmatizados como “erros” de pessoas com pouco estudo. Por exemplo, usa-se *tenhe*, em vez de *tenha*, *seje* em vez de *seja*, *useie* em vez de *use*, *digou* em vez de *disse*, etc.

Há também substituição de certas palavras por outras, estabelecendo novos tipos de sinônimos. Para exemplificar, ao se referir a uma criança, pode-se usar o termo “Enzo”, pois

<sup>15</sup> <https://www.facebook.com/groups/dollynhoban/> (Acesso em 18 de jun. de 2018)

essa é uma piada interna, onde seus integrantes consideram que “Enzo” é nome de filho de pobre, considerando que esse nome se tornou popular muito recentemente.

Dessa maneira, *Aprendendo Dollynez* reúne três elementos muito similares à constituição de uma nação: a bandeira, representada pelo *Dollynho*, o espaço territorial e seu sentido de coletividade, expressados pela página e pelo grupo, e o idioma, representado pelo *Dollynez*. O que difere é que, em vez de unirem-se sobre uma alcunha de dizer quem são, a relação é negativa. Trata-se de uma nação do ódio, destinada a dizer quem os outros são ou quem eles (do grupo) não são.

Uma vez entendido esse aspecto, veremos agora como funciona, na prática, a divulgação de mensagens de ódio da comunidade, através de alguns dos principais temas observados na análise dos dados, que se conectam, principalmente, à categoria de análise do preconceito de gostos e estilos de vida. Esses temas estão sob a forma de imagens, que serão aqui exibidas sem o cabeçalho da postagem, porque, no caso de *Aprendendo Dollynez*, não há nenhuma informação complementar no cabeçalho além do mero nome do autor da postagem, que não nos interessa.

### 3.1.2 – O pobre retratado como um animal e sem higiene

A primeira categoria de temas de postagens criada traz elementos de preconceito mais ligados ao corpo. Dentro dessa categoria, operam as duas distinções que serão mais fortes e repetitivas nessa página: a questão da *civilidade vs. selvageria*, através de um modelo em que, na maioria das vezes, o quadro superior é composto por um rico fetichizado e o inferior por um pobre estereotipado. No caso dos pobres, a representação aqui, neste tema, está em elementos como suposta feiura, falta de higiene e falta de controle sexual.

Ainda sobre a questão relativa à pobreza, é possível perceber um claro critério de “economicização” das coisas, em que o poder econômico é diretamente relacionado à classe social, um engano alertado por Jessé Souza (2018) em todo seu livro e que se repetirá em quase todos os exemplos de postagens. O controle do corpo e dos impulsos sexuais, por sua vez, responde a um critério criado, sobretudo, no liberalismo asceta (WEBER, 2016), como já mencionamos:

Se o controle do corpo e suas pulsões era o caminho para salvação “no outro mundo”, passa agora, em condições modernas, a ser o caminho para salvação “neste mundo”, na medida em que não apenas o sucesso econômico, mas também todas as chances de reconhecimento social e autoestima passam a estar ligadas ao desempenho diferencial no mercado e no Estado (SOUZA, 2018, p.434)

Figura 8 – Postagem da página *Aprendendo Dollynez*, 07 jul. 2018.



Fonte: Aprendendo Dollynez<sup>16</sup>

Na figura 8, temos um conceito de beleza *versus* feiura, em que ricos são retratados como “lindos” e os pobres como “feios”. Para isso, representam-se os ricos como magros e sofisticados, utilizando um roupão e uma xícara, e sua filha, loira, remete ao estereótipo de *Barbie*. Já no caso dos pobres, há uso de figuras disformes, semelhantes a verdadeiros monstros, além de se revelar menor sofisticação, pela ausência de roupa, por exemplo. A presença de uma pomba na cabeça do pai de família, que, somada à barba e à falta de dente, revela um estilo de vida em que há falta de higiene. Há também um segundo elemento trazido, que é a questão do maior controle reprodutivo, revelado através da quantidade de filhos (“tem só um” *versus* “enche o mundo de gente”).

<sup>16</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1630035497119637> (Acesso em 11 de fev. de 2019)

Figura 9 – Postagem da página *Aprendendo Dollynez*, 07 nov. 2018.



Fonte: Aprendendo Dollynez<sup>17</sup>

Na figura 9, verificamos novamente a prática de preconceito com relação ao aspecto do corpo. Funções fisiológicas básicas, como a eliminação de gases ou de coriza, são retratadas como mais rudes e menos elaboradas nos pobres. Há uma descrição que pretende tratá-los como detentores de um corpo repulsivo, como se a máquina orgânica deles fosse inferior. Eles também são destituídos de modos e de educação, como retratado na questão de se limpar a boca na regata, o exagero no barulho do espirro e também na resposta da onomatopeia “atchim”, onde o rico replica com “saúde, amor”, e o pobre diz “achou o quê?”, para demonstrar falta de cortesia, remetendo a um estilo de vida mais indelicado.

### 3.1.3 – O pobre como grosseiro e vulgar

Nessa categoria, surgem críticas a diversas esferas da vida dos ricos versus pobres: (in)capacidade relativa a discernir comidas e bebidas sofisticadas, “mau gosto” nas opções por marcas e vestuário, falta de modos para se portar em diversas situações e para se expressar com os outros.

<sup>17</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1803410379782147> (Acesso em 08 de jan. de 2019)



Figura 10 – Postagem de *Aprendendo Dollynez*, 08 jul. 2018.



Fonte: Aprendendo Dollynez<sup>18</sup>

A figura 10 é uma das mais clássicas imagens encontradas nesse trabalho, porque dialoga diretamente com a teoria de Bourdieu, em que o gosto por vinhos, bem como saber distingui-los, é um dos exemplos mais utilizados para a distinção de classes, como vimos no segundo capítulo.

Como nessa imagem não há uma divisão no quadro, caracterizada pelo frequente uso do “nós” (sofisticados) *versus* “eles” (grosseiros), pode-se inquirir então: como se sabe que há relação com preconceito social, e não se trata apenas de uma crítica geral aos vinhos? A resposta é simples: os personagens usados nessa imagem, tanto do sexo feminino, como do sexo masculino, são sempre utilizados quando se pretende representar os que são pobres. Se essa imagem fosse uma crítica à questão dos vinhos em si, seria usada a versão genérica do *Dollynho* (figura 5). Portanto, pode-se afirmar, com segurança, que a imagem acima é uma “crítica” à incapacidade dos pobres em apreciar e diferenciar o vinho.

<sup>18</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1629679803821873/> (Acesso em 07 jan. 2019)

Figura 11 – Postagem de *Aprendendo Dollynez*, 23 jun. 2018.



Fonte: *Aprendendo Dollynez*<sup>19</sup>

Na figura 11, que representa o estilo de vida do pobre ao organizar uma festa, há primeiramente uma questão econômica: o rico apenas convida para o churrasco, mostrando que ele pagará toda a despesa, enquanto o pobre divide as despesas. Essa primeira relação é importante porque traz à tona novamente a questão da economicização. Além disso, na imagem, a ideia de não precisar levar nada está associada a uma maior sofisticação, o que não é necessariamente verdade. Sob outra ótica, diferente da que se pretende mostrar na imagem, poderíamos considerar a atividade colaborativa, em grupo, do quadro inferior, como positiva, envolvendo todos em um espírito de coletividade.

Em segundo lugar, temos um reforço do diálogo do pobre como aquele diálogo que é prolixo, em oposição a um parágrafo reduzido do rico, uma característica que foi recorrente na análise dessa página. Soma-se isso ao fato de que, nesse caso, apenas no quadro da parte inferior há desvios na norma padrão do português, sendo que, são usados desvios

<sup>19</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1609360792520441/> (Acesso em 15 jan. 2019)

frequentemente estigmatizados como pertencentes às classes baixas, como a *hipercorreção*<sup>20</sup> (BAGNO, 2013, p.248), representada através da palavra *galfo*.

Figura 12 – Postagem de *Aprendendo Dollynez*, 21 dez. 2018.



Fonte: *Aprendendo Dollynez*<sup>21</sup>

Começando pela clássica divisão “nós” (nobres) *versus* “eles” (vulgares), temos, na expressão no quadro superior da figura 12, uma feição e olhar que expressam sofisticação e calma, aliados a um plano de fundo que exibe uma casa de alto padrão *versus* uma de baixo padrão, percebidos tanto pelo tipo de escada, como pelo vestuário.

Há também uma noção de falta de planejamento, pois enquanto os primeiros já estão arrumados, faltando cinco horas para seu voo, os segundos não conseguiram se aprontar e só dispõem de meia hora, expressadas, além do diálogo, também na questão da toalha. O diálogo, por sua vez, é rude, demonstrando aspereza e descortesia no tratamento entre o casal.

<sup>20</sup> De acordo com Marcos Bagno (2013, p.247-248), a *hipercorreção* é um fenômeno sociolinguístico que se observa quando um falante ou comunidade comete uma correção excessiva ou exagerada em sua fala, advinda de sua insegurança linguística, o que a faz “errar” quando acredita estar “acertando”. Essa insegurança linguística é mais comum nas classes médias baixas.

<sup>21</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1865390286917489/> ou arquivo 21-12-18-A do corpus da pesquisa. (Acesso em 30 de dez. de 2018)

Outro detalhe chama a atenção e não poderia passar despercebido: enquanto no primeiro quadro o casal viajará de avião, no segundo quadro o casal viajará de ônibus. Essa é uma questão de classe que estava sendo superada em nosso país, onde pessoas de baixa renda passaram a conseguir voar de avião. Um dos exemplos mais cristalizados de quando esse choque entre classes sociais dentro do aeroporto estava em alta, tem relação com a temática do trabalho e merece ser lembrado: o caso da professora universitária que reclamou, no *Facebook*, das vestimentas de um passageiro de avião, perguntando “se ele estaria em um aeroporto mesmo, pois sua vestimenta era mais apropriada para rodoviária”.

Em tal episódio, acentuando ainda mais a questão do preconceito, um amigo da professora disse, na mesma postagem, que voar de avião perdeu o “glamour” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2014). O caso em questão gerou bastante repercussão nacional em sua época. Cinco anos depois, estamos em uma situação em que, a pauta dos voos acessíveis, antes superada, parece retornar à tona e a divisão de aviões para uns e ônibus para outros reaparece representada nessa figura.

Figura 13 – Postagem de *Aprendendo Dollynez*, 13 ago. 2018.



Fonte: *Aprendendo Dollynez*<sup>22</sup>

<sup>22</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1688531651270021/> (Acesso em 12 de nov. 2018)

Finalmente, registra-se, na figura 13, a ideia de mau gosto, onde objetos mais discretos são atribuídos aos ricos, em oposição ao gosto por objetos mais chamativos, grosseiros, atribuídos aos pobres. Esse modelo repetiu-se diversas vezes durante a pesquisa, inclusive na associação de determinadas marcas de objetos e serviços a determinadas classes sociais (ex: banco X é de rico, Banco Y é de pobre). Além disso, vemos a presença de marcas, gostos e estilos de vida, nos próprios “bonecos” que representam cada classe social, onde o “Dolly” referente ao sexo masculino muitas vezes aparece com determinada marca de camiseta e tênis, além de boné, óculos, relógio, correntes, e também, em muitas ocasiões, segura uma lata de cerveja de uma marca de baixo custo.

### 3.1.4 – Pobre como dramático e violento

Na categoria violência, estão elencados exemplos em que o pobre, pertencente à ralé brasileira (SOUZA, 2018), novamente num sentido de selvagem, reage de maneira desproporcional a diversos eventos do cotidiano, representando, por um lado, sua falta de civilidade, e por outro, uma tentativa de humor sarcástico de dizer que essa classe social age de maneira escandalosa.

Figura 14 – Postagem de *Aprendendo Dollynez*, 13 jul. 2018.



Fonte: *Aprendendo Dollynez*<sup>23</sup>

<sup>23</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1638749452914908/> (Acesso em 03 jan. de 2019)

Na figura 14, temos novamente ideia de remeter o rico a uma fala mais objetiva, curta e coesa, enquanto o pobre é prolixo, estabelecendo certa crítica relativa a dizer que o pobre dramatiza as situações. A narrativa do drama é reforçada pela ideia de “me segura, se não eu vou junto” e pelo fato do choro do rico ser contido.

A “selvageria” do pobre é representada de três maneiras: (i) a noção de falta de controle sexual, representada pelo “monte de filhos e amante”, (ii) a insensibilidade em dividir os bens já no próprio velório, e, finalmente, (iii) a violência, representada pela “porrada” como maneira de resolver a questão, em oposição ao imbróglio judicial do rico, ou seja, a distinção entre alguém que tem falta de domínio da razão sobre o corpo, versus um indivíduo racional, que utiliza a justiça para mediar seus problemas.

Figura 15 – Postagem de *Aprendendo Dollynez*, 15 ago. 2018.



Fonte: *Aprendendo Dollynez*<sup>24</sup>

O exemplo da sequência, referente à figura 15, mostra um rico planejado, que deixa a conta em débito automático, *versus* um pobre que não tem dinheiro para pagar, e, quando o funcionário da companhia de energia elétrica tenta cortar seu fornecimento, reage com violência, agredindo esse funcionário.

<sup>24</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1692037360919450/> (Acesso em 04 abr. de 2019)

É interessante observar aqui a contradição na própria fala de quem elaborou a imagem, uma vez que diz que o pobre “não tem dinheiro para pagar” e depois “se faz de vitimista” (sic). Ora, se ele não tem dinheiro para pagar, então ele é vítima, mesmo. Entretanto, considerando nosso entendimento da meritocracia e da “culpa individual” vistos em SOUZA (2018), podemos depreender que uma possível explicação dessa aparente contradição é a ideia, por parte de quem elaborou a imagem, de que na verdade o pobre não ganha dinheiro porque não quer, ou ainda, ganha dinheiro, mas gasta mal, não sobrando para as contas.

Outra questão a ser observada é a representação da má fé atribuída aos membros das classes baixas no uso das instituições públicas de proteção. No quadro inferior, o pobre age de maneira planejada: primeiramente “agride” e depois se coloca como “vítima”, pedindo proteção da polícia. Acreditamos que, com isso, se pretende fazer uma crítica aos direitos humanos e às formas de proteção social dos mais marginalizados, onde se tenta argumentar que eles não merecem proteção, porque na verdade, abusariam do sistema.

### 3.1.5 – Meritocracia: o pobre retratado como preguiçoso

Nós já vimos algumas questões de meritocracia em categorias anteriores, mas, a criação de uma categoria independente foi realizada porque aqui ela apareceu de maneira mais cristalizada. Vejamos alguns exemplos:

Figura 16 - Postagem de *Aprendendo Dollynez*, 27 set 2018.



Fonte: Aprendendo Dollynez<sup>25</sup>

<sup>25</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1748907821899070/> (Acesso em 04 abr. de 2019)

Na figura 16 opera o exemplo mais claro possível de meritocracia, vista, sob a luz da perspectiva teórica desse trabalho. Enquanto o rico é retratado como “com vontade e determinação”, o pobre é retratado como “preguiçoso”, torcendo para que haja chuva. Tal figura dialoga com as discussões efetuadas no segundo capítulo desse trabalho, em que mostramos que o direcionamento da sociedade para o “sucesso” na vida está atrelado a uma esfera de culpabilização individual. Nessa lógica, a diferença de oportunidades, valores imateriais e afetivos é desconsiderada. Cada um é dono de seu próprio destino, cabendo apenas o exercício da força de vontade para alcançá-lo.

Figura 17 – Postagem de *Aprendendo Dollynez*, 04 nov. 2018.



Fonte: *Aprendendo Dollynez*<sup>26</sup>

A figura 17 opera um conceito semelhante ao da anterior, ao trazer a noção de que o rico estudou e o pobre não estudou, ou seja, a relação de “esforço individual recompensado”. Entretanto, além disso, há também uma conotação sarcástica da esperança do pobre em relação à caneta benzida pelo pastor. É importante destacar que as religiões, sobretudo evangélicas neopentecostais, tem sido um dos únicos refúgios afetivos dentro da classe da ralé brasileira nos últimos tempos. Isso explica o crescimento dessa religião, e, ao mesmo tempo

<sup>26</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1799907300132455> (Acesso em 04 abr. de 2019)



sua associação ao desprestígio de classe. A esperança trazida pelo benzimento da caneta, portanto, reflete a esperança de futuro, daqueles que não tem futuro:

Como a prisão no “aqui e no agora” das necessidades primárias de sobrevivência impede qualquer cálculo racional de probabilidades reais, toda a vida é vivida como “jogo de azar”, comandada por subjetividades poderosas. É isso que explica, como vimos no texto de Roberto Torres e Emerson Rocha, o extraordinário apelo da religiosidade fortemente mágica das religiões evangélicas que tanto crescem no Brasil, muito especialmente na “ralé”. Como diz Bourdieu numa de suas fórmulas lapidares: **“a esperança mágica é a mira de futuro própria daqueles que não têm futuro.”** (BOURDIEU, 1979, p.102 apud SOUZA, 2018, p.453, grifos meus)

Figura 18 – Postagem de *Aprendendo Dollynez*, 22 nov. 2018.



Fonte: *Aprendendo Dollynez*<sup>27</sup>

No caso da figura 18, a ideia de “culpa individual” está num sentido de “vida fútil”, advinda das más escolhas com o que se preocupar, ou seja, retomando a ideia de que, por suas escolhas mal inspiradas, por seus gostos ruins pela indústria de produção cultural em massa, confirma-se o racismo de classe, “na convicção de que não tem senão aquilo que merecem” (BOURDIEU, 1983, p.22).

<sup>27</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1821678771288641/> (Acesso em 07 jan. de 2019)

### 3.1.6 – Inclusão Digital

A categoria “inclusão digital” tem como pressuposto exibir situações em que o preconceito, na página *Aprendendo Dollynez*, estabeleceu-se tanto com relação à posse de *smartphones* ou acesso à internet pelos mais pobres, quanto por situações consideradas de “falta de etiqueta virtual” ou falta de proficiência no uso das ferramentas.

Figura 19 – Postagem de *Aprendendo Dollynez*, 16 jul. 2018.



Fonte: *Aprendendo Dollynez*<sup>28</sup>

O primeiro exemplo, da figura 19, traz algumas questões à mostra. Em primeiro lugar, há uma crítica às prioridades de cada classe, onde o pobre, ao ter seis mil reais em mãos, pensa, em primeiro lugar, na compra de um *smartphone high end*, como é o caso do modelo de *iPhone* mostrado na imagem, em oposição a uma “sábia” escolha dos ricos, em investir o dinheiro. Jessé Souza explica a gênese dessa ideia:

Como as necessidades primárias não são do tipo que se possa adiar, todo o dia presente é vivido sem referência ao dia seguinte. A prisão no “eterno hoje” é condição inexorável de uma classe de “estrangeiros” obrigados a viver numa ordem fundamentada no cálculo e na racionalidade do planejamento futuro (SOUZA, 2018, p.454)

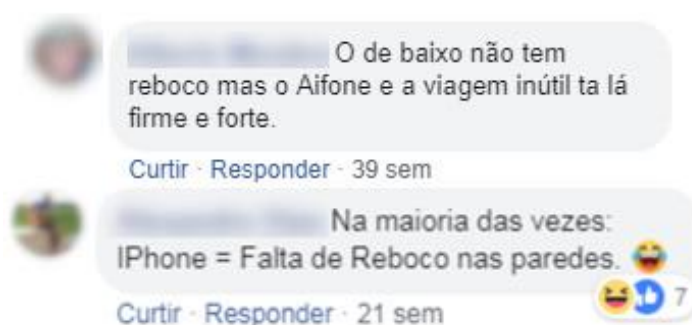
<sup>28</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1643334465789740> (Acesso em 20 jul. de 2018)

Assim, o que não se percebe é que, para a classe criticada na imagem, um *smartphone* topo de linha pode ser, sim, uma prioridade, afinal, muitas vezes é a única maneira de eles acessarem a internet, e esse acesso, feito com a maior qualidade possível, que é permitida por um *smartphone* caro, é uma urgência para essa classe, enquanto para a outra é algo natural.

A posse de um *smartphone* caro também pode ser um instrumento de distinção social desejado por essa mesma classe, posto que se trata de um objeto que desfruta de prestígio social, e por ser “móvel”, ou seja, não ficar preso a um determinado lugar, pode ser transportado com vistas à exibir certo *status*, aonde se for. Nesse sentido, poderíamos pensar o ódio à posse do pobre com o *iPhone* a um ódio de classe relativo à uma perspectiva de ascensão social, onde eles tiveram acesso a algo que antes era exclusivo dos mais ricos.

Isso também se materializa em outra crítica, que nessa imagem está implícita, mas aparece com frequência em outras semelhantes, que é a questão da *falta de reboco da parede versus a posse de um iPhone*. Observou-se que circula nos grupos e na página uma crítica de que “pobre não tem reboco na parede, mas tem *iPhone*” (figura 20), como se ter reboco na parede fosse pré-condição para acessar a internet, ou uma necessidade mais urgente do que a posse de um *smartphone*.

Figura 20: comentário de usuários em duas postagens da página *Aprendendo Dollynez*, de 15/07/18 e 30/08/18, respectivamente:



Fonte: *Aprendendo Dollynez*<sup>29</sup>

<sup>29</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1643334465789740> e <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1715309315258921/> (Acesso em 04 abr. de 2019)

Figura 21: Postagem da página *Aprendendo Dollynez*, 03 jul.2018.



Fonte: Aprendendo Dollynez<sup>30</sup>

Na figura 21, a discussão em torno dos estilos de vida, manifestada, sobretudo, através do gosto por marcas e serviços, transcende as marcas pertencentes ao mundo *offline* e chega ao *on-line*. Admitindo a presença dos pobres na internet, é estabelecida uma distinção relativa ao uso que dela fazem. Enquanto o rico usa o *Spotify*, *Deezer* e *Napster*, que são plataformas pagas para ouvir músicas, o pobre é representado como utilizador de ferramentas como *Palco MP3*, *4Shared* e *Youtube downloader*, que, além de desprestigiadas, remetem à questão da pirataria.

É interessante observar que, como estamos nos movendo de uma economia baseada em produtos, para uma economia baseada em serviços (TRINDADE, 2018), os preconceitos e a distinção social, vão, desde já, sendo atualizados. Se até então a posse de determinados objetos é instrumento de distinção social, parece-nos que no futuro pode ser que, deter ou não deter certas assinaturas de serviços, exerça o mesmo papel, fora as possibilidades de distinção social dentro dessas mesmas assinaturas. Isso já é visto, por exemplo, em jogos *on-line*, onde determinados jogadores investem dinheiro para poder usar *skins* (aparência diferente) em seus personagens.

<sup>30</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/> (Acesso em 04 abr. de 2019)

Figura 22 – Postagem da página *Aprendendo Dollynez*, 27 jul. 2018.



Fonte: *Aprendendo Dollynez*<sup>31</sup>

Na figura 22, a crítica que está sendo feita é a de que pobres tampam a placa dos carros, nos anúncios, usando o próprio dedo. Tampar a placa em si não é o problema. Na verdade é uma prática habitual dos internautas, pois isso evita que os outros tenham acesso ao número da placa e façam dublês desses carros.

O suposto “humor” está, portanto, no fato de isso realizado com os próprios dedos e não através de algum recurso de desfocagem. A razão do “humor”, portanto, está fundamentada na questão de que muitas pessoas – atribuídas no contexto da postagens a serem pobres –, não tem perícia no domínio dos softwares de edição de imagem, para desfocar a placa do carro manualmente. Então, para que ela não apareça, optam por tirar a foto com o dedo tampando a placa. Outra possibilidade que explicaria a gênese dessa suposta relação está no fato de que as classes mais baixas têm os *smartphones* como único instrumento de acesso à internet, e a edição de imagens, no *smartphone*, é mais difícil de ser realizada do que na plataforma desktop.

Esse tipo de crítica, em que ricos usam a internet com mais perícia nos recursos do que os pobres, apareceu em outros exemplos que não serão mostrado aqui, mas que traziam menções à etiqueta, *Orkutização*, às postagens efetuadas em locais considerados não prestigiados, etc.

<sup>31</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1655995441190309/> (Acesso em 04 abr. de 2019)

### 3.1.7 – Comentários dos usuários

Apesar da página *Aprendendo Dollynez* ser colaborativa, seu ciclo de interatividade não está encerrado com a proposição das postagens no grupo. É possível, também, comentar as postagens realizadas, aquelas que foram selecionadas para a página principal. No sentido de demonstrar que essa ação interativa é também, muitas vezes, agressiva e preconceituosa, separamos um exemplo de postagem em que ocorreram vários comentários dessa natureza. Apresentaremos primeiro a imagem, para contextualizar a que se refere o comentário.

Figura 23 - Postagem da página *Aprendendo Dollynez*, 18 dez. 2018.

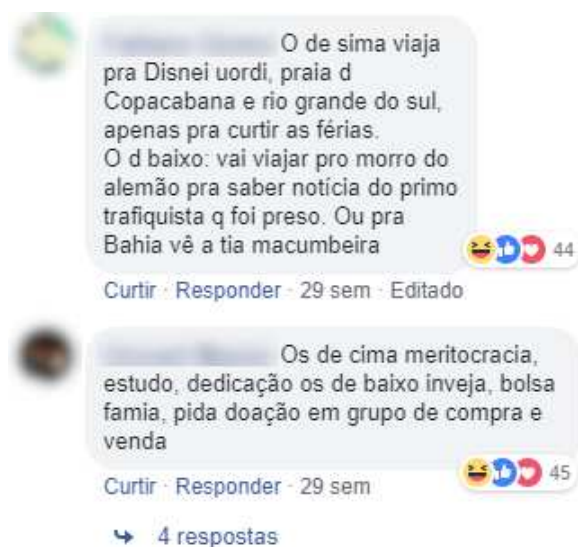


Fonte: *Aprendendo Dollynez*<sup>32</sup>

O contexto da figura 23 é o de natal. Há um contraste entre um natal requintado, no exterior, versus um natal em família. Os comentários, entretanto, mostram que o espírito natalino de amor ao próximo e pacificidade passou bem longe.

<sup>32</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1860655480724303/> (Acesso em 03 jan. de 2019)

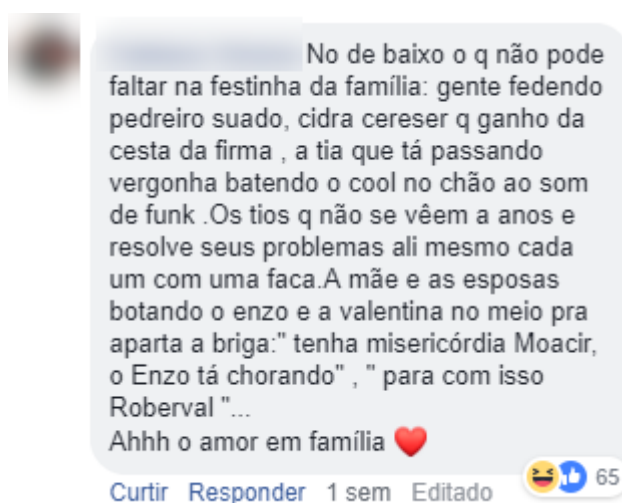
Figura 24 – Comentários na Página *Aprendendo Dollynez*.



Fonte: *Aprendendo Dollynez* <sup>33</sup>

Para o primeiro interlocutor, na figura 24, os membros da ralé brasileira necessariamente tem um primo traficante. Além disso, existe a presença do termo “macumba” em um sentido pejorativo, advindo tanto de um conceito de cultura inferior, como de um preconceito com relação às raízes africanas envolvidas. Já o segundo interlocutor, estabelece o já citado critério de meritocracia, ao fazer oposição entre estudo e inveja, dedicação e bolsa família, ou seja, enquanto o primeiro se esforça, o segundo é preguiçoso.

Figura 25 – Comentário na página *Aprendendo Dollynez*



Fonte: *Aprendendo Dollynez* <sup>34</sup>

<sup>33</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1860655480724303/> (Acesso em 03 jan. de 2019)

O interlocutor da figura 25, em uma só postagem, evoca diversos dos preconceitos que abordamos nesse trabalho. Nesse pequeno texto, temos um resgate ao primeiro tema aqui tratado, relativo ao aspecto do corpo: o pobre é retratado como fedido e sua profissão é a de pedreiro (que além de desprestigiada, também implicaria em sujeira, através do suor). Em seguida, há um conceito de cultura inferior, retratado pelo funk.

Temos também a questão dos tios, o que remete mais uma vez à violência e animalidade, além do drama. Finalmente, a cidra corresponde ao que Bourdieu trata como substitutos populares de itens de luxo, ou seja, essa bebida está cumprindo a função de champanhe (BOURDIEU, 1983, p.20), representando um reconhecimento dos valores de uma classe, ao se tentar imitá-la.

### 3.2 – Português da Depressão

*Português da Depressão*<sup>35</sup> é uma página dedicada a caçar de “erros<sup>36</sup>” de português alheios, sobretudo (mas não exclusivamente) se cometidos na internet. Fundada em 17 de maio de 2012, atualmente, conta com mais de dois milhões de seguidores. Diferentemente da página anterior, *Português da Depressão* nunca foi excluída da rede social, pois, como já sabemos, o preconceito linguístico é um tipo de preconceito raramente percebido, conhecido ou denunciado. Além disso, é muito difícil programar um sistema de censura automático para detectar casos de preconceito linguístico.

O modo de funcionamento da página é bastante semelhante ao de *Aprendendo Dollynez*: há um grupo<sup>37</sup> para que as pessoas possam sugerir postagens, fazendo dela uma página colaborativa. No entanto, diferentemente da primeira página, nem todas as mensagens parecem constituir manifestações de ódio, pois há muitas postagens fazendo chacota com “erros” de português que não se configuram necessariamente como preconceito linguístico. É o caso, por exemplo, de imagens de erros de digitação de etiquetas de supermercado, que fazem parecer que um produto é outro.

As postagens que de fato configuram preconceito social e/ou linguístico, por outro lado, tem grande público, o que pode potencialmente levar a uma normalização deste tipo de intolerância. Pressupomos que nem mesmo os coordenadores desta página imaginam que estão praticando preconceito linguístico, dado que é um tipo relativamente pouco conhecido.

<sup>34</sup> <https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1860655480724303/> (Acesso em 03 jan. de 2019)

<sup>35</sup> <https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/>

<sup>36</sup> A noção corrente de “erro” nessa página é a mesma que decorre da gramática normativa: “é erro tudo aquilo que foge à variedade que foi eleita como boa linguagem” (POSSENTI, 2004, p.78).

<sup>37</sup> <https://www.facebook.com/groups/portuguesdadepressao/>



Dentre alguns “deslizes” que a página comete, estão postagens do tipo *bullying linguístico*. Em uma espécie de patrulha, supostos erros de português cometidos por pessoas em chats privados ou mesmo em chats públicos, são registrados através de *screenshots* (foto da tela) e divulgados amplamente, para uma espécie de “apedrejamento” coletivo.

O “apedrejamento coletivo” se dá da seguinte maneira: em uma espécie de “patrulha”, supostos erros de português cometidos por pessoas em *chats* privados ou públicos são registrados através de *screenshots* (foto da tela) e divulgados amplamente na página, para que os seus usuários possam promover chacotas ou ampliar as ofensas contra as vítimas. Quando isso ocorre, a página costuma ocultar o rosto da vítima, o que impede que desconhecidos saibam quem ela é, mas, ainda sim, é suficiente para que seus conhecidos a reconheçam, pelo modo como o texto foi escrito. Em outras situações, a página falha em ocultar o rosto e/ou nome da vítima, divulgando todo o conteúdo que a identifica. A publicidade da autoria das mensagens escolhidas para chacota, que consideramos grave, foi um dos fatores para que a selecionássemos para o corpus.

### 3.2.1 – Grupo Português da Depressão

Conforme dissemos, a página *Português da Depressão* também possui um grupo, onde os usuários podem criar posts que, se aprovados, são divulgados na página principal. Para realizar uma postagem, é sugerido que o membro do grupo leia as regras<sup>38</sup>. Ao lê-las, uma delas chama bastante a atenção:

Não permitimos publicações que demonstrem qualquer tipo de preconceito. Racismo, Homofobia, Xenofobia ou o que quer que seja resultará em banimento. Entenda, você pode publicar prints onde alguém está sendo preconceituoso, afinal, o preconceito não está sendo demonstrado por você, mas você não pode fazer legendas preconceituosas e nem concordar com o preconceito. Isso vale para os comentários feitos nas publicações.

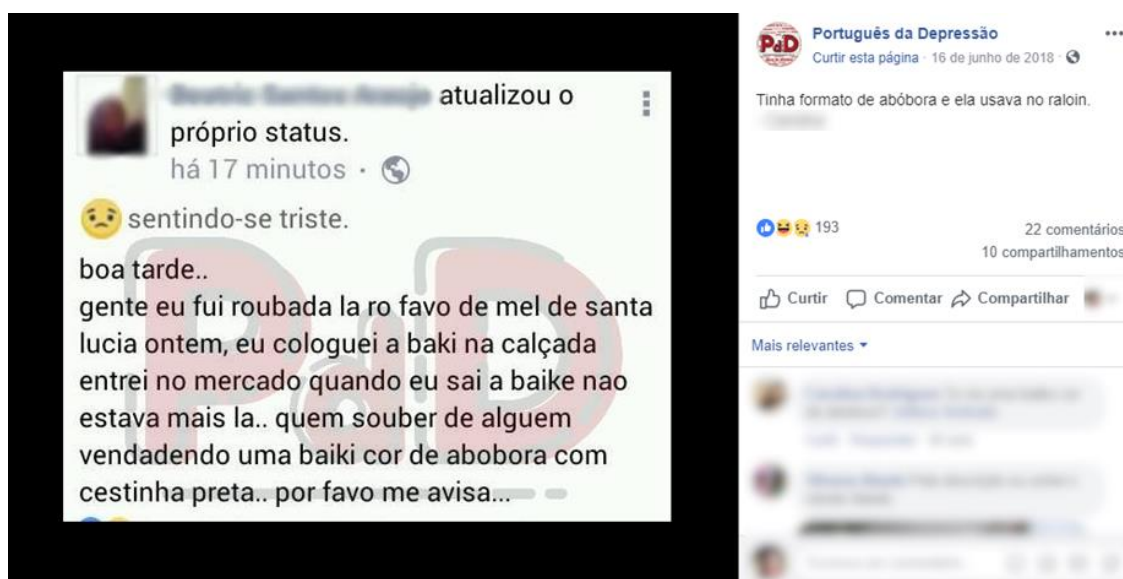
Esse item chama a atenção por dois motivos: em primeiro lugar, fica claro que o preconceito linguístico é um tipo de preconceito “aceito”, ao não figurar ao lado de racismo, homofobia, xenofobia, etc. Em segundo lugar, há uma flagrante incoerência na construção da própria regra. Não é permitido legendar uma imagem com preconceito, mas a imagem original pode ser preconceituosa – ou seja, não parece haver uma preocupação com o bem estar social, da convivência e da propagação de preconceito, e sim, apenas uma preocupação jurídica, para evitar problemas para a página e para o próprio autor da postagem.

<sup>38</sup> <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10203219575951489&set=gm.676601599068842> (Acesso em 30 jul. 2018)

### 3.2.2 – O sórdido preconceito linguístico

O primeiro tema observado ganhou esse título em referência à expressão usada por Maria Marta Pereira Scherre (2005) em seu livro “Doa-se lindos filhotes de 'poodle': variação linguística, mídia e preconceito”, e trata de exemplos de preconceito linguístico que podem ser considerados mais insensíveis, em um sentido de desumanidade. No caso da página *Português da Depressão*, há legenda nas postagens com textos que adicionam significado às imagens, por isso, diferentemente de *Aprendendo Dollynez*, incluímos também o “cabeçalho” ou “corpo” da postagem, ao lado direito, antes desfocado, na página anterior, porque continha apenas o nome do autor da postagem. Dessa maneira, apenas o nome do(a) autor(a) da postagem estará desfocado.

Figura 26 – Postagem da página *Português da Depressão*, 16 jun. 2018.



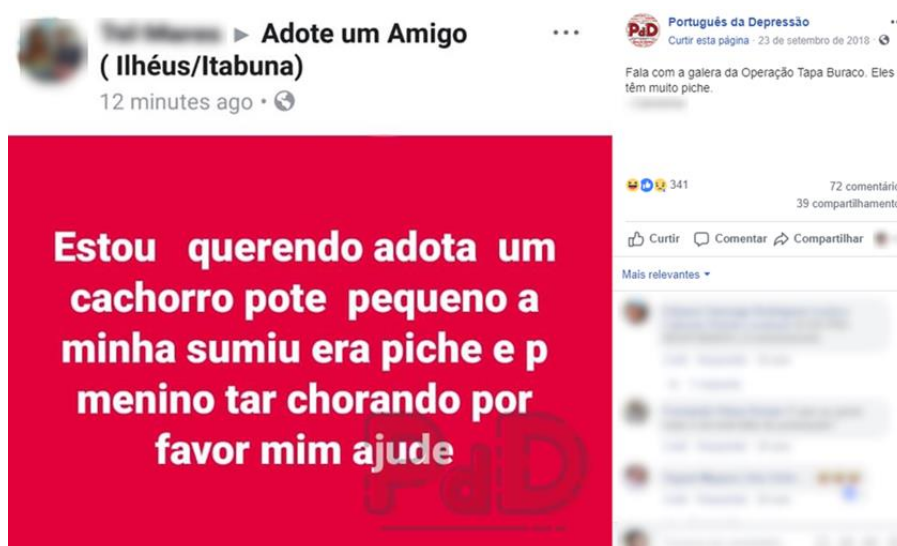
Fonte: Português da Depressão<sup>39</sup>

A figura 26 mostra uma pessoa efetuando uma postagem pública em que demonstra estar triste porque sua bicicleta fora roubada. A postagem, então capturada pela página *Português da Depressão* (ou por algum de seus seguidores), é exposta para a promoção de chacota com a maneira como o português foi redigido. A página abre a promoção de chacotas estabelecendo uma legenda para a imagem, com o texto sarcástico: “Tinha formato de abóbora e ela usava no *raloin*” (sic). A preocupação com a estética da mensagem é maior do que a preocupação com o desespero do(a) autor(a) da postagem pública, em um profundo ato de insensibilidade, estabelecendo uma dupla violência: o furto já sofrido e a chacota.

<sup>39</sup> <https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/> (Acesso em 17 fev. de 2019)

Além disso, como a postagem original foi feita de maneira pública, revela-se então uma indisposição dos usuários com relação à “falta de performance” do(a) autor(a) do tópico, como se fosse necessário o domínio do português em sua norma padrão para pedir ajuda. Essas “regras” inventadas pelo próprio meio social podem limitar a participação e o uso da internet, em sua plenitude, para pessoas pertencentes à ralé brasileira. Incapazes de cumpri-las, sua comunicação é potencialmente restrita ao contato apenas com conhecidos, por meios privados, o que tira a inovação que existe na internet, pois conversar com conhecidos por meio privado já era possível com o telefone.

Figura 27 – Postagem da página *Português da Depressão*, 23 set. 2018.



Fonte: Português da Depressão<sup>40</sup>

Na figura 27 vemos o mesmo *modus operandi*: uma pessoa desesperada pede ajuda de maneira pública. Ela alega que precisa adotar um cachorro pequeno urgentemente, pois seu pinscher (raça de cachorro pequeno) sumiu e seu menino está chorando. Novamente a página dá início à chacota pública, com a frase “Fala com a galera da operação tapa buraco. Eles têm muito piche” (sic). A implicância com os “erros” de português, e com chamar *Pinscher* de *Piche* (sic), é maior do que a preocupação com uma criança triste.

### 3.2.3 – Inclusão Digital

Nessa categoria estão elencados exemplos que somam o preconceito linguístico a alguma questão envolvendo o uso das tecnologias e/ou inclusão digital.

<sup>40</sup> <https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2037809246297231/> (Acesso em 17 fev. de 2019)

Figura 28 – Postagem da Página *Português da Depressão*, 18 set. 2018.



Fonte: Português da Depressão<sup>41</sup>

Na figura 28, há um suposto humor de duas vias: em primeiro lugar, o preconceito linguístico com a inabilidade de domínio da norma padrão do português. Em segundo, a chacota com a inabilidade com o uso do *smartphone*. Também chama a atenção o fato de a postagem original ter sido realizada em sua página pessoal do *Facebook* e alguém captura-la para “denunciar” na página, expondo a pessoa ao escárnio. Registramos ainda que o desfoque no nome da pessoa foi realizado por nós.

Figura 29 – Postagem da página *Português da Depressão*, 06 out. 2018.



Fonte: Português da Depressão<sup>42</sup>

<sup>41</sup> <https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1981542125257277> (Acesso em 17 fev. de 2019)

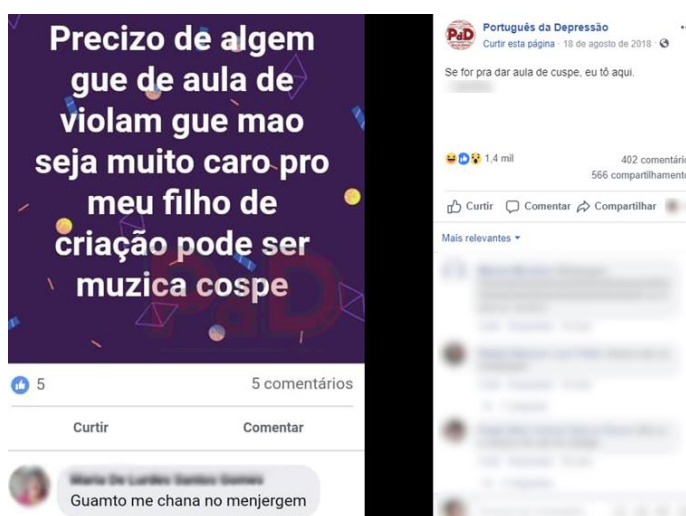
Na figura 29, temos uma senhora, com um fone de ouvido, orgulhosa por estar ouvindo música. Ela então se manifesta em sua página pessoal escrevendo “o vindo musga” (sic) em vez de “ouvindo música”. O ciclo de chacotas começa com os próprios administradores, ao dizerem: “Certíssima, nada melio que ovi marília mendonssa” (sic). Diversos outros usuários dão risada. Não há preocupação em esconder a face da senhora, além de uma mera tarja branca. Seu nome também é exposto integralmente. A desfocagem presente na imagem foi inserida por nós.

No caso dessa figura, há claramente outros preconceitos, além do linguístico. Muitos jovens gostam de tirar *selfies* (fotos de si mesmos), mostrando o que estão realizando em seu dia-a-dia, ou seja, gostam de mostrar seus estilos de vida. A ela parece não ser permitido o mesmo. Estabelece-se, assim, uma espécie de falta de permissão para uso da internet por motivos sociais, uma vez que ela atendeu perfeitamente aos aspectos técnicos envolvidos, ou seja, tem acesso à internet, possui um *smartphone* e sabe usá-lo, provando que a questão da inclusão digital transcende aspectos técnicos, como argumentamos nesse trabalho.

### 3.2.4 – Chacota em grupos de compra e venda

Em “chacotas em grupos de compra e venda” temos exemplos de interações que visam expor ao escárnio o autor de um anúncio realizado fora da norma padrão do português.

Figura 30 – Postagem da Página *Português da Depressão*, 18 ago. 2018.



Fonte: Português da Depressão<sup>43</sup>

<sup>42</sup> <https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2053452448066244/> (Acesso em 17 fev. de 2019)

<sup>43</sup> <https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1940370092707814> (Acesso em 17 fev. de 2019)

A primeira imagem, da figura 30, corresponde a algum grupo de negócios *on-line*, em que uma pessoa escreve, fora da norma padrão, que precisa de alguém que dê aula de violão para seu filho. Outra pessoa, interessada em dar a aula, mas que também não domina a norma padrão, responde. A administração da página completa com a legenda: “se for para dar aula de cuspe, eu tô aqui” (sic). Com isso, iniciou-se mais um ciclo de *bullying linguístico* e humilhação pública.

A postagem teve, até a data de redação desta pesquisa, mais de 1.400 “curtidas” (“endossos” de pessoas que gostaram e aprovam o conteúdo), 402 comentários e 567 compartilhamentos (quando alguém replica a postagem em sua própria página). Esses números revelam grande exposição, pois, se 567 pessoas compartilharam a postagem, multiplica-se aí a quantidade de amigos de cada um e temos um grande número de pessoas que tomaram conhecimento desse tipo de conteúdo. Mais uma vez aparece aqui a perseguição do uso da internet pelo mais pobre. Se antes um anúncio desse tipo seria feito através de jornal regional, onde esse tipo de situação não ocorreria, agora, como as negociações são feitas, em sua maioria, através da internet, pessoas como a da postagem estão submetidas a novos tipos de violência que antes não sofreriam.

Figura 31 - Postagem da página *Português da Depressão*, 19 jul. 2018.



Fonte: Português da Depressão<sup>44</sup>

A figura 31 é do mesmo tipo da anterior, porém, com um diferencial: na foto é mostrado que, no próprio anúncio, houve reação. Ou seja, além da questão de expor em outra

<sup>44</sup> <https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1889551434456347/> (Acesso em 20 nov. de 2018)

página o suposto “erro”, alguém *in loco* promoveu chacota – “eu sei estalar dedos” (sic). Não dominar a norma padrão do português pode levar uma pessoa a sequer conseguir seu serviço, tendo sua postagem desvirtuada, o que se configura, outra vez, como uma espécie de perda em vez de ganhos de possibilidades, uma vez que essa situação não aconteceria antigamente, em uma seção “classificados” de um jornal.

### 3.2.5 – Exposição de chats privados

Nesse tema aparecem situações de interações realizadas de maneira privada, em que uma das partes resolve tirar foto da tela e expô-la publicamente, transformando algo que era somente do conhecimento de duas pessoas, para o potencial conhecimento de todo o globo, ou seja, inclui-se aí um terceiro elemento, um observador, que no caso, é o mundo – e esse mundo desaprova e “vaia” essa falta de desempenho.

Figura 32 – Postagem da página *Português da Depressão*, 18 jun. 2018.



Fonte: Português da Depressão<sup>45</sup>

Na situação acima, uma pessoa escreve “outdoor” como “altido” (sic), em um desvio de português advindo de certa oralização do texto escrito. A pessoa que está conversando com ela “trai” os pressupostos de sigilo de uma conversa privada, tira foto da tela, e envia para que

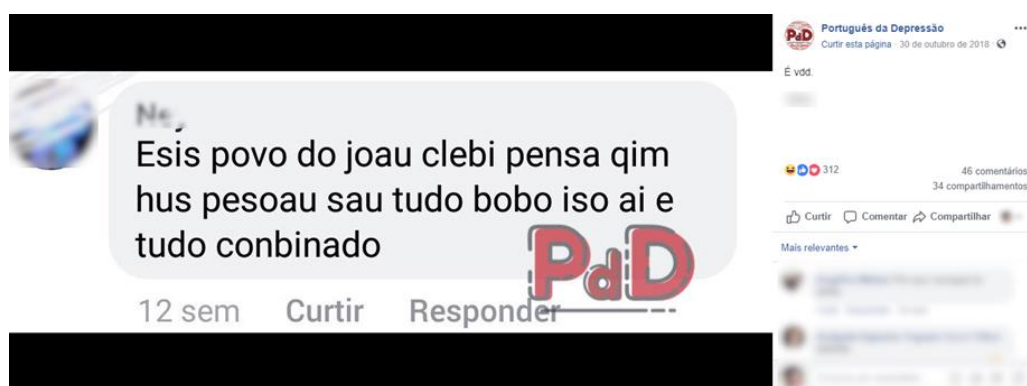
<sup>45</sup> <https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1843149942429830/> (Acesso em 17 fev. de 2019)

a página *Português da Depressão* exponha publicamente a situação, e, como é possível verificar, visitando o link, diversas outras pessoas promovem chacota contra a vítima, que, inclusive, não teve seu rosto ocultado na foto (a desfocagem foi realizada por nós).

### 3.2.6 – Preconceito linguístico “in natura”

Finalmente, temos a categoria de análise do “preconceito linguístico” *in natura* (FURIERI, 2014), que significa o preconceito linguístico por si só, sem conexão com algum outro tema e sem temor de repreensão. Nesse tipo de situação, frequentemente aparece o escárnio e o *argumentum ad hominem*, para promover descrédito contra o emissor da mensagem, revelando uma tentativa de se estabelecer distinção através de uma ideia de “atraso mental” dos falantes “ignorantes” do português (BAGNO, 2009, p.57).

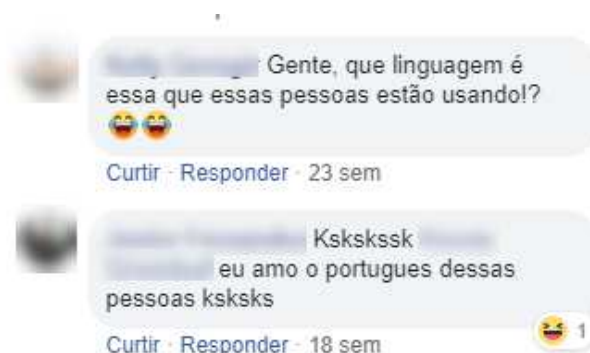
Figura 33 – Postagem da página *Português da Depressão*, 30 de out. 2018.



Fonte: Português da Depressão<sup>46</sup>

Na figura 33, temos o puro e eschachado preconceito linguístico contra o autor da mensagem. É daí que advém o “humor”, corroborado por alguns comentários hostis:

Figura 34 – Comentário na página *Português da Depressão*:



Fonte: Português da Depressão<sup>47</sup>

<sup>46</sup> <https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2083980645013424/> (Acesso em 15 nov. de 2018)



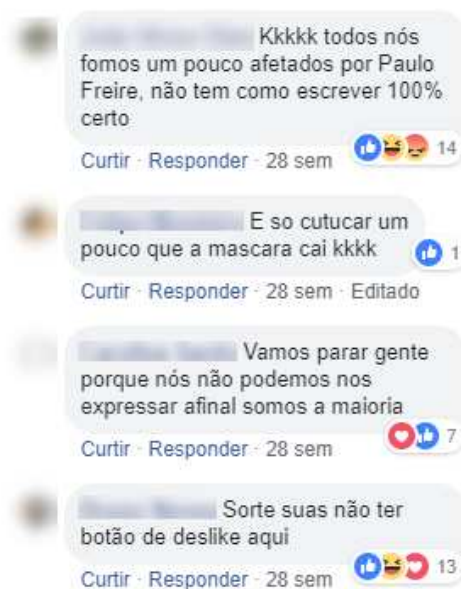
Nos comentários da mesma postagem, o primeiro interlocutor questiona: “Que linguagem é essa que essas pessoas estão usando?”, imputando descrédito ao autor da mensagem, como se, pelo fato de não estar em norma padrão, ele não estivesse falando português. O segundo interlocutor diz: “eu amo o português dessas pessoas” onde “dessas pessoas” refere-se, provavelmente, a ideia do atraso mental já citado.

### 3.2.7 – Comentários dos usuários

Tal como na página *Aprendendo Dollynez*, também há interação via comentários nas postagens. Algumas das interações também são igualmente preconceituosas, especialmente quando se trata da exposição de chats privados.

Entretanto, chamou a nossa atenção o fato de que não foi raro identificar “erros” de português nos próprios comentários daqueles que participam da página, onde, supostamente, pelo tipo de crítica que estão promovendo, esperávamos impecável correção em sua escrita. Também não foi raro observar que em muitas situações, os usuários exerciam críticas de maneira sarcástica, utilizando uma espécie de dialeto “Dollynez”, que pode, na verdade, ser uma estratégia para disfarçar seu não domínio da norma padrão do português.

Figura 35 – Comentários na página *Português da Depressão*, 20 out. 2018.



Fonte: Português da Depressão<sup>48</sup>

<sup>47</sup> <https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2083980645013424/> (Acesso em 15 nov. de 2018)

<sup>48</sup> <https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2071290386282450/> (Acesso em 07. Mai 2019)

No exemplo da figura 35, percebemos, primeiramente, o tom ideológico da discussão, em que se evoca a desvalorização de Paulo Freire, o que está associado à ascensão de determinados discursos de direita<sup>49</sup>. Também percebemos os usuários da imagem também cometem desvios na norma padrão do português, como falta de acentuação, erros ortográficos, ausência de vírgula, etc. Assim, vê-se claramente que a ideia não é a caçar “erros” de português alheios, mas sim, cassar a representação de pessoas consideradas “indesejáveis”, através de um preconceito social revelado por meio de um critério de distinção social exercido através da língua.

### 3.3 – A presença do contraditório

Embora seja evidente, não custa lembrar que esse trabalho não pretendeu atingir uma artificial neutralidade. Dentro dos acontecimentos citados, nossa análise se deu em defesa das classes que já são marginalizadas. Alinhados com a mesma posição política de Jessé Souza (2018), nossa preocupação é a de que esses novos instrumentos simbólicos aqui demonstrados, com potencialidade para diminuir a desigualdade social, acabem por acentuá-la. Por isso, o material do corpus foi constituído de exemplos que buscassem balizar esse ponto de vista, que mostra as utopias da Aldeia Global e da inclusão digital não acontecerem.

Entretanto, reconhecemos que o leitor talvez esteja se perguntando: e o contraditório, não há? Quanto a essa questão, registramos que durante nosso percurso, verificamos, sim, a presença de situações que divergiam do conteúdo aqui demonstrado, com, entretanto, importantes ressalvas a serem consideradas.

Como a lógica da internet parece ser a de grupos isolados, como demonstrou Parsell (2008) – onde vozes dissidentes são banidas –, embora não seja impossível, foi muito raro encontrar pessoas contrárias às postagens das páginas *Aprendendo Dollynez* ou *Português da Depressão* frequentando esses ambientes para criticá-los, pois, os outros usuários, através de estratégias como a coalizão (FÁVERO et al, 2010, p.31), unem-se em prol daquilo que defendem, para impor descrédito a discursos contrários, promovendo verdadeiros “ataques em grupo”, de modo que a pessoa que discorda desista de “agir” onde não é bem vinda. Além disso, os próprios administradores podem banir os que discordam ou ao menos não postar suas imagens.

---

<sup>49</sup> Trata-se de uma correlação difícil de ser explicada, uma vez que o autor é respeitado em todos os espectros políticos, tanto de direita, quanto de esquerda. Na verdade, sua desvalorização está relacionada a um tipo específico de direita política brasileira, vigente nos tempos da redação dessa pesquisa.

Dessa maneira, para discordar do conteúdo dessas páginas, por conta desse modo de funcionamento através do isolacionismo, o mais comum é que aqueles que divergem tenham também que criar suas páginas e comunidades contrárias.

Nesse sentido, nós verificamos a presença de uma página contrária a *Aprendendo Dollynez*, denominada *Dollynho Reaça*<sup>50</sup>. Ela pretende postar imagens usando também o Dollynho, com críticas à sua página rival. Há, entretanto, uma importante ressalva na página *Dollynho Reaça*: essa página não é colaborativa, como *Aprendendo Dollynez*. As postagens dessa página são elaboradas pelo (a) próprio (a) administrador (a). Nesse sentido, ainda que ela tenha uma boa audiência, com mais de 170.000 seguidores – advinda também do fato de nunca ter sido excluída –, a construção de seu conteúdo, por não ser comunitária, gera menor engajamento, uma vez que não há diversas pessoas envolvidas em sua construção, bem como não há camisetas e outros artigos à venda.

Também localizamos uma página dedicada a criticar a meritocracia, em um sentido próximo ao estabelecido na crítica desse trabalho. É a página “Barbie e Ken, cidadãos de bem”<sup>51</sup>, que utiliza os bonecos Barbie e Ken, para, em situações irônicas ou sarcásticas, questionar os privilégios que algumas pessoas têm. Novamente, assim como no caso da comunidade *Dollynho Reaça*, o conteúdo não é colaborativo. O proprietário da página é quem cria as postagens.

Uma possível explicação para esse fenômeno, em que páginas como *Aprendendo Dollynez* ou ainda *Dollynho Opressor*<sup>52</sup> (versão ainda mais ácida da primeira) são construídas por um grupo de pessoas, e páginas como *Dollynho Reaça* e *Barbie e Ken, cidadãos de bem* são construídas por uma única pessoa, está no fato de que as classes sociais mais desfavorecidas – que são o alvo da página *Aprendendo Dollynez* – não tem acesso a *notebooks* ou computadores *desktop*, plataformas onde é possível realizar montagens para criar imagens como as mostradas nesse trabalho e/ou ainda não sabem usá-los para esse fim, tendo também menor experiência com a internet, por serem usuários mais recentes, como já discutido no capítulo sobre inclusão digital. Essas classes também, muitas vezes, dispõem de menor tempo para usar a internet, além da conexão à internet móvel possuir limite de tráfego bastante reduzido, fatores que podem inviabilizar ou desmotivar seu ativismo *on-line*.

Há ainda que se considerar a hipótese do exercício do contraditório não ocorrer coletivamente pela pura e simples desmotivação geral, advinda das inúmeras violências que

<sup>50</sup> <https://www.facebook.com/dollynhoreacaa>

<sup>51</sup> <https://www.facebook.com/barbieekencidadaosdebem>

<sup>52</sup> <https://www.facebook.com/dollynhoopressormemes/>

essa classe sofre, conforme registrado por SOUZA (2018). Nessa perspectiva, é possível que os donos de *Dollynho Reaça e Barbie e Ken, Cidadãos de bem*, sejam, na verdade, pessoas pertencentes à classe média, com algum tipo de consciência social que as motivou elaborar postagens em defesa das classes mais baixas.

Não negamos que como apresentamos estratégias de agressão às classes mais desfavorecidas, a internet, por outro lado, também possa ser usada para divulgar ideias de movimentos sociais de minorias, afinal, “o capitalismo, como sistema macrossocial, sempre conjugou realidades inclusivas e excludentes, seja em termos econômicos, sociais ou culturais” (GATTI, 2005, p.52). O que se buscou demonstrar e questionar, foi que, contrariando o discurso de neutralidade e igualdade, no caso do preconceito social, há, sim, privilégios materiais e imateriais que influenciam a inclusão digital, e assim, a classe que já os detinha no mundo *offline* foi a primeira a “colonizar” a web, o que abriu perspectiva para os fenômenos registrados como a “maldita inclusão digital”, a “Orkutização”, etc.

Cabe ainda mais uma ressalva: quando falamos em preconceito social nesse trabalho, estamos trabalhando prioritariamente (mas não exclusivamente) com o preconceito praticado contra aqueles que pertencem à ralé brasileira (SOUZA, 2018), pois é diferente a tensão entre um “privilegiado” versus um trabalhador da classe baixa, que ganha pouco, mas tem uma família minimamente estruturada afetivamente, mora em um bairro simples ou periférico, mas já com acesso à internet banda larga e notebook, da tensão entre um “privilegiado” versus um membro da ralé brasileira, que mora em comunidades, não teve transmissão de valores afetivos e imateriais e tem o *smartphone* como sua principal ou única ferramenta de acesso.

A língua, por fim, está sujeita às relações de poder (GNERRE, 2012), com, quiçá, maior ênfase no meio digital do que no *offline*. Nesse sentido, com relação à página *Português da Depressão*, nós não localizamos grupos ou páginas contrários, revelando, mais uma vez, que o preconceito linguístico ainda é pouco percebido e socialmente aceito em diversas classes e orientações políticas, inclusive nas mais progressistas.

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele, com exceção de raros cientistas sociais que se dedicam a estudá-lo. Pouquíssimas pessoas reconhecem a existência do preconceito linguístico, que dirá sua gravidade como sério problema social. E quando não se reconhece sequer a existência de um problema, nada se faz para resolvê-lo. Nem mesmo na atuação de pessoas engajadas em importantes causas sociais, com posições politicamente progressistas, a gente encontra referência a ele, a não ser muito esparsamente (BAGNO, 2009, p.23-24)

## Considerações finais

O futuro imaginário (BARBROOK, 2009) que nos fora vendido a respeito das maravilhas que a internet traria, era o de uma nova sociedade conectada em uma espécie de harmonia global, promovida tanto pelo contato e união entre as pessoas, quanto pela estabilização da economia, trazida pelas máquinas (ALL..., 2011). Para desfrutar disso, era condição *sine qua non* que as pessoas estivessem conectadas à internet.

Nós buscamos demonstrar que a internet, para uso doméstico no Brasil, não surgiu como um instrumento de acesso generalizado e barato, mas ao contrário, foi item de luxo, o que permitiu que apenas alguns estivessem conectados. O desinteresse das empresas em levá-la às regiões de menor renda fez o Estado intervir, com diversas ações de inclusão digital. Essas políticas, influenciadas pelo discurso criado a respeito das maravilhas que o mundo conectado traria, tratavam a inclusão digital como “solução para quase todos os entraves da sociedade contemporânea” (BONILLA; OLIVEIRA, 2011, p.34).

Embora muito esforço tenha sido realizado, o principal instrumento para a promoção do acesso à internet foi o advento dos *smartphones* com internet móvel, que conectou e ainda está conectando pessoas à internet pela primeira vez, sobretudo as de classes sociais mais baixas, como os membros da ralé brasileira (SOUZA, 2018), que tem esses aparelhos, na maioria das vezes, como único instrumento de acesso à internet.

Dentro desse quadro, quando essas classes finalmente conseguiram acesso à internet, vimos usuários mais antigos as recebendo de maneira hostil, o que foi demonstrado no primeiro capítulo. Essa “má recepção” tinha em seu cerne uma clara questão de preconceito social, devido à potencialidade de ascensão social trazida, uma vez que “não existe classe em que a oposição entre os antigos na classe e os recém-chegados seja mais determinante quanto no âmago da classe dominante” (BOURDIEU, 2017, p.276).

Entendemos que nos tempos atuais, com a popularização do acesso à internet, nós já estamos muito próximos de ter um mundo de fato “conectado”, como previsto na Aldeia Global. Por essa razão, propusemos verificar se o preconceito social nesse ambiente continuava a ser praticado ou se a narrativa da sinergia global começara a acontecer. Em caso do preconceito continuar a ser praticado, interessou-nos descobrir através de que maneiras, uma vez que o discurso da “maldita inclusão digital”, com a ampliação do acesso, se tornou obsoleto.

A resposta ao problema de pesquisa foi afirmativa. Longe de perceber os benefícios da sinergia global, descobrimos que o ambiente *on-line*, com o aumento do acesso à internet, tinha se tornado ainda mais conflituoso. Uma das maneiras de se manifestar esses conflitos é

através da prática do discurso de ódio. Em nosso recorte, orientado para o preconceito social, nós decidimos pesquisar manifestações de discurso de ódio contra os mais pobres, sobretudo os pertencentes à ralé brasileira (SOUZA, 2018). A quantidade de material disponível era muito grande, o que nos fez centralizar a análise do *modus operandi* da prática desse discurso em duas páginas colaborativas de grande audiência, no *Facebook*.

Nas páginas analisadas, observamos uma relação de “união negativa”, onde os indivíduos, em vez de unirem-se para dizer quem eles eram, uniam-se para dizer “quem os outros são” ou ainda “quem eles não são”. O *modus operandi* para efetuar essa prática do discurso foi a elaboração de uma “performance” esperada (GOFFMAN, 2018), através de critérios de distinção social baseados em conceitos de gostos e estilos de vida (BOURDIEU, 1976, 1983, 2017), e de preconceito linguístico (BAGNO, 1999). Esses critérios estabeleciam uma oposição entre “nós” (civilizados) *versus* “eles” (selvagens).

Movidos pelo desejo de mostrarem-se diferentes aos outros, os usuários da internet, exacerbam seus gostos e estilos de vida da vida “real”, transferindo-os para o “virtual”. Isso é percebido, por exemplo, na *glamourização* e insistência em se postar situações e fotos que representem sofisticação ou o ataque à suposta falta de sofisticação dos outros. Assim, efetua-se *check in* em lugares “chiques”, demonstra-se domínio diferenciado da língua, compartilha-se fotos de posses materiais que representem sofisticação não só econômica, mas de gostos, ou até mesmo, assina-se serviços *premium*, para, mais do que obter o serviço em si, fazer parte de um rol de indivíduos “selecionados”.

A antiga dinâmica de exclusão digital, baseada em não ter acesso à internet *versus* ter acesso à internet, de natureza mais técnica, tem se tornado, então, uma barreira simbólica. Nesse contexto, a internet, antes preconizada como ferramenta revolucionária, promotora do bem estar social, acabou servindo para acentuar diferenças sociais e o preconceito, como revelado em toda a análise, onde houve a promoção do preconceito social com ferramentas de compartilhamento de mensagens de ódio aos pobres e à ralé brasileira (SOUZA, 2018) em larga escala, atingindo grande audiência.

Outra narrativa, que propunha a solução da exclusão digital para além do acesso, preocupando-se também com a proficiência no uso softwares, também começa a se mostrar insuficiente. Em alguns dos exemplos analisados, vimos pessoas com acesso à internet e total proficiência no uso das ferramentas se tornarem alvo de chacota e silenciamento por parte de outros usuários. Essas pessoas venceram a barreira do acesso e do conhecimento para usar os dispositivos, mas não venceram a barreira social, imposta por outros internautas.

Assim, ainda que disponível para “todos”, parece que não são “todos” que podem usar a internet em sua plenitude, pois existem mecanismos sociais gerenciando e “banindo” determinados indivíduos. Para alguns deles, parece ser permitido apenas o consumo de informações, ou seja, fazer uso da internet de maneira silenciosa, sem pública manifestação, enquanto outras podem não só consumir, mas também enviar informações. Cria-se uma população *interagente*, que envia e recebe conteúdos, e outra *receptora*, que só consome (CASTELLS, 2011, p.456).

Alguns podem se perguntar: *e se o internauta desejar ser apenas “consumidor”*? Nos exemplos analisados, mesmo aqueles que não produziram material para internet num sentido de se tornarem “produtores de conteúdo”, também foram afetados. Além da própria criação de um ambiente hostil, que colocava em circulação materiais contra a sua presença ou pertencimento naquele espaço, vimos também a perseguição em páginas pessoais, chats privados, ou até mesmo em serviços de classificados *on-line*.

Outros podem se perguntar: *a quem interessa essa “inclusão digital” que vem acontecendo, que “inclui” o indivíduo, mas depois o “exclui” dentro da rede*? Acreditamos que, como a expansão do acesso foi realizada através do mercado, esse mesmo mercado se “satisfaz” com essa “inclusão digital”, pois ela é suficiente para gerar demanda de produtos, serviços, e até mesmo estatísticas sobre nós, que, como o capitalismo de vigilância nos adverte, é um mercado em ascensão.

Longe de resolvermos o problema, acreditamos que este trabalho se constitui como um alerta: estamos presenciando, de maneira síncrona com os acontecimentos, a fundação de novos mecanismos de preconceito e segregação social. Esses mecanismos, que estão sendo fundados, poderão gerar lastro para divisões sociais ainda mais profundas em nossa sociedade. Nesse sentido, o entendimento do que está acontecendo hoje pode ser determinante para mudar o curso dessa história que está sendo construída – e essa tarefa não será realizada pelo mercado. É preciso que as políticas públicas e a escola atuem nessas novas questões que são postas. E afinal, já que estamos falando de políticas públicas, escola, e de futuros imaginários, convém refletir: *se toda a educação é para o futuro, onde o futuro é tratado na educação?* (HICKS, 2001, apud SCHULZ, 2019).

## Referências Bibliográficas

- AGIER, Michel. Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização. **Mana**, vol. 7, n. 2, Rio de Janeiro, out. 2001.
- ALL Watched Over By Machines of Loving Grace. Direção de Adam Curtis. Londres: BBC, 2011.
- ANDROUTSOPOULOS, Jannis. Localizing the Global on the Participatory Web. In: COUPLAND, N. (org.) **The Handbook of Language and Globalization**. West-Sussex: Wiley-Blackwell, 2010, p. 203-231.
- AZEVEDO, Suami Paula de; OLIVEIRA, Carlos Alberto de. **Analfabetismo digital funcional: perpetuação de relações de dominação?** Revista Brasileira de Linguística, v. 15, p. 101-112, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico - o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico - o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Gramática de Bolso do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2013.
- BARBROOK, Richard. **Futuros Imaginários**. São Paulo: Editora Petrópolis, 2009.
- BARBROOK, Richard; CAMERON, Andy. **A Ideologia Californiana**. Disponível em: <<https://ilhas.mitotes.eco.br/casa/praticas/a-ideologia-californiana-por-richard-barbrook-e-andy-cameron>>. Acesso em: 25 ago. 2018.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BARTHES, Roland. **A morte do autor**. 1968. Disponível em: <[http://www.artesplasticas.art.br/guignard/disciplinas/critica\\_1/A\\_morte\\_do\\_autor\\_barthes.pdf](http://www.artesplasticas.art.br/guignard/disciplinas/critica_1/A_morte_do_autor_barthes.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **On Glocalization Coming Of Age**. 2011. Disponível em: <<https://www.socialeurope.eu/on-glocalization-coming-of-age>>. Acesso em: 29 maio 2018.
- BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1972.



- BONILLA, Maria Helena Silveira; OLIVEIRA, Paulo Cezar Souza de. Inclusão digital: ambiguidades em curso. In: BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson de Luca. **Inclusão digital: polêmica contemporânea**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 23-48.
- BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson de Luca (Org.). **Inclusão Digital: polêmica contemporânea**. Salvador: EDUFBA, 2011. 188 p.
- BONILLA, Maria Helena Silveira; SOUZA, Joseilda Sampaio de. Diretrizes metodológicas utilizadas em ações de inclusão digital. In: PRETTO, Maria Helena Silveira Bonilla e Nelson de Luca et al (Org.). **Inclusão digital: polêmica contemporânea**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 91-108.
- BOURDIEU, Pierre; MARTIN, Monique de Saint. Anatomie du gout. **Actes de La Recherche En Sciences Sociales**, Paris, v. 2, n. 5, p.18-43, out. 1976. Traduzido por Paula Montero. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1807511/mod\\_resource/content/1/Bourdieu\\_.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1807511/mod_resource/content/1/Bourdieu_.pdf)>. Acesso em: 29 jan. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. L'économie des échanges linguistiques. **Langue Française, n.34**. Paris: Larousse, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. **O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. **Lê Sens Pratique**, Paris: Minuit, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2017.
- BRUBAKER, Rogers. Ethnicity without Groups. **Archives Européennes de Sociologie**, XLIII, 2, 2002, p.163-189.
- BUZATO, Marcelo El Khouri. **Entre a Fronteira e a Periferia: linguagem e letramento na inclusão digital**. 2007. 284 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269320/1/Buzato\\_MarceloElKhouri\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269320/1/Buzato_MarceloElKhouri_D.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2017.
- CARDOSO, Marina. **O fracasso do Programa Nacional de Banda Larga**. 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/o-fracasso-do-plano-nacional-de->

- banda-larga-3770.html>. Acesso em: 29 abr. 2018.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CELLARD, André. A Análise Documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-319.
- CETIC. **TIC Domicílios 2016 aponta estabilidade no número de domicílios conectados por meio de Banda Larga Fixa**. 2017. Disponível em: <<https://www.cetic.br/noticia/tic-domicilios-2016-aponta-estabilidade-no-numero-de-domicilios-conectados-por-meio-de-banda-larga-fixa/>>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- CETIC. **TIC Domicílios 2017** – Material da coletiva de imprensa. 2018. Disponível em [https://cetic.br/media/analises/tic\\_domicilios\\_2017\\_coletiva\\_de\\_imprensa.pdf](https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2017_coletiva_de_imprensa.pdf)
- CGI.br. **Resolução CGL.br/RES/2009/003/P**. 2009. Disponível em: <<https://www.cgi.br/resolucoes/documento/2009/003>>. Acesso em: 06 mar. 2019.
- COSTA, Leonardo Figueiredo. Novas tecnologias e inclusão digital: criação de um modelo de análise. In: PRETTO, Maria Helena Silveira Bonilla e Nelson de Luca et al (Org.). **Inclusão digital: polêmica contemporânea**. Salvador: UFBA, 2011. p.109-126.
- CRUZ, Ruleandson do Carmo. Preconceito social na Internet: a reprodução de preconceitos e desigualdades sociais a partir da análise de sites de redes sociais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s.l.], v. 17, n. 3, p.121-136, set. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-99362012000300009>.
- CUCHE, Dennys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. (2ª edição) Bauru: EDUSC, 2002.
- DANTAS, Sylvia. Duarte. (Org.) **Diálogos Interculturais: reflexes interdisciplinares e intervenções psicossociais**. São Paulo, IEA/USP, 2012.
- DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes, 2018.
- DIAS, Lais Ribeiro. **Inclusão Digital como fator de Inclusão Social** in BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson de Luca (Org.). **Inclusão Digital: polêmica**

contemporânea. Salvador: Edufba, 2011.

DORNELLES, Vevila Rezende Costa. **Maldita Inclusão Digital! Territórios da Exclusão e Sua Formação no Ciberespaço**. Curitiba: Appris, 2015.

ESTADÃO. **Campanha incentivada escrita correta na internet**. 2005. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,campanha-incentivada-escrita-correta-na-internet,20050608p29155>>

FÁVERO LL, et. al. **Interação em diferentes contextos**. In: Bentes AC, Leite MQ (Orgs). *Linguística de texto e análise da conversação*. São Paulo: Cortez; 2010. p.91-158.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Professora que ironizou passageiro de bermuda é afastada na PUC-RJ**. 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/02/1413606-professora-que-ironizou-passageiro-de-bermuda-e-afastada-na-puc-rj.shtml>>. Acesso em: 13 abr. 2019.

FORBES, Jorge; REALE JÚNIOR, Miguel; FERRAZ JÚNIOR, Tércio Sampaio (Org.). **A invenção do Futuro**. Barueri: Manole, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Ciberfil, 1971. Disponível em: <[http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Foucault\\_OrdemDoDiscurso.pdf](http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Foucault_OrdemDoDiscurso.pdf)>. Acesso em: 23 nov. 2017.

FURIERI, Débora. **O preconceito linguístico no ciberespaço: um Estudo sobre a discriminação linguística no Espaço virtual e seus agentes**. Anais do II Conel. 2014.

FREITAS, Leila Karla Moraes Rodrigues. Preconceito Linguístico em rede: uma análise discursiva das representações do Internetês em comunidades do Orkut. **Linguagens e Diálogos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p.106-120, nov. 2010.

G1. **Acessos à internet banda larga no Brasil chegam a 145 milhões**. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/04/acessos-internet-banda-larga-no-brasil-chegam-145-milhoes.html>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

G1. **Número de brasileiros que acessa internet no celular dobra em 2 anos**. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/06/numero-de-brasileiros-que-acessa-internet-celular-dobra-em-2-anos.html>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

- G1. **ONU afirma que acesso à internet é um direito humano.** 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/06/onu-afirma-que-acesso-internet-e-um-direito-humano.html>. Acesso em 16 ago. 2018.
- GATTI, Daniel Couto. **Sociedade informacional e an/alfabetismo digital.** Bauru/SC, Uberlândia/MG: EDUSC, EDUFU, 2005.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** São Paulo: Gen Grupo Editorial, 2008.
- GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2018. Tradução de Maria Célia Santos Raposo.
- GOMES, Helton Simões. **Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE.** 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 27 jan. 2019.
- GRIEBLER, Gustavo. **Pierre Lévy: as novas tecnologias e a virtualização do mundo humano.** Disponível em: <http://sites.setrem.com.br/stin/2012/anais/Griebler.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2017.
- GUBA, Ergon. **Toward a methodology of naturalistic inquiry in educational evaluation.** Monograph Series n.8. Loes Angeles, Center for the Study of Evaluation, 1978.
- GUIMARÃES, Saulo Pereira. **Brasil é o quarto país do mundo em número de smartphones.** 2013. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/tecnologia/brasil-e-o-quarto-pais-do-mundo-em-numero-de-smartphones/>>. Acesso em: 03 maio 2018.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HARAWAY, Donna J. **Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX.** In: TADEU, Tomaz et al (Org.). Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 33-118.
- HICKS, David. Re-examining the Future: The challenge for citizenship education. **Educational Review**, [s.l.], v. 53, n. 3, p.229-240, nov. 2001. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00131910120085838>.
- HOFSTEDE, Geert. **Cultures and Organizations.** Nova Iorque: MacGraw-Hill, 1997.
- HOLSTI, Ole Rudolf. **Content Analysis for the Social Sciences and Humanities.** Reading Mass., Addison-Wesley, 1969.

- IDC. **IDC: Smartphone OS Marketshare**. 2017. Disponível em: <<https://www.idc.com/promo/smartphone-market-share/os>>. Acesso em: 16 set. 2018.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O Português da gente**. São Paulo: Contexto, 2006.
- JACQUEMET, Matthieu. Transidiomatic practices: language and power in the age of globalization. **Language & Communication**, n.25, 2005, p. 257-277.
- JOY, Bill. Por que o futuro não precisa de nós. In: YEFFETH, Glenn et al. **A pílula vermelha: Questões de ciência, filosofia e religião em Matrix**. São Paulo: Publifolha, 2003. p. 216-252.
- KOMESU, Fabiana; TENANI, Luciani Ester. Práticas de letramento/escrita no contexto da tecnologia digital. *Revista Eutomia, Recife/pe*, v. 1, p.1-15, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.revistaeutomia.com.br/eutomia-ano3-volume1.html>>. Acesso em: 12 dez. 2017.
- KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de Investigaciones Unad**, Bogotá, v. 14, n. 2, p.55-73, jul. 2015.
- KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropológicos**. Bauru/sp: Edusc, 2003.
- LARA, Wallace. **Dono da Dolly, empresa de refrigerantes, é preso por fraude fiscal em SP**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/policia-prende-laerte-codonho-dono-de-empresa-de-refrigerantes-por-fraude-fiscal.ghtml>>. Acesso em: 10 maio 2018.
- LATOUR, Bruno. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos** / Bruno Latour, Steve Woogar; Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, C. **RAÇA E HISTÓRIA**. Unesco, 1952. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2868349/mod\\_resource/content/0/LÉVI-STRAUSS, Claude\\_Raça e história.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2868349/mod_resource/content/0/LÉVI-STRAUSS,_Claude_Raça_e_história.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2017.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LOURENÇO, Nelson. Globalização e glocalização. O difícil diálogo entre o global e o local. **Mulemba**, [s.l.], n. 48, p.17-31, 1 nov. 2014. OpenEdition. <<http://dx.doi.org/10.4000/mulemba.203>>.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: Epu, 1986.

- MAHER, Terezinha. **A Educação do Entorno para a Interculturalidade e o Plurilinguismo**. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.) *Linguística Aplicada: faces e interfaces*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007, p. 255-270.
- MARCUS, George. & FISCHER, Michael. J. (1999), **An-thropology as cultural critique: an experimental moment in the human sciences**. Chicago, The University of Chicago Press.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática. 1986.
- MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. **Ciberpolítica: conceitos e experiências**. Salvador: EDUFBA, 2016.
- MATHEWS, Gordon. **Cultura Global e Identidade Individual: à procura de um lar no supermercado cultural**. Bauru, SP: EDUSC, 2002 (Cap. 1: Sobre os significados da cultura).
- MATIAS, Alexandre. **A ‘Orkutização’ do Instagram e a natureza gregária da internet**. 2012. Disponível em: <<https://link.estadao.com.br/blogs/alexandre-matias/a-%E2%80%98Orkutizacao%E2%80%99-do-instagram-e-a-natureza-gregaria-da-internet/>>. Acesso em: 02 fev. 2018.
- MATSUURA, Sérgio. Brasil cultiva discurso de ódio nas redes sociais. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 ago. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-cultiva-discurso-de-odio-nas-redes-sociais-mostra-pesquisa-19841017>>. Acesso em: 01 fev. 2019.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MONTEIRO, Marko Synésio Alves. Reconsiderando a Etnografia da Ciência e da Tecnologia: Tecnociência na Prática. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n. 79, p.139-151, jun. 2012.  
Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n79/a09.pdf>>.
- MONTIEL, Edgard. **A nova ordem simbólica: a diversidade cultural na era da globalização**. In: SIDEKUM, A. (org.) *Alteridade e Multiculturalismo*. Ijuí: Editora Ijuí, 2013, p. 15-50.

- MORE: Mecanismo online para referências, versão 2.0. Florianópolis: UFSC Rexlab, 2013.  
Disponível em: < <http://www.more.ufsc.br/> >. Acesso em: 19/06/2018.
- NADER, Laura. (1972), “Up the anthropologist: perspectives gained from studying up”, in D. Hy-mes (org.), **Reinventing anthropology**, Nova York, Pantheon Books.
- NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR. **Lançamento Pesquisa TIC Domicílios 2017.** 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=my3UDiSthyk>>. Acesso em 24 jul.2018.
- OLIVEIRA, Marcos de. Primórdios da rede: A história dos primeiros momentos de internet no Brasil. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, v. 2, n. 180, p.16-25, fev. 2011.
- OLIVEIRA, Marcos de. Um construtor da internet. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, v. 7, n. 221, p.24-31, jul. 2014.
- ONU. **Report of the Special Rapporteur on the promotion and protection of the right to freedom of opinion and expression.** 2011. Disponível em: <[http://www2.ohchr.org/english/bodies/hrcouncil/docs/17session/A.HRC.17.27\\_en.pdf](http://www2.ohchr.org/english/bodies/hrcouncil/docs/17session/A.HRC.17.27_en.pdf)>. Acesso em: 26 ago. 2018.
- O'REILLY, Tim. **What Is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software.** 2005. Disponível em: <<https://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>>. Acesso em: 08 ago. 2018.
- ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: Princípios e procedimentos.** Campinas: Pontes, 2015.
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: No movimento dos sentidos.** Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- ORLANDI, Eni. Prefácio. In: DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo.** Campinas: Pontes, 2018.
- PARSELL, Mitch. **Pernicious virtual communities: Identity, polarisation and the Web 2.0.** Ethics And Information Technology, [s.l.], v. 10, n. 1, p.41-56, mar. 2008. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1007/s10676-008-9153-y>.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso, estrutura ou acontecimento.** Campinas, Editora. Pontes, 2008.

- PELLEGRINI, Marcelo. **Os motivos da decadência do Orkut**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/tecnologia/os-caminhos-da-decadencia-do-Orkut>>. Acesso em: 16 set. 2018.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- PRADO, Eduardo. **Em Debate Especial O setor de Telecom no Brasil em 2008**. 2008. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/emdebate/eprado33.asp>>. Acesso em: 03 jun. 2018.
- PUGLIERO, Fernanda. Como o ódio viralizou no Brasil. **Carta Capital**, São Paulo, n. , p.1-1, 20 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/como-o-odio-viralizou-no-brasil/>>. Acesso em: 15 fev. 2019.
- RECUERO, Raquel. Orkut x Facebook: Divisão de classe no Brasil? Social Media, 23 jul. 2010, Disponível em: [http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/Orkut\\_x\\_Facebook\\_divisao\\_de\\_classe\\_no\\_brasil.html](http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/Orkut_x_Facebook_divisao_de_classe_no_brasil.html)>. Acesso em 12 jun. 2010.
- SABBATINI, Marcelo. **Gente “diferenciada” e a favelização digital: olhar folkcomunicação sobre conflitos interculturais no terreno da convergência digital**. in:INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife/pe. 2011. p.1-14. Disponível em: <<http://www.marcelo.sabbatini.com/arquivos/2011-intercom.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2017.
- SALAS, Javier. **Se está na cozinha, é uma mulher: como os algoritmos reforçam preconceitos**. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/ciencia/1505818015\\_847097.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/ciencia/1505818015_847097.html)>. Acesso em: 26 nov. 2017.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle**. São Paulo: Parábola, 2005.
- SCHULZ, Peter. Interlúdio sobre o futuro. **Jornal da Unicamp**. Campinas, 31 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/artigos/peter-schulz/interludio-sobre-o-futuro>>. Acesso em: 01 maio 2019.



- SILVA, Octávio Augusto Bueno Fonseca da. **O preconceito linguístico como barreira à inclusão digital**. 2014. 62 f. Monografia - Curso de Licenciatura em Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- SILVA, Tomaz. Tadeu. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, T. T. (org.) **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2018.
- TRINDADE, Rodrigo. **Capitalismo sem Capital: Bill Gates apresenta seu novo livro favorito**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/tecnologia/noticias/redacao/2018/08/22/tendencia-economica-ignorada-bill-gates-apresenta-seu-novo-livro-favorito.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2018.
- WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Martin Claret, 2016.
- WOLF, Eric. **Cultura, Ideologia, Poder e Futuro da Antropologia** in Estudos de Antropologia Social – Mana –, Vol.04, n.01. Contra Capa, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v4n1/2430.pdf>
- WOLF, Eric. **Envisioning Power: Ideologies of Dominance and Power**, University of California Press, Ltd. 1999.
- ZUBOFF, Shoshana. Big other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization. **Journal Of Information Technology**, [s.l.], v. 30, n. 1, p.75-89, mar. 2015. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1057/jit.2015.5>.

## ANEXO I – Lista de figuras do Corpus “Aprendendo Dollynez”

<b>Fonte:</b>	<b>Nome do arquivo:</b>
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1878080738981777/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1878080738981777/?type=3&amp;theater</a>	30-12-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1875971652526019/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1875971652526019/?type=3&amp;theater</a>	30-12-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1869624639827387/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1869624639827387/?type=3&amp;theater</a>	24-12-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1866616793461505/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1866616793461505/?type=3&amp;theater</a>	23-12-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1865390286917489/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1865390286917489/?type=3&amp;theater</a>	21-12-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1865394476917070/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1865394476917070/?type=3&amp;theater</a>	21-12-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1863564517100066/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1863564517100066/?type=3&amp;theater</a>	20-12-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1862116107244907/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1862116107244907/?type=3&amp;theater</a>	19-12-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1860655480724303/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1860655480724303/?type=3&amp;theater</a>	18-12-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1857289887727529/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1857289887727529/?type=3&amp;theater</a>	16-12-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1856627887793729/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1856627887793729/?type=3&amp;theater</a>	15-12-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1854946287961889/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1854946287961889/?type=3&amp;theater</a>	14-12-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1839324412857410/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1839324412857410/?type=3&amp;theater</a>	12-12-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1850544045068780/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1850544045068780/?type=3&amp;theater</a>	11-12-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1850527418403776/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1850527418403776/?type=3&amp;theater</a>	11-12-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1849300741859777/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1849300741859777/?type=3&amp;theater</a>	10-12-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1847917031998148/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1847917031998148/?type=3&amp;theater</a>	09-12-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1891145917675259/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1891145917675259/?type=3&amp;theater</a>	09-12-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1838000409656477/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1838000409656477/?type=3&amp;theater</a>	03-12-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1837998676323317/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1837998676323317/?type=3&amp;theater</a>	02-12-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1836164673173384/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1836164673173384/?type=3&amp;theater</a>	01-12-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1833549603434891/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1833549603434891/?type=3&amp;theater</a>	29-11-18-A

<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1830816037041581/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1830816037041581/?type=3&amp;theater</a>	27-11-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1828183347304850/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1828183347304850/?type=3&amp;theater</a>	25-11-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1828181893971662/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1828181893971662/?type=3&amp;theater</a>	25-11-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1826743087448876/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1826743087448876/?type=3&amp;theater</a>	24-11-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1825545650901953/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1825545650901953/?type=3&amp;theater</a>	23-11-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1825539907569194/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1825539907569194/?type=3&amp;theater</a>	23-11-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1821678771288641/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1821678771288641/?type=3&amp;theater</a>	22-11-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1818240664965785/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1818240664965785/?type=3&amp;theater</a>	18-11-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1818237131632805/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1818237131632805/?type=3&amp;theater</a>	18-11-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1814550558668129/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1814550558668129/?type=3&amp;theater</a>	15-11-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1814549372001581/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1814549372001581/?type=3&amp;theater</a>	15-11-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1813350878788097/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1813350878788097/?type=3&amp;theater</a>	14-11-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1812178378905347/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1812178378905347/?type=3&amp;theater</a>	13-11-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1809555219167663/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1809555219167663/?type=3&amp;theater</a>	11-11-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1809549382501580/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1809549382501580/?type=3&amp;theater</a>	11-11-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1807574889365696/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1807574889365696/?type=3&amp;theater</a>	10-11-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1806355532820965/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1806355532820965/?type=3&amp;theater</a>	09-11-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1806339626155889/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1806339626155889/?type=3&amp;theater</a>	09-11-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1806356989487486/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1806356989487486/?type=3&amp;theater</a>	09-11-18-C
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1804788226311029/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1804788226311029/?type=3&amp;theater</a>	08-11-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1803410379782147/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1803410379782147/?type=3&amp;theater</a>	07-11-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1799912653465253/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1799912653465253/?type=3&amp;theater</a>	04-11-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1799907300132455/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1799907300132455/?type=3&amp;theater</a>	04-11-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1798063753650143/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1798063753650143/?type=3&amp;theater</a>	03-11-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1798063753650143/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1798063753650143/?type=3&amp;theater</a>	01-11-18-A

39/1794829970640188/?type=3&theater	
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1794826103973908/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1794826103973908/?type=3&amp;theater</a>	01-11-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1793313864125132/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1793313864125132/?type=3&amp;theater</a>	31-10-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1788140724642446/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1788140724642446/?type=3&amp;theater</a>	28-10-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1783031568486695/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1783031568486695/?type=3&amp;theater</a>	24-10-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1781884528601399/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1781884528601399/?type=3&amp;theater</a>	23-10-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1775369902586195/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1775369902586195/?type=3&amp;theater</a>	18-10-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1773951259394726/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1773951259394726/?type=3&amp;theater</a>	17-10-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1766174256839093/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1766174256839093/?type=3&amp;theater</a>	11-10-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1763636803759505/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1763636803759505/?type=3&amp;theater</a>	09-10-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1759888564134329/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1759888564134329/?type=3&amp;theater</a>	07-10-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1753669318089587/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1753669318089587/?type=3&amp;theater</a>	01-10-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1748907821899070/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1748907821899070/?type=3&amp;theater</a>	27-09-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1744973798959139/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1744973798959139/?type=3&amp;theater</a>	24-09-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1740402042749648/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1740402042749648/?type=3&amp;theater</a>	20-09-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1738104782979374/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1738104782979374/?type=3&amp;theater</a>	18-09-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1733535493436303/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1733535493436303/?type=3&amp;theater</a>	14-09-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1729760367147149/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1729760367147149/?type=3&amp;theater</a>	11-09-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1727465034043349/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1727465034043349/?type=3&amp;theater</a>	09-09-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1724943947628791/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1724943947628791/?type=3&amp;theater</a>	07-09-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1722413017881884/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1722413017881884/?type=3&amp;theater</a>	05-09-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1722407647882421/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1722407647882421/?type=3&amp;theater</a>	05-09-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1719007554889097/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1719007554889097/?type=3&amp;theater</a>	02-09-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1716215461834973/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1716215461834973/?type=3&amp;theater</a>	31-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1715309315258921/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1715309315258921/?type=3&amp;theater</a>	30-08-18-A

<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1714169655372887/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1714169655372887/?type=3&amp;theater</a>	29-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1710965412359978/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1710965412359978/?type=3&amp;theater</a>	27-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1707610846028768/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1707610846028768/?type=3&amp;theater</a>	24-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1707599936029859/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1707599936029859/?type=3&amp;theater</a>	24-08-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1705990406190812/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1705990406190812/?type=3&amp;theater</a>	23-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1705975236192329/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1705975236192329/?type=3&amp;theater</a>	23-08-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1705974716192381/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1705974716192381/?type=3&amp;theater</a>	23-08-18-C
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1704237943032725/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1704237943032725/?type=3&amp;theater</a>	22-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1702493443207175/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1702493443207175/?type=3&amp;theater</a>	21-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1702490769874109/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1702490769874109/?type=3&amp;theater</a>	21-08-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1702484143208105/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1702484143208105/?type=3&amp;theater</a>	21-08-18-C
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1700849900038196/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1700849900038196/?type=3&amp;theater</a>	20-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1697423330380853/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1697423330380853/?type=3&amp;theater</a>	18-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1693822934074226/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1693822934074226/?type=3&amp;theater</a>	16-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1692037360919450/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1692037360919450/?type=3&amp;theater</a>	15-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1688531651270021/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1688531651270021/?type=3&amp;theater</a>	13-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1686949898094863/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1686949898094863/?type=3&amp;theater</a>	12-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1679998472123339/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1679998472123339/?type=3&amp;theater</a>	08-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1671559999633853/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1671559999633853/?type=3&amp;theater</a>	03-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1668384216618098/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1668384216618098/?type=3&amp;theater</a>	01-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1666819320107921/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1666819320107921/?type=3&amp;theater</a>	31-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1665274743595712/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1665274743595712/?type=3&amp;theater</a>	30-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1662177403905446/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1662177403905446/?type=3&amp;theater</a>	28-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1660564030733450/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1660564030733450/?type=3&amp;theater</a>	27-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1660564030733450/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1660564030733450/?type=3&amp;theater</a>	26-07-18-A

39/1659063534216833/?type=3&theater	
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1659052807551239/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1659052807551239/?type=3&amp;theater</a>	26-07-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1657615621028291/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1657615621028291/?type=3&amp;theater</a>	25-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1655995441190309/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1655995441190309/?type=3&amp;theater</a>	24-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1655989121190941/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1655989121190941/?type=3&amp;theater</a>	24-07-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1654379028018617/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1654379028018617/?type=3&amp;theater</a>	23-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1654378008018719/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1654378008018719/?type=3&amp;theater</a>	23-07-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1649397791850074/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1649397791850074/?type=3&amp;theater</a>	20-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1647942738662246/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1647942738662246/?type=3&amp;theater</a>	19-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1643334465789740/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1643334465789740/?type=3&amp;theater</a>	16-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1638749452914908/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1638749452914908/?type=3&amp;theater</a>	13-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1644925465630640/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1644925465630640/?type=3&amp;theater</a>	12-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1632646690191851/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1632646690191851/?type=3&amp;theater</a>	09-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1631466586976528/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1631466586976528/?type=3&amp;theater</a>	08-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1629679803821873/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1629679803821873/?type=3&amp;theater</a>	08-07-18-B
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1630035497119637/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1630035497119637/?type=3&amp;theater</a>	07-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1628617173928136/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1628617173928136/?type=3&amp;theater</a>	06-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1625223610934159/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1625223610934159/?type=3&amp;theater</a>	04-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1622034267919760/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1622034267919760/?type=3&amp;theater</a>	02-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1618638904925963/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1618638904925963/?type=3&amp;theater</a>	01-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1614026075387246/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1614026075387246/?type=3&amp;theater</a>	27-06-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1608288212627699/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1608288212627699/?type=3&amp;theater</a>	24-06-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1609360792520441/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1609360792520441/?type=3&amp;theater</a>	23-06-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1600155190107668/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1600155190107668/?type=3&amp;theater</a>	18-06-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1595613477228506/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1595613477228506/?type=3&amp;theater</a>	15-06-18-A

<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1590932594363261/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1590932594363261/?type=3&amp;theater</a>	12-06-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1592540060869181/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1592540060869181/?type=3&amp;theater</a>	12-06-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1590192031103984/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1590192031103984/?type=3&amp;theater</a>	11-06-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1590192031103984/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1590192031103984/?type=3&amp;theater</a>	10-06-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1587877028002151/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1587877028002151/?type=3&amp;theater</a>	09-06-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1586119724844548/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1586119724844548/?type=3&amp;theater</a>	07-06-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1582960515160469/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1582960515160469/?type=3&amp;theater</a>	05-06-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1581980885258432/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1581980885258432/?type=3&amp;theater</a>	03-06-18-A
<a href="https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1580332935423227/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/AprendendoDollynez/photos/a.1473738492749339/1580332935423227/?type=3&amp;theater</a>	01-06-18-A

## ANEXO II – Lista de figuras do Corpus “Português da Depressão”

<b>Fonte:</b>	<b>Nome do arquivo:</b>
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2133031526775002/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2133031526775002/?type=3&amp;theater</a>	05-12-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2131610776917077/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2131610776917077/?type=3&amp;theater</a>	04-12-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2131607510250737/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2131607510250737/?type=3&amp;theater</a>	04-12-18-B
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2120397348038420/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2120397348038420/?type=3&amp;theater</a>	25-11-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2119080651503423/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2119080651503423/?type=3&amp;theater</a>	24-11-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2119080621503426/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2119080621503426/?type=3&amp;theater</a>	24-11-18-B
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2119051174839704/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2119051174839704/?type=3&amp;theater</a>	24-11-18-C
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2118860281525460/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2118860281525460/?type=3&amp;theater</a>	24-11-18-D
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2083980645013424/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2083980645013424/?type=3&amp;theater</a>	30-10-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2083506185060870/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2083506185060870/?type=3&amp;theater</a>	29-10-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2076633965748092/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2076633965748092/?type=3&amp;theater</a>	24-10-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2076337109111111/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2076337109111111/?type=3&amp;theater</a>	24-10-18-B
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2076331002445055/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2076331002445055/?type=3&amp;theater</a>	24-10-18-C
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2066455133432642/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2066455133432642/?type=3&amp;theater</a>	16-10-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2062960730448749/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2062960730448749/?type=3&amp;theater</a>	13-10-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2056526631092159/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2056526631092159/?type=3&amp;theater</a>	09-10-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2056520144426141/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2056520144426141/?type=3&amp;theater</a>	09-10-18-B
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2056510517760437/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2056510517760437/?type=3&amp;theater</a>	09-10-18-C
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2053455238065965/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2053455238065965/?type=3&amp;theater</a>	06-10-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2053452448066244/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2053452448066244/?type=3&amp;theater</a>	06-10-18-B
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2053452448066244/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2053452448066244/?type=3&amp;theater</a>	02-10-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2041248969286592/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2041248969286592/?type=3&amp;theater</a>	26-09-18-A



<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2039779759433513/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2039779759433513/?type=3&amp;theater</a>	25-09-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2039778892766933/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2039778892766933/?type=3&amp;theater</a>	25-09-18-B
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2039777532767069/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2039777532767069/?type=3&amp;theater</a>	25-09-18-C
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2037809246297231/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2037809246297231/?type=3&amp;theater</a>	23-09-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2037679522976870/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/2037679522976870/?type=3&amp;theater</a>	23-09-18-B
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1983824768362346/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1983824768362346/?type=3&amp;theater</a>	20-09-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1983814888363334/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1983814888363334/?type=3&amp;theater</a>	20-09-18-B
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1983470465064443/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1983470465064443/?type=3&amp;theater</a>	20-09-18-C
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1983375835073906/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1983375835073906/?type=3&amp;theater</a>	19-09-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1981542125257277/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1981542125257277/?type=3&amp;theater</a>	18-09-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1981541668590656/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1981541668590656/?type=3&amp;theater</a>	18-09-18-B
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1963682970376526/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1963682970376526/?type=3&amp;theater</a>	05-09-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1950998274978329/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1950998274978329/?type=3&amp;theater</a>	24-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1950996694978487/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1950996694978487/?type=3&amp;theater</a>	24-08-18-B
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1949276398483850/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1949276398483850/?type=3&amp;theater</a>	23-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1949276398483850/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1949276398483850/?type=3&amp;theater</a>	23-08-18-B
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1944384235639733/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1944384235639733/?type=3&amp;theater</a>	21-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1944382392306584/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1944382392306584/?type=3&amp;theater</a>	21-08-18-B
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1944382392306584/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1944382392306584/?type=3&amp;theater</a>	21-08-18-C
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1942618269149663/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1942618269149663/?type=3&amp;theater</a>	19-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1940621526016004/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1940621526016004/?type=3&amp;theater</a>	18-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1940370092707814/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1940370092707814/?type=3&amp;theater</a>	18-08-18-B
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1922011211210369/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1922011211210369/?type=3&amp;theater</a>	08-08-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1907344932676997/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1907344932676997/?type=3&amp;theater</a>	30-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1907344932676997/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1907344932676997/?type=3&amp;theater</a>	30-07-18-B

37/1907333412678149/?type=3&theater	
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1899881533423337/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1899881533423337/?type=3&amp;theater</a>	25-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1899874273424063/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1899874273424063/?type=3&amp;theater</a>	25-07-18-B
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1897708806973943/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1897708806973943/?type=3&amp;theater</a>	24-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1897692876975536/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1897692876975536/?type=3&amp;theater</a>	24-07-18-B
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1889551434456347/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1889551434456347/?type=3&amp;theater</a>	19-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1889018467842977/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1889018467842977/?type=3&amp;theater</a>	18-07-18-B
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1880203458724478/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1880203458724478/?type=3&amp;theater</a>	12-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1880203458724478/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1880203458724478/?type=3&amp;theater</a>	10-07-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1850424088369082/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1850424088369082/?type=3&amp;theater</a>	22-06-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1843166202428204/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1843166202428204/?type=3&amp;theater</a>	18-06-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1843157089095782/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1843157089095782/?type=3&amp;theater</a>	18-06-18-B
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1843149942429830/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1843149942429830/?type=3&amp;theater</a>	18-06-18-C
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1840853039326187/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1840853039326187/?type=3&amp;theater</a>	16-06-18-A
<a href="https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1829174583827366/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/a.312913358786837/1829174583827366/?type=3&amp;theater</a>	06-06-18-A